

NA 3.ª PÁGINA: «A LIMITAÇÃO DOS ARMAMENTOS NUCLEARES»

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEGUNDA-FEIRA, 6 DE OUTUBRO DE 1969 N.º 16 809 ANO 49.º PREÇO 1\$50

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

O 5 DE OUTUBRO FOI SOLENEMENTE COMEMORADO EM TODO O PAÍS

O PRESIDENTE DO CONSELHO ASSISTIU AO IÇAR DA BANDEIRA NACIONAL NA VARANDA DO MUNICÍPIO DE LISBOA

A data histórica da implantação da República foi comemorada, oficialmente, com duas cerimónias. A primeira decorreu no cemitério do Alto de São João, junto ao mausoléu do comandante Machado dos Santos, onde compareceu o ministro da Marinha, almirante Pereira Crespo, acompanhado dos vice-chefes dos Estados-Maiores do Exército e da Armada, respectivamente general Afonso Lopes Franco e almirante Ornelas e Vasconcelos, e do subchefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Dias Costa.

(Continua na 12.ª página)

FORAM COLOCADAS FLORES NAS CAMPAS DE GRANDES VULTOS DA REPÚBLICA NO CEMITÉRIO DO ALTO DE S. JOÃO

No cemitério do Alto de São João mais de duas mil pessoas concentraram-se pelas 10 e 30 para homenagear os republicanos mortos.

Depois, com o maior civismo, enquadrados por candidatos a deputados da C. D. E. e da C. E. U. D., dirigiram-se para os túmulos de diversos republicanos onde oradores improvisaram perante o entusiasmo da multidão.



WILLY BRANDT que abandona o cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros no Governo Kiensinger para se dedicar à formação do novo gabinete

Treze pessoas, pelo menos, foram detidas ontem pela Polícia quando tentavam comemorar publicamente o Cinco de Outubro, depois da romagem organizada pelos Centros Republicanos no cemitério do Alto de São João.

(Continua na 12.ª página)



O Presidente do Conselho, a direita, assiste ao içar da bandeira na varanda do Município de Lisboa



Um aspecto parcial dos democratas que ontem se integraram na romagem organizada pelos Centros Republicanos ao cemitério do Alto de São João

DIÁLOGO

—principal objectivo
do novo governo de Bonn
em relação ao Leste

BELGRADO, 6 — (R.) — O «Politika» destacado jornal de Belgrado observava ontem que as perspectivas de Willy Brandt assumir a chefia do Governo na Alemanha Ocidental abriam possibilidades sem precedentes na Europa.

«A transição do poder em Bonn instila esperança e encorajamento porque abre

(Continua na 9.ª página)

HOJE 40 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

especial
ELEIÇÕES

HOJE

«A Universidade e a Vida Nacional», artigo do prof. Celestino da Costa. «A emigração — causas, consequências e soluções», mesa-redonda em que participam Etelvina Lopes de Almeida, prof. Francisco Pereira de Moura e dr. Henrique Barrilero Ruas. Reportagens das sessões públicas da Oposição e da U. N.. Assim vamos nós, etc. etc.

No Suplemento

MESA
REDONDA

Edição da noite

HÁ PESCAR E PESCAR, HÁ PERDER E GANHAR—4

AS INFRA-ESTRUTURAS TERRESTRES DAS PESCAS

— passo gigantesco que se deu para fazer chegar o peixe a todos os recantos do País

Publicamos hoje a penúltima parte da carta dos Gremios dos Armadores de Navios da Pesca do Bacalhau, da Pesca de Arrasto, da Pesca da Sardinha e da Pesca do Atum, que também respondem pelo título e pelos substitutos.

Referindo-se às infra-estruturas terrestres das pescas, escreve aquele documento:

«O desenvolvimento das frotas, o aumento das quantidades descarregadas e das captações e a comercialização do peixe congelado exigiam a construção de infra-estruturas em terra. Em Lisboa, porto em que são descarregadas as maiores quantidades de produtos do mar, havia o chamado frigorífico de Santos que, de frigorífico — como se sabe — só tinha o nome.

«As condições de acesso e de trabalho eram extremamente deficientes e havia a necessidade imperiosa de as substituir.

«Em Leixões, maior porto de armamento da sardinha de Portugal (mais de 40 % em média da produção nacional é ali vendida) também não havia instalações adequadas e a sardinha era descarregada manualmente.

«Matosinhos tem agora uma capacidade frigorífica para 3500 toneladas, número a duplicar até ao fim do ano.

«Mas essa expansão vai prosseguir em medida espectacular, pois em 1970 a capacidade frigorífica naquele grande centro piscatório do Norte aumentará em 6000 toneladas, e, no ano seguinte, em outras 6000. Investiram-se, até agora, 48 000 contos e como o edifício se encontra totalmente construído, espera-se que, em novos equipamentos, com um dispêndio de 22 000 contos, se poderá dispor duma capacidade da ordem das 19 000 toneladas.

o que representará uma das maiores unidades frigoríficas da Península — se não a maior.

«Em Vila Real de Santo António e em Olhão investiram-se 15 000 contos para uma capacidade de 250 toneladas em cada uma daquelas vilas — mas como os edifícios o permitem, e o movimento o justifica, tais capacidades vão ser, em breve, duplicadas. Convm ainda lembrar que, presentemente, há em todos os distritos no continente, câmaras frigoríficas com suficiente capacidade de armazenagem para abastecer todas as vilas e muitas aldeias, por onde se encontram espalhados armários de congelados dos quais, só os distribuídos, por intermédio da Organização, andam por 5000.

«Os principais centros abastecedores de peixe congelado são: Porto, Monção, Braga, Santo Tirso, Guimarães, Barcelos, Fafe, Fátima, Póvoa de Varzim, Régua, Macedo de Cavaleiros, Viseu, Covilhã, Castelo Branco, Ovar, Aveiro, Coimbra, Figueira da Foz, Leiria, Abrantes, Caldas, Estremoz, Montemor-o-Novo, Beja, Olhão, Vila Real e Portimão.

«Foi o advento da era do peixe congelado que tornou possível, mercê de uma vasta rede, o abastecimento ao País até aos confins do seu interior — realidade que bem palpável e, portanto, iniludível.

«Realizações mais urgentes eram, portanto, a construção de um porto de pesca em Lisboa e a instalação, no porto de Leixões, de serviços de pesca e descarga da sardinha.

«Pois em Lisboa foi construída, em Pedrouços, a Doca de Pesca, realização que se pode confrontar favoravelmente com os mais modernos portos de pesca estrangeiros, dotada de instalações frigoríficas para 5500 toneladas, estando já programado o seu aumento para o dobro. Até agora, essa obra que se pode classificar de gigantesca — como alguns técnicos estrangeiros a têm considerado — importou já em 250 000 contos, dos quais 40 000 cabem às modelares instalações frigoríficas. A ampliação destas últimas — já em curso — importará em mais 30 000 contos.

O objectivo a atingir com a construção destas instalações foi o de assegurar uma maior economia na exploração da indústria da pesca, pela intensificação da produção e do consumo, na zona de influência do centro de pesca de Lisboa, com a aplicação

de modernos processos científicos de racionalização do trabalho.

Uma ideia geral da doca de pesca de Pedrouços

«A doca de Pedrouços — vale a pena referi-lo — que constitui o elemento base do porto de pesca de Lisboa, foi construída com as dimensões de 480 m. de comprimento por 162 m. de largura, dispondo de uma boca de entrada de 70 m. de largo.

«A área molhada da doca ficou a abranger a superfície de 60 000 metros quadrados. A extensão de muros-cais utilizáveis é de 680 metros. Como edifícios principais, citam-se: a lota; comerciais e higienização de calças; serviços sociais; instalações da Guarda Fiscal; instalações das armadoras; serviços gerais; armazéns gerais e lotas de sardinha e pesca artesanal.

«De todo o conjunto de instalações é, sem dúvida, o edifício da lota o que, pelas suas características, extensão e instalações técnicas, ocupa lugar mais destacado. Tendo um comprimento de 300 metros e 57 metros de largura, a sua superfície útil é de 20 000 metros quadrados, classificando-se como o edifício de maior extensão construído em Lisboa nos últimos tempos.

«No que se refere às instalações industriais, assinalam-se as seguintes: central de frio, oficinas, estação de serviço e posto de abastecimento e depósitos de combustíveis.

«Este conjunto de instalações — base da rede frigorífica das pescas — é da mais alta importância técnica e económica na exploração do Porto de Lisboa. Por isso foram considera-

(Continua na 14.ª pág.)

Em três linhas

Foram remetidas para o «Diário do Governo» portarias do titular da pasta do Interior que reconduzem como presidente e vice-presidente das Câmaras Municipais dos concelhos de Estremoz e de Mira, respectivamente, os dres. Luis Pascoal Rosado e José Luis Cravo Roxo.

///

Com a presença do Chefe do Estado é inaugurado solenemente o ano lectivo do Colégio Militar no próximo dia 17 de Outubro.

en. Albufeira, e já anteriormente concedida por despacho ministerial.

///

O sr. ministro da Defesa confirmou o louvor, dado pelo Comando Chefe das Forças Armadas da Guiné, ao sr. capitão Alípio Emílio Tomé Falcão, a quem foi atribuída a medalha de prata dos Serviços Distintos, com palma.

Santareno na Estufa Fria

Recomeçam esta noite as representações de «O lugre» de Bernardo Santareno na Estufa Fria, «O lugre» manter-se-á em cena até ao próximo dia 10.

ora diga-nos...

— Tem quadros em casa?

Não se vive só de pão. Mas sem a presença da arte pode viver-se? Fomos perguntar isso à rua.



• — Tenho pelo menos três — declara-nos D. Blandina Dinis, doméstica. — Um representa uma feira, com crianças e os outros dois referem-se ao Algarve, têm amendoeiras em flor e um burro puxado por uma rapariga.

— Então são bonitos? — São coloridos. Mas não sei bem se são pinturas ou fotografias



• O sr. Amando Martins de Castro, montador de máquinas de escrever, aprecia muito as obras de arte, disse:

— Mas são caríssimas, mesmo as reproduções. E é pena, porque, mesmo para as crianças, as obras de arte fazem falta numa casa.

— Então não tem nenhum quadro?

— Tenho um pequenino, de Picasso. Reprodução, está claro...

• — Em casa só tenho um quadro, logo à entrada — diz-nos o Manuel José Carvalho Baptista, aluno da Escola Manuel da Maia. — O quadro representa o Camões na gruta.

— E que tal está o Camões?

— Está sentado...



Novo produto para DEIXAR de fumar

Recomendadas por distintos médicos portugueses, as dragéias «FUMANO», eliminam eficazmente a necessidade de fumar e são inofensivas. Preço a pronto 375\$00; ou em 2 mensalidades de 200\$00 cada. Pedir o produto á cobrança ou folhetos elucidativos grátis aos únicos distribuidores: Zemig Departamento Distribuidor. Estabelecimento: Rua de S. Dinis, 594 — Porto.

Fabrique belge de bas médicaux cherche un GROSSISTE-IMPORTATEUR

pour la distribution de ses bas à varices très élégants et adéquats (pas bas de support).

Prière de solliciter dans la langue anglaise, allemande ou française:

«ANVAREX» P. V. B. A.,
269, Tienesteenweg
KESSEL-LO. (Leuven)
BELGIQUE

Externato Sá de Miranda

PRIMARIO * C. PREPARATÓRIO * LICEAL

- Inexcedível Corpo Docente
- Instalações funcionais e agradáveis

R. ALEXANDRE BRAGA, 17 (A ESTEFANIA)
Telefs.: Secret. 45310 — Direcção 537532

LICEU

CICLO PREPARATÓRIO — CURSO COMERCIAL
ADMISSÃO INSTITUTOS — LINGUAS

DIURNO: DAS 9 AS 19 H.
NOCTURNO: DAS 19 AS 24 H.

- ESCOLA SÃO VICENTE:
Rua do Paraíso, 28 — Telef. 865904
- EXTERNATO MARQUES DE POMBAL:
Rua Carrilho Videira, 10 (ao Chite) — Telef. 834658
- EXTERNATO ALVARES CABRAL:
Av. Grão Vasco, 1 (em Benfica) — Telef. 706974
ABERTAS AS MATRICULAS

A LIMITAÇÃO DOS ARMAMENTOS NUCLEARES

Aguardam-se há dois anos as conversações soviético-americanas mas entretanto muita coisa mudou...

Quase podemos dizer que as conversações soviético-americanas sobre a limitação das armas estratégicas — as SALT, da gíria política anglo-saxónica — adquiriram já o direito à existência, muito antes de terem começado.

Ninguém as vê, mas todos falam delas: uns, sobretudo no Senado e na opinião pública americana, para pedir uma suspensão do desdobramento de novos tipos de armas, na expectativa de um acordo com os russos; outros, no Pentágono, para darem uma ajuda, a fim de se criarem factos consumados antes do prazo, outros, por fim, especialmente numerosos na administração para preconizarem um desenvolvimento «moderado» destas armas, consideradas como moeda de troca nas negociações com os russos. Como estes muito provavelmente se entregam também (embora menos ruidosamente) há cálculos análogos, muito tempo se tem estado a perder, e estas negociações, se vierem um dia a abrir-se, serão encetadas adentro de um contexto muito diferente daquele que prevalecia no começo de 1967, quando a ideia foi posta, pela primeira vez. Dois acontecimentos da maior importância vieram transformar a situação no decurso deste período.

O primeiro é o espectacular reforço da potência estratégica soviética, que o relatório anual de estudos estratégicos de Londres acaba de ilustrar. Nos termos deste estudo, que se apóia nas melhores fontes e cujas conclusões são autorizadas, o ano de 1969 merecerá figurar em bom lugar na história do equilíbrio das forças depois da II Guerra. Foi, com efeito, o ano em que a U. R. S. S. alcançou e ultrapassou os E. U. A. no número

de foguetões nucleares inter-nacionais (I. C. B. M.): face aos 1054 «minutemen» e «Titan-2» dos americanos, os soviéticos dispõem, desde agora, de cerca de 1050 I. C. B. M., no solo ou encerrados nos silos, e, no fim do ano, terão mais 100.

O progresso foi extremamente rápido, pois nenhuma ponte ocidental enumerava mais de 300 foguetões destes, em 1966; o «parque» soviético mais que triplicou em 3 anos e isto, muito embora McNamara, primeiro, e o seu sucessor, Clifford, depois, te-

hoje em serviço sete a nove submarinos deste tipo. Finalmente, a esquadra americana de bombardeiros estratégicos com longo ralo de acção, a qual conta com 850 B-52 e 60 B-58, eclipsa, de longe, os 150 aparelhos de tipo análogo, que a U. R. S. S. pode alinhar.

OS S. S. - 9

A superioridade americana no plano qualitativo parece igualmente incontestável: depois de ter pregado um susto muito regular à opinião pública, no começo deste ano, com evocações quase apocalípticas do novo I. C. B. M. Soviético S. S.-9 — um engenho muito mais preciso que o seu antecessor S.S.-11, capaz de transportar uma carga nuclear de 25 megato-

a 3700 quilómetros para o modelo mais recente contra 5200 quilómetros para o «Polaris-3» e alguns deles não poderiam ser lançados em imersão.

Apesar destas insuficiências, o esforço soviético em matéria de armamentos estratégicos, nestes últimos anos, não deixa de impressionar. Personalidades tão pouco suspeitas de «alarmismo profissional», como são os professores Chayes, Wiesner — que foi conselheiro científico do presidente Johnson — Rathipens e Weinberg, autores de um estudo, prefaciado pelo senador Edward Kennedy, contra o desdobramento da rede antifoguetões «Salvaguarda» (1), não hesitam em classificar de «perturbadora» este crescimento da potência soviética. Mais impressionante se torna, quando o compararmos com os resultados recentemente obtidos em matéria naval: a frota de guerra soviética, que já há algum tempo, era a segunda do mundo em tonelagem, é agora a primeira em matéria de juventude das unidades e de modernidade média do seu apetrechamento; dispõe de mais submarinos (363, com 60 de propulsão nuclear) que todas as outras marinhas do mundo juntas. A multiplicação das visitas e dos exercícios em todos os mares e oceanos do Globo, de há um ano para cá, testemunha o desenvolvimento paralelo de «uma política de presença», enquanto a recente criação de um corpo de infantaria da marinha e o aparecimento do porta-helicópteros «Moskva» correspondem ao desejo novamente afirmado, pelos dirigentes de Moscovo, de de-

Por MICHEL TATU

nham ambos assegurado, em 1968, que o progresso soviético iria «baixar consideravelmente de ritmo» nos dois ou três anos mais próximos.

É verdade que os E. U. A. conservam a sua superioridade em numerosos domínios: os 656 foguetões «Polaris», a bordo de 41 submarinos a propulsão nuclear deixam muito para trás os 160 engenhos deste tipo, distribuídos por submarinos de classe desigual, de que a U. R. S. S. dispõe. Mas também nesse ponto a distância vai diminuir: os estaleiros soviéticos podem lançar, pelo menos, quatro submarinos nucleares, por ano, análogos ao modelo americano e, como ele, equipados com 16 engenhos de alcance médio. Segundo as fontes americanas, já estão

neladas (e de que a U. R. S. S. disporia em número de 200) — Melvin Laird, secretário americano da defesa, teve de reconhecer que este foguetão empregava um combustível líquido, o que torna o seu manejo muito mais complexo e exige um prazo de accionamento de fogo muito superior. Segundo o Instituto Estratégico de Londres, a U. R. S. S. está ainda «na última fase de desenvolvimento» no tocante a engenhos intercontinentais a combustível sólido — isto é, numa fase em que nenhum desses engenhos é ainda operacional — enquanto todos os «minutemen» americanos são desse tipo. Os «Polaris» soviéticos teriam também um alcance menor que o dos seus homólogos americanos (2700

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

UM ESTILO QUE NÃO É NOSSO

A CAMPANHA ELEITORAL está no auge. De hoje a três semanas, precisamente, estaremos aqui a tentar, já então, analisar o sentido dos resultados que vierem a ser anunciados pelo Ministério do Interior. Dos dois lados em que foram tomadas posições se regista grande actividade na preparação de «munições» para a batalha dos argumentos que se disputam por escrito em sucessivos comunicados ou oralmente nas sessões públicas. O eleitorado, atraído naturalmente para a contenda que mesmo em sua intenção se trava, não tem mãos a medir. Nem sabe talvez onde arranjar tempo para ler e ouvir, quanto mais para meditar, tudo o que se desfecha em sua direcção.

Os documentos vindos a público, quer do sector governamental, quer do lado oposicionista, traduzem de um modo geral certo esforço que não pode deixar de se louvar no sentido de procurar a análise dos problemas que são do nosso tempo e da nossa vida. Nalguns observa-se até um apreciável espírito de cordura, bem necessário no meio da togueira verbal que vai lavrando à roda. Cada um procura naturalmente o seu estilo, dar satisfação a impetus próprios, travar ou acelerar consoante as facilidades ou as dificuldades do caminho. Nem sempre é fácil eliminar os obstáculos. Nem eliminá-los nem mesmo evitá-los.

O público que lê e ouve mostrou-se, como se compreende, mais acessível aos grandes choques emocionais do que receptivo às tentativas, donde quer que elas venham, de um esclarecimento metódico que requeira a meditação. Cada um lhe parece que na hora da decisão perante as urnas é mais tempo de agir do que tempo de pensar. Quem se arrisca a ser acusado de se entreter, em tal instante, com preocupações que pudessem ser chamadas pedagógicas? E, não obstante, aos verdadeiros responsáveis haveria o direito de pedir que não hesitassem nesse dever.

Daqui resulta que se tem visto, através de algumas intervenções, uma certa radicalização de posições, mais propensas a desencadear arrebatamentos do que a suscitar o pensamento objectivo. Estamos em crer que ninguém ganha com isso, nem mesmo os que optem por tal método, nem ganha com certeza o esclarecimento público que tem de se incluir como finalidade, diríamos talvez como finalidade principal da campanha de propaganda de que está já a correr a antepenúltima semana. Regra de ouro para todos: poupar forças e aproveitar bem o tempo.

No aproveitar bem o tempo é que se fixará o critério de quem tenha responsabilidades directivas em cada um dos sectores interessados. Que é o que mais interessa fazer? Que é o que se pretende alcançar? Que objectivos? Por que métodos? Que se pretende ou deve pretender realmente do cidadão eleitor? Simplesmente atraí-lo? Ou francamente esclarecê-lo, abrir-lhe os olhos, dizer-lhe o que é e como é (ou se julga que seja) e dizer-lhe que escolha? A primeira escolha, pois, não é do eleitor. É do dirigente, do orientador. Ele próprio que pretende? Propor ou impor? Ou simplesmente expor?

A nossa deseducação cívica e política, isto somado à nossa maneira de ser do clima onde nascemos, tudo nos faz apaixonados e assomados, de tudo fazendo pontos de honra e em tudo nos implantando em posições de combate. Cada um age e comporta-se como se necessariamente houvesse de ganhar um prélio, como se fosse desonroso ou pelo menos desairoso não ganhar. Esse é o equívoco. Lembremo-nos de que na maior eleição do mundo, a do presidente norte-americano, apesar do ruído de quermesse em que decorre a campanha, o primeiro gesto do candidato vencido é o de correr a felicitar o seu adversário vencedor. E isto faz um estilo.

RECTÂNGULOS DA VIDA

UM CACO ROMANO

A L. tem uma verdadeira paixão por coisas antigas. Como não dispõe de dinheiro para armários ingleses de 1700 nem para papelarias Queen Anne a sério, guarda sonhos ou realidades de pequeno porte: uma moedinha perigosamente gasta e tão leve mas sem dúvida alguma venerável, que uma amiga lhe deu, a pedra que encontrou à beira-mar, com a espiral muito bem gravada daquilo que um dia fora búzio, três ou quatro livros esfacelados e incompletos, de capa castanha, mas com datas extremamente sedutoras, que descobriu na Feira da Ladra, e, sobretudo, um caco romano.

Embora evite falar nele, vê-se que a L. tem orgulho naquele caco. Ao mesmo tempo, porém, receia uma desilusão. E se um perito fosse a sua casa, a L. não lhe mostraria com certeza o seu tesouro.

Foi há anos que por acaso ela visitou aquelas ruínas incipientes, porque estava ali perto, em casa de uns primos, a passar oito dias. Assim que ouviu falar das ruínas, a L. meteu pés a caminho. Chovia, mas não havia água que apagasse o seu entusiasmo arqueológico. Ela pois de botas e chapéu-de-chuva.

Sentado num troço de coluna, um guarda, de cartucho de plástico metido na cabeça.

— Boa tarde.

— Boa tarde.

Deu uma lenta volta, observou alguns mosaicos mais visíveis, reparou que aqui e ali, por entre as silvas invasoras, havia uma grande quantidade de cacos. Apanhou dois como quem não quer a coisa, brindou o guarda com o mais amável dos seus sorrisos.

— Posso levar?

O homem encolheu os ombros.

Pode. Todos levam mesmo que não peçam licença. Cacos! Sempre gostava de saber...

A L. deu uma gorgeta ao homem,

por

MARIA

JUDITE

DE

CARVALHO



deve-se ainda junto de um capitel, e partiu de coração inquieto. Durante o percurso pensou várias vezes na palavra «História», com um grande o, muito longo. Levava um pouquinho de História consigo, não era formidável?

Logo que chegou a casa dos primos sacudiu a água e exibiu o primeiro troféu que, agora reparava, era branco como a cal e tinha a meio uma espécie de pétala azul. Os primos riram muito e foram à dispensa buscar uma tigela exactamente igual, que estava cheia de marmelada, tigela essa, que, explicaram, fora comprada na mercearia por dois mil e quinhentos. Havia rimas delas, na mercearia.

— Foi tudo o que trouxe? quise-ram saber.

— Foi tudo, assegurou em voz incerta, apertando muito a mala.

— Quando daí a dias regressou a Lisboa, colocou o caco precioso, o que não mostrara, no quarto, em cima da cómoda. Todos os dias olha para ele, ao lado da moeda, do fósfil e dos livros, e receia que ele afinal esteja a fazer-se passar por aquilo que não é. Por isso, nunca por nunca ser o mostraria a alguém susceptível de «saber».

No entanto, o caco que a L. apanhou ao acaso entre muitos outros cacos para ali lançados por um guarda esperto, é, de facto, um caco romano. O fundo de uma anfora de terracota.



Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

A limitação dos armamentos nucleares

(Continuação da pág. anterior)

fender os interesses soviéticos em todos os pontos do globo.

Uns vêm nesta evolução o índice de uma crescente militarização da vida soviética e do evidente interesse que os sucessores de Krutchev põem na estratégia. Outros fazem notar que a curva do reforço militar soviético segue, com bastante exactidão, a mesma que a potência americana conheceu aqui há cinco anos, e que o *Poliburo* soviético se limitou a extrair a devida lição de algumas pungentes experiências do passado. É claro, por exemplo, que o actual desenvolvimento dos I. C. B. M. Soviéticos traduz uma decisão tomada, desde os tempos de Krutchev, após o recuo de Cuba, em 1962, e po-

demo igualmente sustentar que a guerra dos seis dias não foi indiferente ao florescimento naval a que hoje assistimos, uma vez que levou o Kremlin a aperceber-se da fraqueza das suas forças de intervenção

Tudo depende da volta que as coisas levarem nestes três ou quatro anos mais próximos: se os soviéticos continuam, a este ritmo, a instalação dos seus I. B. C. M. e chegam, neste domínio a uma relação de dois por um, a seu favor — proporção para além da qual todos os peritos militares americanos, mesmo os que, nesta Primavera, se opuseram à criação de uma rede antifoguetões A. B. M., consideram que os seus *minutemen* enterrados podem vir a estar em perigo — então as previsões pes-

mistas de M. Laird, segundo as quais o Kremlin procuraria adestrar-se com uma capacidade de «primeiro choque» — ataque preventivo destinado a neutralizar os meios de represália do adversário — ganhariam grande crédito. É certo que esta possibilidade continuará teórica, por muito tempo, na medida em que parece impossível dar, dum só manobra, xeque-mate ou quase «mate» às forças estratégicas de um dos grandes, nomeadamente aos submarinos porta-foguetões e seus bombardeiros. Contudo, sobre o Kremlin poderão recair as suspeitas de intenções equivocadas e a administração americana pode decidir-se pela adopção de «contramedidas», contramedidas essas que tiveram uma pequena amostra na colocação de uma rede «pouco es-

pesa» de protecção antibalística «Salvaguarda».

OS M. I. R. V.

Na verdade, parece mesmo que Moscovo tenta, a toda a brida, compensar, por um esforço quantitativo, o atraso acusado na técnica dos novos armamentos, nomeadamente com o afinamento do engenho de ogivas múltiplas. Segundo facto novo dos dois últimos anos; o aparecimento do engenho de ogivas múltiplas, independentemente guiadas, ou M. I. R. V. que subverteu muitos esquemas familiares e abriu uma nova etapa na corrida aos armamentos, etapa á qual os dois grandes dificilmente poderiam esquivar-se. Enquanto a opinião pública e os senadores americanos promoviam contra o A. B. M. uma críti-

ca que, só por um triz, não foi vencedora, o Pentágono procedia tranquilamente aos ensaios deste novo engenho (desde Agosto de 1968 fizeram-se 16 experiências) e punha o seu programa em marcha: no programa previu-se o apetrechamento dos *Minutemen-3* com três ogivas nucleares e a substituição dos foguetões *Polaris*, na sua maioria embarcados em submarinos (31 em 41) por outros tantos foguetões *Poséidon*, portadores de dez ogivas nucleares, cada um...

E assim, onde antes havia 196 cargas «úteis», o adversário deveria agora suspeitar de uma carga decupla sem poder, a não ser mesmo na derradeira fase do ataque, distinguir entre o logro e a ameaça real, e sem conhecer o objectivo visado. Além disso, o engenho tem um efeito «destabilizador», pois modifica a equivalência das forças e confere uma nova importância ao factor tempo: o M. I. R. V. apresenta-se uma vez lançado como um «ramalhete» de engenhos, mas continua a ser alvo único, quando encerrado no seu silo. Se os I. C. B. M. do adversário forem também M. I. R. V., transportadores, por exemplo, de cinco ogivas nucleares, cada um, aquele que atirar primeiro, poderá, em teoria, destruir cinco e evitar um bombardeamento nuclear a 25 dos seus próprios objectivos. O *Kriegspiel* tornou-se,

nestas condições, ainda mais inquietante que de costume.

Os soviéticos mostram-se preocupados com esta nova situação. Da conversa que teve em Kossyguine este Verão, retirou Hubert Humphrey a ideia de que os dirigentes soviéticos vêem o desdobramento dos M. I. R. V. com muito piores olhos que o do A. B. M. pois há muito que eles próprios seguem uma espécie de programa A. B. M., por eles considerada «nobre», uma vez que é exclusivamente defensiva. No entanto, Moscovo lançou-se também na criação de uma réplica do M. I. R. V.: o foguetão S. S.-9 pode ser equipado com uma ogiva de cabeças múltiplas. Para este efeito, os russos já fizeram ensaios no Pacífico, esta Primavera.

Outro malefício dos M. I. R. V. é o de levar á corrida aos armamentos em mais domínios, além deste. Na esperança de se abrigarem da «chuva nuclear», os estados-maiores são levados a disporem as suas bases de foguetões e de bombardeiros (já estão em vias de criação nove bases novas de B-52, em sete estados do E. U. A.), a solicitarem a construção de novos submarinos nucleares, a recorrerem às rampas móveis, etc.

Mas nem por isso a segurança desses dois estados grandes — ou de quaisquer outros — será mais garantida. Por isso, vemos muitos americanos, incluindo Foster, chefe dos Serviços de Investigação do Pentágono, a pedir que se imponha uma moratória aos ensaios do M. I. R. V., na expectativa de um acordo com Moscovo.

É com pleno direito que um jornal americano diz estas palavras: «Dentro de 10 a 15 anos, as decisões tomadas em matéria de armamentos poderão vir a eclipsar a importância de tudo quanto se conseguiu sobre o Vietnam ou sobre qualquer outro problema, seja ele qual for».

(1) A. B. M., Harper and Row Nova York, Maio de 1969.

A LOTARIA de anteontem

PRÉMIOS EM CADA SÉRIE

1.ª SÉRIE
39200 — 8 000 000\$

2.ª SÉRIE
— 4 000 000\$

12295 — 600 000\$
67348 — 200 000\$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

39199 — 20 700\$
39201 — 20 700\$

PRÉMIOS DE 12 500\$00

1939 3112 5048 6692 8160
8567 13291 17044 18845 27264
27672 29902 30164 30271 30944
47811 49711 49735 57019 59313
59995 64152 67311 77706 78106
81019 81238 86711 87777 90870
93273 96025

PRÉMIOS DE 400\$00 (centenas)
12201 a 12300; 39101 a 39199
e 67301 a 67400

PRÉMIOS

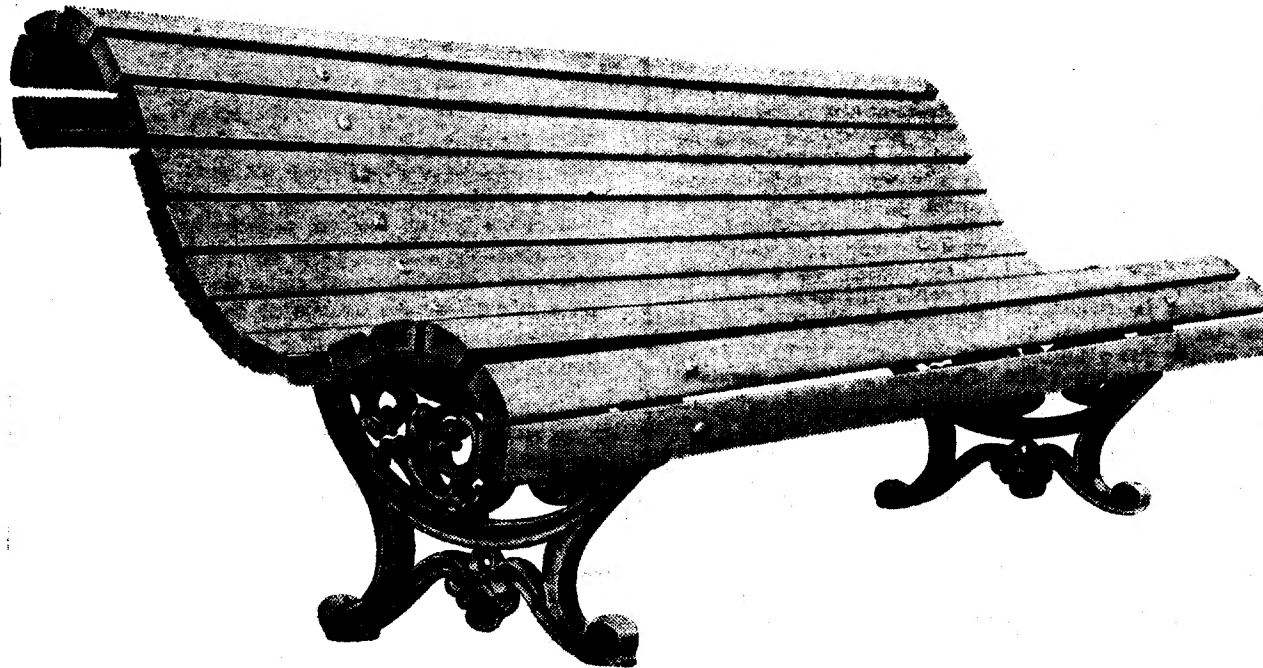
AOS ALGARISMOS FINAIS

Foram premiados com 1 000\$, no bilhete de cada série, todos os números cujos três últimos algarismos sejam 069; com 500\$00, os terminados em 860; com 600\$00, os terminados em 067, 081, 096, 299, 641, 643, 907 e 922. Com 400\$00 — também no bilhete de cada série, são contemplados aqueles cujos dois últimos algarismos sejam 26, 52 e 69. Por último, todos os restantes números cujo último algarismo seja 0 têm direito ao prémio de 200\$00, correspondente á «terminação», em cada série.

IMPORTANTE: — Excepto o número do 1.º prémio (em que a série favorecida foi a 1.ª), todos os restantes números indicados foram premiados com iguais quantias em ambas as séries da emissão.

Todavia, esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os terceiros prémios grandes foram vendidos nos bilhetes da Casa da Sorte.



OS TERCEIROS PRÉMIOS GRANDES

foram distribuídos nos bilhetes da

CASA DA SORTE

Veja anúncio na página central

**OS DOIS
2.º PRÉMIOS**

da
LOTARIA DO OUTONO
foram vendidos pelo

**QUIOSQUE
TIVOLI**

N.º 12 295

1.200 contos

número certo recebido
da Santa Casa

habilitem-se aos
6.000 CONTOS

da
LOTARIA ESPECIAL
DE OUTUBRO

Bilhetes a 320\$00
Frascões a 40\$00

pelo correio mais 2\$50
para registo

NÃO SE ENVIA LOTARIA A COBRANÇA

TIVOLI

CONCERTOS DA EMISSORA NACIONAL

1969/70

11 de Outubro de 1969	18 de Outubro de 1969	25 de Outubro de 1969	1 de Novembro de 1969	8 de Novembro de 1969
PIERO BELLUGI maestro YURY BOUKOFF pianista Sinfonia K. 201 MOZART Lontano (1.ª audição) GYÖRGY LIGETI 1.º Concerto BRAHMS	SILVA PEREIRA maestro GINA BACHAUER pianista Passeios de Estio RUY COELHO 2.º Concerto RACHMANINOFF La Peri DUKAS Till Eulenspiegel STRAUSS	PIERO BELLUGI maestro DOROTHY DOROW soprano ALVAR LIDELL narrador Passacaglia (1.ª audição) WEBERN Canções de Altenberg (1.ª audição) A. BERG O Sobrevivente de Varsóvia (1.ª audição) SCHOENBERG —//— 3 Danças MOZART 3 Danças SCHUBERT 2 Valsas JOHANN STRAUSS Vozes da Primavera O Danúbio Azul (versão MARKEVITCH)	PIERO BELLUGI maestro TANIA ACHOT pianista 1.º Concerto CHOPIN 10.ª Sinfonia (1.ª audição) MAHLER	MANUEL IVO CRUZ maestro STOIKA MILANOVA violinista Paraísos Artificiais FREITAS BRANCO Concerto BRAHMS Sinfonia FRANCK
15 de Novembro de 1969	22 de Novembro de 1969	29 de Novembro de 1969	6 de Dezembro de 1969	13 de Dezembro de 1969
FREDERICO DE FREITAS maestro Ana Lagoa Armando Guerreiro Helena Cláudio Álvaro Malta cantores CORO DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS Abertura e Danças Guerreiras da ópera «Príncipe Igor» BORODINE Missa Solene FREDERICO DE FREITAS	HANS SWAROWSKY maestro 1.ª Sinfonia BRAHMS Sinfonia «Matias Pintor» HENDEMITH O Pássaro de Fogo STRAVINSKY	EFREM KURTZ maestro 6.ª Sinfonia (1.ª audição) PROKOFIEFF Sinfonia Fantástica BERLIOZ	PIERO BELLUGI maestro Rae Woodland Alexander Oliver Norma Procter Peter Lager cantores CORO GULBENKIAN Manuela Araújo Helena Matos Regina Cascais Olga Prats pianistas 4.ª Sinfonia JOLY BRAGA SANTOS As Bodas (1.ª audição) STRAVINSKY	PIERO BELLUGI maestro ANTONINO DAVID violinista Romeu e Julieta BERLIOZ Romeu e Julieta PROKOFIEFF Romeu e Julieta TCHAIKOWSKY Concerto TCHAIKOWSKY

ORQUESTRA SINFÓNICA DA EMISSORA NACIONAL

21 de Março de 1970	4 de Abril de 1970	11 de Abril de 1970	18 de Abril de 1970	25 de Abril de 1970
FRITZ RIEGER maestro JÜRGE E ISABEL VON VINTSCHGER pianistas Vivaldiana MALIPIERO Concerto para 2 pianos POULENC Sinfonia n.º 86 HAYDN	ELAINE SHAFFER maestrina e flautista Concerto em lá menor VIVALDI Concerto K 314 MOZART 5.ª Sinfonia SCHUBERT	SANDOR VÉGH maestro e violinista Adagio e Fuga em dó menor MOZART Concerto K 216 MOZART Sinfonia para cordas (1.ª audição) MEYERBEER	FRITZ RIEGER maestro e pianista Sinfonia K 550 MOZART Concerto K 271 MOZART Sinfonia K 543 MOZART	FRITZ RIEGER maestro Divertimento BARTOK Duplo concerto (1.ª audição mundial) JOLY BRAGA SANTOS Sinfonia K 551 «Júpiter» MOZART

ACADEMIA DE INSTRUMENTISTAS DA EMISSORA NACIONAL

TABELA DE PREÇOS	ASSINATURA para os 15 Concertos	AVULSO 1.º ao 10.º	AVULSO 11.º ao 15.º	ESPECTÁCULOS PARA TODOS AS 18.30 HORAS
Plateia	400\$00	45\$00	35\$00	Hoje e amanhã — Assinatura reservada aos assinantes da temporada de 1968/69
1.º Balcão — filas C e I	300\$00	30\$00	22\$50	DÍAS 8 e 9 — Assinatura livre.
2.º Balcão — fila A	200\$00	22\$50	17\$50	DIA 10 e seguintes — Avulso para qualquer dos concertos.
— filas B e G	150\$00	15\$00	12\$50	



JOSÉ VIANA

● HOJE ●
2 SESSÕES, no

onde GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO apresentam a colossal revista que o público aplaude com entusiasmo.

MARIA VITÓRIA

● ADULTOS ●

ESPERTEZA
SALOIA

Escrita por ANIBAL NAZARÉ, SALVADOR e JOSÉ VIANA, com música de JOÃO NOBRE e CARLOS DIAS

● UM ELÉNCO EXTRAORDINÁRIO, COM
● SALVADOR ● JOSÉ VIANA
● MARIEMA ● BARROSO LOPES
● DORA LEAL● VITOR MENDES ● MARIANO FRANCO ● DINA MARIA
● CRISTINA CASSOLA ● E MUITOS OUTROS ARTISTAS!

● AS 20.45 E AS 23 HORAS



O conjunto filipino «THE MELODIES»

- A atracção nacional **HELENA TAVARES**
- A atracção filipina «THE MELODIES»
- O solista de guitarra portuguesa **FRANCISCO CARVALHINHO**
- UM GRANDE «BALLET» INTERNACIONAL

SE VAI CASAR...



Tem por certo o desejo de reunir um enxoval de boa qualidade e apurado gosto sem gastar uma fortuna. Pomo a Vossa disposição o nosso vastíssimo sortido de artigos para enxovais para noivas e bebés cuidadosamente escolhido nas melhores fábricas nacionais e estrangeiras ou delicadamente bordados nos nossos ateliers

LAVORES FEMINILS

Avenida G. Junqueiro, 3-D LISBOA

LAVORES

Rua Aurea, 179

★
AS DORES NAS COSTAS
NECESSITAM DE CALOR
★

Aplicar um Emplastro ALLCOCK que lhe dará um alívio suave e firme que se assemelha ao do apoio benéfico dumas mãos fortes e quentes. Os Emplastros Porosos ALLCOCK proporcionam uma acção de massagem automática, acompanhada dum irradiamento de calor que provoca um rápido bem-estar. Os Emplastros Porosos ALLCOCK fazem afluir o sangue à parte doída, causando alívio naquele ponto. Os Emplastros ALLCOCK são duráveis, e tiram-se com facilidade.

Peça sempre o verdadeiro

Emplastro poroso
ALLCOCK

ELE TRABALHA EM SEU BENEFÍCIO SEM INTERROMPER AS SUAS ACTIVIDADES

UM ÊXITO ABSOLUTO DE GARGALHADA

LOUIS DE FUNES

JEAN LEFEBRE • GENEVIEVE GRAD

3.^A SEMANA

O GENDARME CASA-SE

3.^A SEMANA

M/12 anos

NO **TIVOLI**

UM FILME SNC • DISTRIBUÍDO POR EXCLUSIVOS TRIUNFO • SCOPE • COLORIDO

IMAGEM DO DIA

O GENDARME CASA-SE que entra hoje no TIVOLI, em 3.^a SEMANA é um novo episódio da famosa série das aventuras do Gendarme.

Só tem uma pretensão: fazer rir, o que consegue plenamente graças sobretudo à actuação de Louis de Funes que é hoje considerado o cómico de maior categoria do cinema actual.

Os seus filmes são uma deliciosa mistura da clássica comédia francesa e da farsa americana — como bem o demonstra a engraçadíssima perseguição final, realizada por Jean Girault dentro das melhores tradições cinematográficas.

DINHEIRO

EMPRESTA-SE sobre automóveis e propriedades

A Predial Tomarense

Mediador oficial

Av. Alm. Reis 186, r/c., Dt. LISBOA — Telef. 57211

«FANTÁSTICA»

(invulgar grupo coreográfico)

ESTÁ A ACTUAR

NO CASINO ESTORIL

Em lugar de uma só «estrela», como é hábito, o actual «show» do Casino Estoril tem nove, que tantos são os componentes do «bal-let» Fantástica — um agrupamento impar no sector coreográfico do «music-hall»

«Fantástica» era uma excepção confirmativa da regra internacional, ultimamente tão carecida de valores autênticos. No momento em que o nome consagrado das próprias «Bluebell Girls» sofre uma justificada quebra de prestígio, a existência de O agrupamento, dirigido por Cris Varlamos (o homem que, durante anos, teve a seu cargo a direcção coreográfica do famoso programa «Estudio Uno» da radiotelevisão italiana) é integrado por bailarinas e bailarinos de craveira técnica acima do normal, muito em particular no que diz respeito ao par Budd Thompson e Daphne Dayle, primeiros bailarinos por direito próprio e para deleite dos que têm oportunidade de os ver dançar. O espectáculo do Casino, graças à sua presença, atinge um nível apreciável. São momentos de grande beleza plástica os bailados «Adão e Eva» e «O rei terá de morrer» — o primeiro baseado em quanto se sabe sobre o aparecimento do primeiro casal à face da terra, e o segundo estilizado de determinado aspecto de uma sociedade matriarcal, onde a rainha escolhe o rei sabendo este, de antemão, que será condenado à morte mal satisfaça os desejos de quem o elegeu. Estes dois bailados são momentos grandes em qualquer espectáculo de variedades; mas no Estoril aparecem ainda valorizados pelas reais possibilidades de cenografia e luminotécnica de que o novo Casino deu já sobejas provas. Daí resulta que, sem qualquer ponta de exagero, este «show» em nada se diminui de uma possível comparação com espectáculos similares apresentados além-fronteiras.

Além de «Fantástica» (onde sobressai ainda a presença agradável da cantora Jim Jackley) o Casino oferece actualmente, a quem o procura como local de distração, a possibilidade de aplaudir a já consagrada cancionista portuguesa Saudade dos Santos e o nosso também igualmente já conhecido Ilusionista Horcar.

Para os que não se limitam a ver os outros (profissionais ou amadores), mas também querem dar o seu pézinho de dança, o Casino oferece musica de baile constante pela orquestra de Ferrer Trindade e pelos conjuntos «Jirina» e «Os Rock's», este ultimo com Eduardo Nascimento.



ADULTOS

A PARAMOUNT apresenta a produção de **WILLIAM CASTLE**

*A mais desesperada
conspiração
para alcançar
a liberdade!*

O MOTIM

- RIOT -

com

**JIM BROWN
GENE HACKMAN**

MIKE KELLIN • GERALD S. O'LOUGHLIN
BEN CARRUTHERS • CLIFFORD DAVID

E OS PRESOS DA PRISÃO
ESTADUAL DO ARIZONA

Baseado no livro do antigo condenado FRANK ELLI

Realização de BUZZ KULIK

TECHNICOLOR • Um filme PARAMOUNT

AMANHÃ às 21.45

Estreia no **EDEN**

FAYE DUNAWAY e MARCELLO MASTROIANNI

Longe do mundo, longe de todos,
tudo fizeram em nome do amor

UM LUGAR PARA AMAR



50 FILMES CASTELLO LOPES
apresenta um filme MGM

UM LUGAR PARA AMAR

"A PLACE FOR LOVERS"

Argumento de JULIAN HALEVY, PETER BALDWIN, ENNIO DE CONCINI, TONINO GUERRA & CESARE ZAVATTINI

Produção de CARLO PONTI • ARTHUR COHEN • Realização: VITTORIO DE SICA • METROCOLOR

Adultos

MGM

AMANHÃ ESTREIA NO MONUMENTAL

CASAMENTOS E LANCHES

52\$50, 57\$50 e 62\$50 incluindo
vinhos

Salas próprias. Toda a garantia

PASTELARIA LISBOA

Av. Almirante Reis, 42-A
Telef. 4 00 76 — LISBOA

BELCANTO

SARAIYA tem a honra de convidar todos os
seus Clientes e Amigos para o Cocktail de An-
iversário de BELCANTO que se realiza
amanhã dia 7.

COLISEU

HOJE, às 21.30

(Maiores de 6 anos)

NOITE DA MODA

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL
DE CIRCO

Numeros de sensação—Atracções de categoria—PALHAÇOS
TODAS AS NOITES, AS 21.30

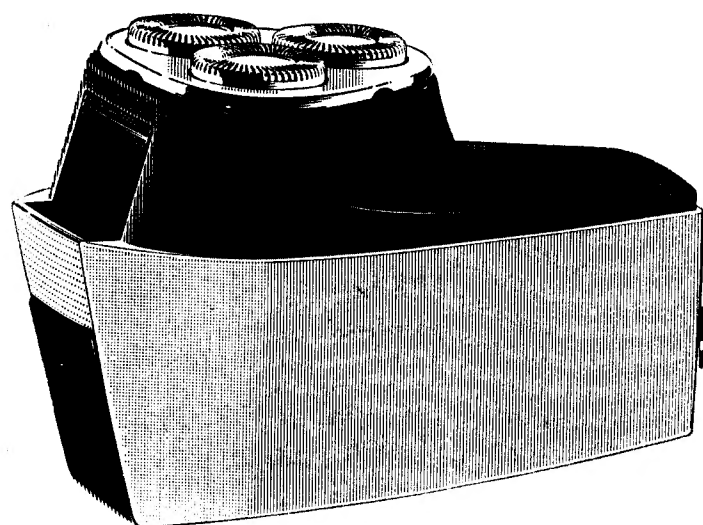
Tardes às 16 h.—às 5.—Feiras, Sábados, Domingos e Feriados

O «Diário de Lisboa» encontra-se a venda nas tabacarias
de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa,
Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal,
Rua de Costa Cabral, Constituição Praça da República, Bon-
fim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restau-
rante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas



**Progresso
à flor
da pele**

**com a nova
Philishave**



O progresso é evidente — à flor da pele — depois de barbeado com a nova Philishave.
Progresso palpável, surpreendente.
E, em cada dia, o barbear é um prazer renovado, graças às novas cabeças flutuantes «Close Up» que escanhoam rente — à flor da pele — com suavidade e rapidez.
O progresso está aí — à flor da pele.

Actualidade internacional

Um ministro encarregado das negociações com a CEE no novo gabinete inglês

LONDRES, 6 — (R.) — O primeiro-ministro, Harold Wilson, nomeou ontem George Thomson ministro para as negociações com o Mercado Comum após drástica remodelação do seu Gabinete. Wilson constituiu uma no-

va equipa que chefiará o Partido Trabalhista no período crucial antes das próximas eleições, que deverão efectuar-se dentro de 18 meses.

A principal característica desta remodelação consistiu na fusão e nas alte-

rações introduzidas nos ministérios responsáveis pelas questões sociais e económicas.

O ministério da Tecnologia foi alargado de modo a assumir algumas das funções do ministério do Comércio e do ministério da Energia.

O ministro da Tecnologia Anthony Wedgwood, continua à frente do ministério depois de alargado, contando com a colaboração de dois subsecretários de Estado.

A remodelação atingiu ainda os sectores da habitação, dos transportes e da administração local, que passam a ser dirigidos por Anthony Crosland, antigo ministro do Comércio, que tem agora o título de secretário de Estado da Administração e Planeamento Regional.

Thomson, que era ministro sem pasta, passa agora a ser o adjunto do ministro dos Negócios Estrangeiros Michael Stewart, sendo a sua principal função dirigir as negociações com o Mercado Comum.



Um aspecto predominante da remodelação ministerial britânica consistiu na nomeação de George Thomson (na foto) para as negociações com o Mercado Comum. Esta acentuação da «ideia europeia» é, aliás, a conclusão lógica da candidatura britânica à C.E.E., reafirmada por Harold Wilson no Congresso do Partido Trabalhista em Brighton.

O INCÊNDIO DA MESQUITA COMEÇO DO JULGAMENTO DE MICHAEL RHOEN

JERUSALEM, 6 — (F.P.) — «O julgamento do australiano Michael Rohan, acusado de ter incendiado a mesquita de Al Aksa, começará hoje em Jerusalém e poderá durar entre um mês e seis e meio, mesmo que Rohan se considere culpado desde o princípio», declarou Gabriel Bach, conselheiro jurídico do Governo israelita.

Gabriel Bach, que foi um dos acusadores de Adolf Eichmann, há oito anos, será um dos procuradores do processo de Rohan. A acusação do «incendiário» da mesquita será dirigida pelo procurador do Estado de Israel, Meir Shamgar.

Rohan, acrescentou Bach, será defendido pelo dr. Tunik, um dos advogados mais reputados de Israel. Bach continuou a sua exposição, dizendo que entre os 200 jornalistas da imprensa mundial que assistirão ao julgamento haverá representantes da Turquia, do Irão, da Índia, das Fili-

pinas, de Ceilão e do Níger, países muçulmanos ou de forte minoria muçulmana. Serão tomadas rigorosas medidas de segurança, havendo um escudo de vidro, à prova de bala, para proteger o acusado.

Rohan será julgado por um tribunal composto por três juizes. Não existe em Israel o sistema de júri.

MANIFESTAÇÃO

LONDRES, 6 — (R.) — Milhares de estudantes judaicos desfilarão a noite passada, à luz de archotes, junto da embaixada russa nesta capital, para protestar contra o que classificaram como antissemitismo soviético.

Cerca de quatro mil manifestantes depararam com 200 polícias que guardavam a embaixada e uma pequena delegação tentou entregar uma carta ao embaixador.

Contudo, um funcionário da embaixada recusou-se a aceitar a carta, que manifestava preocupação pela situação dos judeus na U. R. S. S., expostos a discriminação e a propaganda antissemita por parte do Governo, do Partido Comunista e da Imprensa soviéticos.

Os estudantes meteram a carta por debaixo da porta.

ATENTADO

TEL-AVIV, 6 — (R.) — Ficaram hoje feridas várias pessoas quando uma violenta carga explosiva deflagrou no mercado da cidade de Affula, no Norte de Israel a dez quilómetros a sul de Nazaré.

Segundo as primeiras notícias, a explosão verificou-se cerca das 9 e 15 da manhã, quando o mercado se encontrava cheio de gente vinda das aldeias próximas.

Plano espacial russo

MAR DEL PLATA (Argentina), 6 — (R.) — O cientista espacial russo Leonid Sedov — que desenvolveu o projecto da primeira cápsula espacial do mundo, o Sputnik-1 — disse ontem em Mar del Plata que a União Soviética não tinha planos imediatos para colocar um homem na Lua, mas acrescentou que

essa possibilidade não estava afastada do programa espacial soviético.

Leonid Sedov chegou na sexta-feira a Mar del Plata para assistir ao vigésimo Congresso da Federação de Astronáutica Internacional, organização de que é vice-presidente.

O congresso de cinco dias inaugura-se hoje.



Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

ETP 30



DOMUS

A NOBREZA DO DESENHO CONTEMPORÂNEO

É UMA CADEIRA



SELDEX SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO S.A.R.L.
EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. DA LIBERDADE, 127-129 — LISBOA 2 — TELEFOS: 324986-328671-327022

ATERROU NA FLORIDA UM MIG CUBANO

WASHINGTON, 6 — (R.) — Um Mig-17, de fabrico russo, da Força Aérea cubana aterrou ontem na base aérea de Homestead, na Florida, e ao seu piloto cubano foi concedido asilo — anunciou o Departamento da Defesa.

O piloto, falando espanhol, não foi identificado pelo Pentágono.

O departamento de Estado pediu à embaixada checoslovaca em Washington para informar Havana de que o avião estava pronto para regressar a Cuba.

O Governo checoslovaco representa os interesses de

Cuba nos Estados Unidos. O informador revelou que o Mig aterrara pouco depois do meio-dia local (17 horas T. M. G.).

«O piloto cubano pediu asilo, que lhe foi concedido» — disse ainda.

O avião fora detectado pelo radar quando se encontrava a cerca de 150 quilómetros a leste de Key West, Florida, e se aproximava de território norte-americano.

«O Mig não assumiu qualquer acção hostil e dirigiu-se directamente para Homestead, a fim de aterrar» — acrescentou o in-



1969

Concurso Hípico Internacional Oficial de Lisboa

AMANHÃ, DIA 7

Prova N.º 5 — «D. LUIZ DA CUNHA MENEZES» patrocinada pela BP

Prova N.º 6 — «POTENCIA»

Uma das mais importantes do concurso patrocinada pela CIDLA

1.ª-FEIRA, DIA 8

Prova N.º 7 — «BANCO TOTTA-ALIANÇA»

As provas iniciam-se às 12,30 e 15,30 horas



VANESSA REDGRAVE e Franco Nero com o primeiro filho do casal, nascido no passado dia 15 de Setembro, mas cuja foto só agora foi divulgada. A actriz inglesa tem já duas filhas do seu primeiro casamento com o realizador Tony Richardson, de quem se divorciou há dois anos

«Superplanetas» na origem da formação da Terra?

LONDRES, 6 — (F. P.) — Foi dos fragmentos de dois «superplanetas» que se formaram Mercúrio e Vénus, por um lado, e a Terra, Marte e a Lua, por outro. A hipótese é formulada no último número da revista britânica «Nature», pelo professor W. H. McCrea.

Segundo McCrea, cujas investigações foram efectuadas nos laboratórios da Universidade do Sussex, a formação do nosso planeta ter-se-ia feito da seguinte maneira: os dois «superplanetas» originais teriam entrado em contacto. A diminuição do seu volume submeteu-os a um movimento giratório cada vez mais rápido, num processo comparável ao movimento executado por uma patinadora. A velocidade giratória dos «superplanetas», prossegue McCrea, tornou-se tão grande que os astros se fizeram em bocados. São estes fragmentos que constituem a Terra, Marte, a Lua, Vénus e Mercúrio.

A GUERRA NO VIETNAM

«PLANO DE CONTINGÊNCIA»

SAIGÃO — A progressiva «vietnamização» da guerra levantou uma curiosa questão:

Haverá um plano eventual norte-americano para combater o exército do Sul do Vietnam quando as últimas tropas estacionadas no país estiverem prontas a voltar para os E. U. A.?

A questão é baseada numa convicção de que o establishment vietnamita (militar e governamental) cairá em pedaços quando os americanos saírem do país. Algumas unidades militares do Sul passariam para o campo inimigo e combateriam as últimas tropas dos seus antigos aliados.

Para os vietnamitas seria talvez um exercício de auto-preservação, uma espécie de declaração prestada a Hanói: «como vêem, já somos do vosso lado» para evitar assim as represálias futuras...

A existência desse plano é livremente discutida em Saigão. Nas esferas oficiais não há comentários.

A questão é tão delicada que mesmo que tal plano não existisse, os militares

provavelmente não negariam a sua existência.

Mas a verdade é que há grandes probabilidades de esse plano existir. E se assim for, por mais estranho que pareça, não deverá causar grande surpresa, uma vez que a natureza dos «planos de contingência» consiste precisamente em «pensar o impensável». Podia acontecer que o Pentágono tivesse concebido, por exemplo, uma tática defensiva a ser usada contra bombardeiros pesados do Liechtenstein, se esse minúsculo estado tivesse bombardeiros pesados ou se quer força de... É esse o carácter essencial dos «planos de contingência».

HARRY TRONBORN

Exclusivo «The Los Angeles Times» — «D. L.»

NOVO GOVERNO ALEMÃO OCIDENTAL

(Continuação da 1.ª página)

um sem número de possibilidades na Europa que até agora não existiam.

«Com a saída do general de Gaulle do Palácio do Eliseu e a entrada de herr Willy Brandt para o Palácio de Schaumburg deslocase de Paris para Bonn um importante centro de gravidade — escreve o «Politika».

BRANDT AFASTA-SE DO GOVERNO ACTUAL

BONN, 6 — (R.) — O ministro dos Negócios Estrangeiros, Willy Brandt, projecta entregar o seu cargo ao subsecretário de Estado, a fim de se concentrar no trabalho de delinear uma

nova política governamental federal.

Fontes bem informadas disseram que o dirigente social-democrata informará hoje o chanceler cessante Kurt Georg Kiesinger de que vai abandonar a sua pasta — 14 dias antes da actual grande coligação terminar o seu mandato oficial.

Espera-se que Brandt e o chefe liberal Walter Scheel apresentem a política da sua nova coligação ao parlamento em 24 de Outubro, três dias depois de ser eleito o novo chanceler da Alemanha Ocidental.

Aguarda-se que na frente interna a declaração de política do Governo apresente grandes melhorias económicas e sociais e mais concessões quanto a impostos para a classe trabalhadora.

Contudo, está sujeito a grandes críticas por parte dos sindicatos por arquivar temporariamente planos para maior participação da classe trabalhadora nas administrações — um dos maiores objectivos dos socialistas antes da eleição.

SONDAGEM DO KREMLIN

BONN, 6 — (POR K. C. THALER, CORRESPONDENTE DIPLOMÁTICO DA UPI — EXCLUSIVO DA A. N. I. EM PORTUGAL) — O novo Governo da Alemanha Federal, chefiado por Willy Brandt, tentará estabelecer um diálogo de paz com Moscovo e com os países do Leste europeu, conserindo a esta tentativa

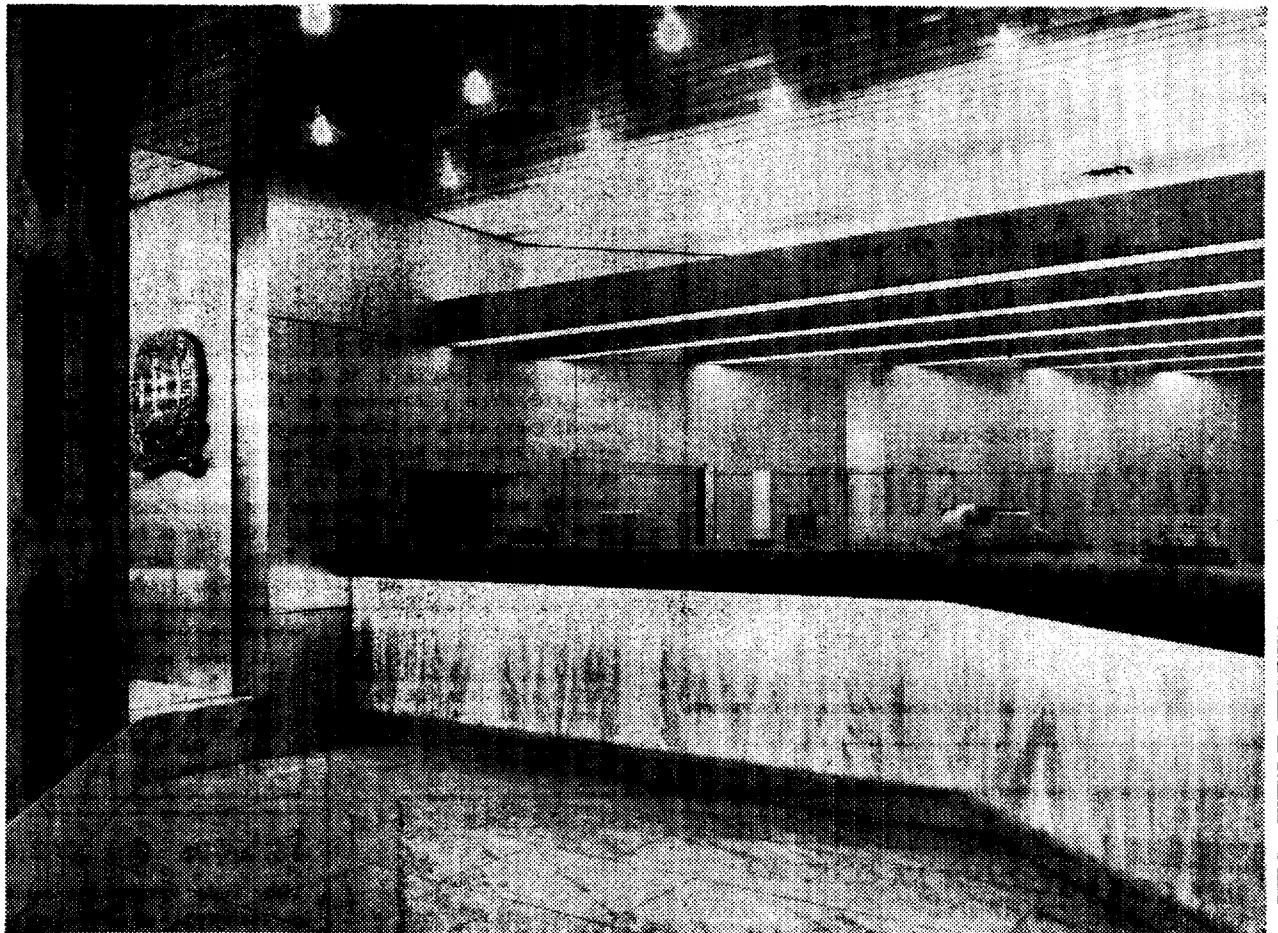
primeiríssima prioridade — afirma-se em círculos diplomáticos de Bonn e nos meios do Partido Social-Democrático.

Por seu turno, os diplomatas russos nas capitais ocidentais também já indicaram o interesse do Kre-

mlin em sondar as ideias de Brandt, a propósito de uma melhoria nas relações Ocidente-Leste.

Sugerem que esta sondagem possa, eventualmente, conduzir a uma conferência de alto nível, no princípio do próximo ano.

NOVA DEPENDÊNCIA



JOMA



O BANCO FONSECAS & BURNAY tem o prazer de anunciar a inauguração de uma nova dependência em Lisboa, destinada a servir o bairro da Graça.

Rua ANGELINA VIDAL, 63

BANCO FONSECAS & BURNAY

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

AULAS EM BENFICA

CURSO LICEAL
CICLO COMERCIAL
CICLO PREPARATÓRIO
INSTITUTOS

Diurno: das 9 às 19 h.
Nocturno: das 19 às 24 h.

EXTERNATO ALVARES CABRAL:

Av. Grão Vasco, 1 (frente à Igreja de Benfica)
Telefs.: 70 69 74 - 70 69 75

ECOS

O problema da planificação das profissões é dos mais candentes e ao mesmo tempo dos mais melindrosos dos nossos dias. Em França, por exemplo, verifica-se que há promoções anuais de 4000 médicos, o que deixa prever 110 000 em 1980, ou seja, 200 para cada grupo de 100 000 habitantes, quando noutros ramos profissionais faltam quadros imprescindíveis. A questão é curial, mas não se adverte facilmente como levar sem violência os jovens a orientarem-se para os trabalhos mais necessários, a menos se se assegurar, mediante um intenso e sério labor de institutos de orientação profissional, um humano planeamento que concilie vocações e necessidades. O dr. Escoffier Lambiotte comenta no *Le Monde* a plétora de estudantes de Medicina e a existência de 70 000 médicos em França, aconselhando uma «barragem» ou selecções mais rigorosas, ainda que absolutamente liberal, dos candidatos ao curso de Medicina.

UMA das disciplinas que entre nós mais repugnam aos alunos do ensino secundário é (e a prova seria fácil de tirar

através de Inquéritos) a Geografia. As razões dessa aversão relacionam-se em parte com a carência de professores formados em Ciências Geográficas, curso que regista ultimamente fraca clientela universitária, e com dois outros factores importantes: a má orientação dos livros adoptados, que são pouco atractivos (de linguagem rebarbativa especialmente para os alunos do 2.º ciclo, onde é mais sensível a repugnância pela Geografia) e a óbvia falta de preparação pedagógica dos professores, de emergência. Uma crise seria a emergência. Valeria a pena que os interessados na solução do caso tomassem conhecimento, a título de esclarecimento, pelo menos, da obra tão rica de sugestões e perspectivas de Pedro Plans. «Didáctica da Geografia», que entre nós acaba de ser lançada em versão portuguesa e na qual são ponderados lucidamente e analisados a fundo métodos de ensino em função da receptividade intelectual dos alunos em cada uma das fases do seu desenvolvimento psíquico e somático correspondentes aos anos de aprendizagem.

Uma nova era das relações U. R. S. S.-E. U. A.?

NAÇÕES UNIDAS — Depois das conversações Gromyko-Rogers reina certo optimismo nos círculos norte-americanos. As razões em que esse estado de espírito se filia são mínimas ou inexistentes. Mas certos factos muito subtils o alimentam. Assim:

— Gromyko declarou a Rogers que a U. R. S. S. daria o mais cedo possível uma resposta sobre a data e local das conversações S. A. L. T. (Limitação das Armas Estratégicas). Para não prejudicar os bons intentos russos, e muito embora Gromyko não tivesse explicado o que entendia por *cedo*, os E. U. A. passaram a evitar comentários públicos sobre a China e a Checoslováquia.

— A questão do Vietnam não se pôs de um lado nem do outro.

— Rogers não viu quaisquer indícios de urgência ou pressão russas quanto ao problema de Berlim. Rogers declarou ao ministro russo que os americanos, ingleses e franceses estavam em con-

sultas com a R. F. Alemã acerca da discussão do problema com a U. R. S. S. Gromyko terá declarado que considerava essas diligências bastante proveitosas e que todas as potências envolvidas no caso de Berlim deviam procurar chegar a um acordo real.

— Quanto ao tratado de proibição de experiências nucleares submarinas, sob discussão presentemente em Genebra, parece que, dentro de semanas, já se conhecerá algo de concreto.

— Uma nova nota de amizade foi uma discussão Rogers-Gromyko de um possível acordo marítimo a fim de regular o despacho de mercadorias nos portos soviéticos e russos. Parece ter sido uma proposta soviética mas não se conhecem pormenores.

— Houve também uma discussão sobre os pormenores da ratificação formal do tratado de não proliferação nuclear, baseada na proposta americana de Moscovo e Washington completarem a acção simultaneamente. Contudo, quanto a este ponto, não houve promessas de Gromyko.

— Na questão do Médio Oriente, parece que Gromyko procurou adiantar a discussão, não se limitando a repetir as velhas propostas do Kremlin.

O problema está agora em

saber como conseguir negociações mais activas. Há quem sugira que um intermediário pergunte à delegação árabe (recebidas simultaneamente, mas em salas diferentes) se uma está disposta a fazer X se a outra fizer Y. Gunnar Yaring seria o intermediário ideal para esta técnica, copiado do sistema americano de negociações patronato sindicatos operários. No entanto, essa hipótese só deverá pôr-se após as conversações quadripartidas.

Posto tudo isto, cabe aguardar o futuro para dizermos se é verdade que a U. R. S. S. e os E. U. A. entraram deliberadamente no caminho das negociações, substituindo assim, em definitivo, a «técnica» das «confrontações».

EXCLUSIVO
«Le Monde» - «Diário de Lisboa»

CURSO AGRÍCOLA EM ESTREMOZ

ESTREMOZ, 4 — Com um almoço de confraternização, terminou em Estremoz o Curso de Contabilidade e Gestão Agrícola organizado naquela cidade.

O curso foi orientado pelo eng. agr. Manuel Passos Canelas, alto funcionário da Companhia União Fabril, e foi seguido por numerosos lavradores dos distritos de Évora e Portalegre.

Operações de Bolsa BANCO DO ALENTEJO

EXTERNATOS

- São Vicente
Rua do Paraíso, 28 — T. 865904
- Marquês de Pombal
Rua Carrilho Videira, 10 (ao Chile) — T. 834658
- Alvares Cabral
Av. Grão Vasco, 1 (em Benfica), Tel. 706974

CURSO LICEAL
CURSO COMERCIAL
CICLO PREPARATÓRIO
INSTITUTOS

CURSOS DE LÍNGUAS
Francês * Inglês * Alemão

Diurno: das 9 às 19 h.
Nocturno: das 19 às 24 h.

ABERTAS AS MATRÍCULAS

TUTTI MUNDI DRUGSTORE

ABRIU UM NOVO SALÃO DE CHÁ
Além de requintado serviço de chá, com pastelaria francesa e húngara, um serviço rápido de almoço e jantar, a preço módico

Um Centro mundano
aberto até às 2 h da manhã.



Avenida de Roma, 48 e Rua Conde de Sabugosa, 15 — Telef. 714021/2/3/4 — Lisboa

PREMIADOS OS MELHORES DOS SERVIÇOS DE PEÇAS FORD



Acompanhados pelo sr. J. M. Gonçalves, chefe da Secção de Vendas de Peças e Acessórios da Ford Lusitana partiram na passada quinta-feira, de Lisboa com destino à Finlândia e Dinamarca 6 Chefes das Secções de Peças e 6 das Secções de Serviço dos Concessionários Ford em Portugal que, durante 5 dias, visitarão aqueles países juntamente com outros 145 colegas de outras Companhias Ford Europeias. Esta viagem foi oferecida aos responsáveis das Secções de Peças e de Serviço como reconhecimento dos excelentes serviços prestados

CHOCOLATES TAGIDES
BREIRO - LISBOA - QUELUS

O maior sortido de ouro
pratas e jóias a preços de
concorrência.

GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Serviços em prata

Um lindo sortido com modelos exclusivos, a preços sensacionais. Ourivesaria Pimenta, R. Augusta, 253 a 257.

UMA OBRA EMPOLGANTE NA COLECÇÃO
"EUROPA-AMÉRICA JUVENIL"

A ILHA DOS FÓSSEIS VIVOS

por ANDRÉ MASSEPAIN
Uma aventura espantosa onde a coragem, o valor e o espírito de luta enfrentam o mistério do passado, de novo revivido.

Col. "Europa-América Juvenil",
168 págs., 35\$



PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA.

Apartado 9 - Mem Martins
Delegação em Lisboa: Rua das Flores, 45, 2.º
Delegação no Porto: Rua de Entreparedes, 6, 2.º

A jovem

Revel
que
na C

Chama-
sos e a s
lidade ar
ra oportu
velar, atra
inauguraç
Casino Es
do ser est
que Ana d
os seus tr
co, desde
rar á no
futuro or
sucederão
continuid
balhos e
madeira
bem a n
possibilid
tora.

Durante
que a ex
aberta ac
muitos os
admirar

Ag
visi



Cerca
plexo
tunidade



A jovem artista fotografada junto de um dos trabalhos expostos

Revelação de uma artista que expõe pela primeira vez na Galeria do Casino Estoril

Chama-se Ana dos Passos e a sua forte personalidade artística teve agora oportunidade de se revelar, através da exposição inaugurada na galleria do Casino Estoril. Considerando ser esta a primeira vez que Ana dos Passos mostra os seus trabalhos ao público, desde já se pode augurar a nova escultora um futuro onde os êxitos se sucederão sem soluções de continuidade. Os treze trabalhos expostos (bronze, madeira e gesso) dão-nos bem a medida das reais possibilidades da sua autora.

Durante os oito dias em que a exposição estará aberta ao público vão ser muitos os interessados em admirar os trabalhos de

Ana dos Passos, a avaliar pelo interesse demonstrado aquando da cerimónia inaugural do certame, a que presidiu o sr. dr. Manuel Teles, administrador da Estoril-Sol.

Abertura das aulas

No Externato Sá de Miranda, realiza-se amanhã, às 10 horas, a tradicional sessão solene de abertura do ano lectivo, com a presença dos encarregados de educação aos quais a direcção exporá o plano de actividades escolares e circun-escolares para o próximo ano lectivo.

Durante a cerimónia serão distribuídos prémios aos alunos mais classificados no último ano lectivo.

OS 12 MIL CONTOS DA «TALUDA» DO OUTONO COUBERAM AO N.º 39 200

• QUATRO SORTES GRANDES NA PRÓXIMA SEXTA-FEIRA COM BILHETES A 80 ESCUDOS

Perante muito público, realizou-se, anteontem, o sorteio dos prémios da lotaria do Outono, na curiosa modalidade de «dupla sorte» ao número do prémio maior.

Com efeito, para a referida lotaria, foram emitidas duas séries geminadas de bilhetes, com prémios idênticos para cada série, excepto no número da sorte grande a que, na série favorecida por sorteio, couberam oito mil contos, enquanto na série normal o prémio foi de quatro mil. Cedo, na sala das extracções da Misericórdia vibravam frémitos de impaciências e expectativas, enquanto os anseios de uma fabulosa fortuna à vista cresciam em todos os presentes à medida que se aproximava a hora de «andar a roda». Presidiu aos actos o chefe da repartição da Lotaria Nacional, sr. dr. António Branquinho de Amaral Pereira, coadjuvado pelo administrador do 1.º bairro de Lisboa, sr. dr. João Maria Albuquerque Saraiva. Os funcionários superiores srs. Manuel Pinheiro Matias e Fernando Silveira Gomes coordenaram as diversas fases das operações do sorteio.

O primeiro prémio foi a

terceira bola a ser apreendida e contemplou os dois bilhetes do n.º 39 200, com 8000 contos na 1.ª série e 4000 contos na 2.ª série. Ambos os bilhetes foram requisitados à Misericórdia pela firma Campião ignorando-se porém quem haviam sido os contemplados, como sucede na maioria dos casos, já que é difícil identificar os compradores e muitos títulos são negociados na via pública pelos ambulantes. Os seiscientos contos de cada série dos 2.ºs prémios couberam ao n.º 12 295. Bilhetes pertencentes ao Quilisque Tivoli. Por sua vez foi a Casa da Sorte quem vendeu ambos os bilhetes dos 3.ºs prémios, com o n.º 67 348, a que foram apregoados 200 contos em cada um. Além de 32 prémios de 12 500\$00, também em cada uma das séries de bilhetes, foram ainda designados diversos grupos de três e de dois algarismos finais.

Quatro prémios de 1500 contos na próxima lotaria

De carácter nitidamente popular, a lotaria de sexta-feira próxima oferece quatro primeiros prémios de 1500 contos em troca de bilhetes a 80\$00. Os referidos

O CIGANO RECEITOU E O DOENTE MORREU

COVILHÃ, 6. — Doente, há cerca de um ano, o sr. Jaime de Jesus Amaral, de 25 anos, casado, residente no sítio do Ribeiro de Flandres consultou diversos médicos e tomou medicamentos sem resultado.

Há uns oito dias apareceu-lhe o cigano António Andrade de 48 anos, viúvo, a garantir-lhe que lhe arranjaria uns comprimidos, os quais o curavam — mas custavam 4000\$00. Comprimidos foram eles que o enfermo, sentindo-se mal, ao ingeri-los, foi levado ao hospital e ali faleceu.

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 AS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

FANTASTICA

PRODUÇÃO DE CRIS VARLAMOS
COM
BUDD THOMPSON DAPHNE DAYLE
KIM JACKLEY

HORCAR

MAGIA E ILUSÃO

SAUDADE DOS SANTOS

EDUARDO NASCIMENTO E "OS ROCK'S"
JIRINA'S COMBO

FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17anos no wonder bar à 1.00h m/21anos

SANDY STEWART

só no wonder bar

NO CINEMA, AS 17 E AS 21.30

O COMISSÁRIO MAIGRET

EM PIGALLE
(M. 17 anos)

O Salão Restaurante está hoje reservado para a passagem de modelos de «lingerie» Caron. O «Wonder-Bar» funcionará para os clientes normais, começando ali o «show» cerca das 0 h. e 30 m.

Agentes da Fábrica Portugal visitam a organização italiana Zoppas



Cerca de quarenta agentes da Fábrica Portugal partiram para Itália, onde vão a convite da organização Zoppas, grande complexo industrial de equipamento electrodoméstico e hoteleiro. Durante a sua estadia em Conegliano, os visitantes terão oportunidade de observar e estudar os vários e modernos sectores de trabalho da importante unidade industrial italiana. A viagem compreende ainda visitas a outras cidades de Itália, como Roma e Veneza.

As comemorações oficiais do 5 de Outubro

Em frente do tumulto onde estão depositados os restos mortais do grande patriota, formava um pelotão de cadetes da Escola Naval, com bandeira, e, em formação por um, cercava o local uma companhia de fuzileiros especiais.

Em memória do comandante Machado dos Santos, foi guardado um minuto de silêncio, tendo a fanfara da Armada tocado a marcha de continência. O ministro da Marinha, depois, na base do tumulto, uma coroa de flores, com fitas verde e rubra, onde se lia a seguinte inscrição: «Homenagem ao vice-almirante Manuel Maria de Azevedo Machado dos Santos».

Assistiu também a esta cerimónia o brigadeiro Tristão de Carvalhaes, comandante-geral da P. S. P.

O izar da bandeira no edifício do Município

Cerca das 11 horas, efectuou-se a cerimónia do izar da bandeira nos Paços do Concelho, na varanda de onde foi proclamada a República, na data histórica de 5 de Outubro de 1910.

Na Praça do Município, formava a guarda de honra a bandeira, constituída por um batalhão misto, com unidades do Exército, Marinha, Força Aérea e G. N. R., a banda de música da Força Aérea e a fanfara do R. A. A. F., de Queluz.

O Presidente do Conselho foi recebido pelo presidente do Município de Lisboa, general França Borges. Encontravam-se presentes os ministros da Defesa Nacional, do Exército, da Marinha, do Ultramar, da Justiça e das Comunicações, bem como o subsecretário de Estado do Exército. Presentes, também, entre muitas outras individualidades, o governador civil de Lisboa, o presidente da Comissão executiva da U. N.; o almirante Henrique Tenreiro; os generais comandantes da P. S. P., G. N. R. e Legião Portuguesa; o comissário nacional da Mocidade Portuguesa e a comissária nacional da M. P. Feminina e a adjunta para o Ultramar; vereadores, etc.

Assistiu à cerimónia, também, um filho do Presidente

Manuel de Arraga, o sr. Roque de Arraga.

No momento em que o general França Borges izou a bandeira, com as forças em continência, o local foi sobrevoado por helicópteros e aviões da Força Aérea, enquanto unidades da Armada (navio-escola «Sagres» e fragatas «Almirante Pereira da Silva» e «Comandante Roberto Ivens»), fundeadas frente à Praça do Comércio, salvavam com 21 tiros.

Içada a bandeira, o presidente do Município proferiu uma alocução, começando por afirmar:

«Hoje, como em 1960, ao ver subir a bandeira verde-rubra, neste local histórico, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa tem presente que ela é a bandeira nacional. Ela representa toda a Nação e não apenas parcelas da Nação. Ela é de todos e não de alguns.»

E, mais adiante:

«Neste momento e neste dia, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa quer evocar e endereçar um pensamento de admiração e de louvor a todos aqueles idealistas, de nomeada ou anónimos que, com base no absoluto desinteresse pessoal e até com sacrifício de si, proclamaram e defenderam os seus ideais sem sangue sem ódio e sem desordem na rua ou nos espíritos, com os olhos apenas postos no bem da Pátria e das famílias (...). Existem normas de vida, aparentemente inocentes, mas que conduzem à perda da moral, destruindo a noção da dignidade e do amor da família e reduzindo os homens a seres em que apenas sobrevive o instinto, como nos irracionais. Existem publicações de aspecto científico ou literário, elaboradas com aparente e subtil arte e saber, mas que conduzem os homens ao egoísmo, à apatia, à descrença, à crítica sistemática, ao ódio e à destruição. Existem filosofias, manhosamente deduzidas, mas que visam a tornar inúteis as leis de Deus, substituindo-as pelas leis do demónio. Existem programas sedutores mas que são de inspiração estrangeira e só servem interesses estrangeiros.»

A dada altura o general

França Borges citou os nomes de António Enes, Norton de Matos, Pereira d'Eça, Alvaro de Castro, Muzanty, Cerqueira, Jaime Morais, «alguns entre centenas», dizendo que eles se elevavam no seu espírito como símbolos de alto valor moral e competência e de incontestável patriotismo.

A terminar, e referindo-se à bandeira nacional, o presidente do Município afirmou: «Que ela continue a flutuar, ao longo dos séculos, livre como hoje. Bandeira de todos, que Ela a todos proteja! Bandeira de todos, que por todos seja desinteressadamente servida, honrada e defendida. VIVA PORTUGAL!»

Mai terminaram as palavras do general França Borges, ouviu-se um viva à República. A banda da Força Aérea tocou, então, o Hino Nacional, depois do que as forças militares desfilaram em direcção ao Rossio, subindo a Rua Augusta.



O ministro da Marinha coloca uma coroa de flores na base do tumulto do grande patriota Machado dos Santos, oficial-general da Armada e um dos implantadores da República

DIVERSAS CERIMÓNIAS EM TODO O PAÍS

EM BEJA — A Oposição Democrática de Beja comemorou o aniversário da República com uma romagem ao cemitério local. Foram depositos ramos de flores nas campas dos republicanos falecidos e dos combatentes da Grande Guerra. Após a cerimónia realizada no cemitério, os democratas estiveram na casa do prestigioso democrata e antigo governador-civil de Beja, dr. Henrique Silva que, por motivo de doença, se encontra há anos retido em casa.

Seguiu-se um almoço de confraternização em que falaram os srs. dr. Celso Pinto de Almeida, António Romão, dr. Ramalho Gantes, António Castilho Modesto, dr. Urbano Tavares Rodrigues, Pedro Martins e José Martins Rocha, que presidiu

EM SETUBAL — Promovida pela Comissão Democrática Eleitoral do distrito, realizou-se uma romagem ao cemitério de Setubal, em homenagem à memória dos republicanos falecidos. No tumulto do dr. Pereira de Almeida, que foi figura destacada da República, foram colocados ramos de flores e, na presença dos seus descendentes, lida uma patriótica alocução. A cerimónia decorreu na melhor ordem.

EM SANTAR — Nesta freguesia do concelho de Nelas o 5 de Outubro foi comemorado, de manhã, com girândolas de foguetes e, à tarde, com música

(Continua na página seguinte)

Flores em campas do Alto de S. João

(Continuação da 1.ª página)

A Polícia não confirmou nem desmentiu as prisões efectuadas.

A sessão no cemitério

No cemitério do Alto de São João mais de duas mil pessoas concentraram-se pelas 10 e 30 para homenagear os republicanos mortos.

Depois, com o maior civismo, enquadrados por candidatos a deputados da C. D. E. e da C. E. U. D., dirigiram-se para os túmulos de diversos republicanos onde oradores improvisaram perante o entusiasmo da multidão.

Fala o dr. Mário Soares

O primeiro a usar da palavra depois do agradecimento do dr. António Zemolinho pelos Centros Republicanos foi o dr. Mário Soares que afirmou, designadamente, em frente ao tumulto de Cândido dos Reis, erigido pela Vereação em 1925.

«Estamos aqui sem divergências para homenagear os mártires e os heróis da República».

O dr. Mário Soares recordou depois o general Humberto Delgado prestado-lhe homenagem e acabou dizendo que todos os que ali se encontravam desejavam uma «pátria livre e democrática».

O dr. Arlindo Vicente relembra Humberto Delgado

Falou seguidamente o dr. Arlindo Vicente, antigo candidato à Presidência da República, que numa voz embargada pela comoção fez um «ardente apelo para que nos mantenhamos unidos para sempre», acentuando que «a nossa Pátria nada lucrou com o Estado Novo» e afirmando que «estamos num caos de ordem moral».

E lembrando que «vimos aqui cumprimentar os nossos mortos», o dr. Arlindo Vicente prestou homenagem a Humberto Delgado, seu rival na corrida às urnas em 1958.

Terminou lembrando aos

presentes que «o melhor da Nação está contra o Governo».

Inúmeros gritos de «Viva a unidade republicana», «Liberdade», «Liberdade» e «Amnistia», assinalaram o final do discurso do dr. Vicente.

Seguidamente falou o dr. Acácio Gouveia que disse estarem estas eleições a provar que «afinal, a Nação não estava com eles como diziam»; depois de prestar homenagem a todos os republicanos mortos, o dr. Acácio Gouveia formulou o voto de que os portugueses em breve possam «exercer o direito de intervir na administração pública de Portugal».

Agradecendo os aplausos o dr. Acácio Gouveia teve então o aparte que provocou a hilaridade nos circunstantes. «Foram umas palavritas, mas eles só falam com papel».

Depois de demoras sentidas junto dos túmulos de Pinheiro Chagas, de Machado dos Santos (com um familiar presente a ser aplaudido) e de outros republicanos, o compacto cortejo deteve-se finalmente junto do túmulo de António José de Almeida onde a candidata pela C. E. U. D. Etelvina Lopes de Almeida depôs um ramo

de flores e proferiu um aplaudido discurso em que exortou as mulheres a não travarem os seus homens na luta política mas antes a apoiá-los e tecer justas considerações acerca do papel da mulher na luta política.

Finalmente, todos se dirigiram para a saída, tendo o dr. Mário Soares recomendado a maior compostura e civismo.

Evocado em Grândola pelo dr. Vasconcelos Marques um dos fundadores da República

Revestiram-se de grande significado político, como não há memória desde há muito, as comemorações do 59.º aniversário da implantação da República, efectuadas, de uma maneira geral, em todo o distrito e, com especial relevo,

no Barreiro, onde a romagem ao cemitério foi seguida de uma marcha através das ruas da vila até à sede da Comissão Democrática Eleitoral.

Também em Almada, na Moita, em Setubal e em Grândola as comemorações se revestiram de muito entusiasmo. Naquela última vila, foi prestada sentida homenagem à memória do grande democrata (e um dos fundadores da República) Jacinto Nunes, com um discurso proferido pelo seu neto, o conhecido neurocirurgião, dr. Vasconcelos Marques.



Leonardo Alvarez
Alvarez (Castro)

FALECEU

Gracinda Domingos Alvarez, José Tomás Alvarez, Fernando Domingos Alvarez, mulher e filhos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido marido, pai, sogro, avô e parente e que o seu funeral se realizou hoje pelas 15 horas da Igreja da Pena para o cemitério da Ajuda.

VIÚVA MILHEIRO
R. S. Lázaro, 249

SINTRA ESPERA-NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

COVILHÃ



ERNESTO CRUZ

FALECEU

Ernesto Cruz & C.ª, Lda. cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu sócio-gerente, Exmo. Senhor Ernesto Cruz, e que o seu funeral se realiza, amanhã, 7 de corrente, pelas 13 horas, saindo da Igreja da Misericórdia para o cemitério local.

COVILHÃ



ERNESTO CRUZ

FALECEU

Malteca — Malhas e Tecidos Continentais, Lda. — cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu sócio-gerente, Exmo. Senhor Ernesto Cruz, e que o seu funeral se realiza amanhã, 7 do corrente, pelas 13 horas, saindo da Igreja da Misericórdia para o cemitério local.



ERNESTO CRUZ

FALECEU

Sua mulher D. Ilda Casaleiro Torres Cruz, seus filhos D. Olga Cândida Casaleiro Torres Cruz Ponticica de Sousa, Júlio Henriques Casaleiro Torres Cruz, Ernesto Henriques Casaleiro Torres Cruz, Carlos Alberto Casaleiro Torres Cruz, Maria Leonor Casaleiro Torres Cruz, sua tia Rosa de Jesus Bola, nora, genro, netos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido marido, pai, sobrinho, sogro e mais família e que o funeral se realiza amanhã, 7 do corrente, pelas 13 horas saindo da Igreja da Misericórdia para o cemitério local.

COVILHÃ



ERNESTO CRUZ

FALECEU

Sociedade de Tecidos Cruz, Alçada, Lda. — Cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu sócio-gerente, Exmo. Senhor Ernesto Cruz, e que o seu funeral se realiza amanhã, 7 do corrente, pelas 13 horas, saindo da Igreja da Misericórdia para o cemitério local.

O 5 DE OUTUBRO COMEMORADO EM TODO PAÍS

(Continuação da pág. anterior)

no Largo do Paço, propriedade dos herdeiros do dr. Manuel Coelho Amaral Reis. Houve também distribuição de propaganda dos candidatos da Oposição Democrática pelo círculo de Viseu.

EM ALENQUER — Revestiu-se do maior significado e da maior vibração e entusiasmo republicano o jantar comemorativo do 5 de Outubro nesta vila. Participaram mais de 100 pessoas, sob a presidência do dr. Teófilo Carvalho dos Santos, vendo-se figuras destacadas da Oposição em todo o distrito de Lisboa. Candidatos de ambas as listas oposicionistas estavam também presentes.

Em primeiro lugar falou o dr. Teófilo Carvalho dos Santos, saudado por todos os assistentes depois da opera-

ção cirúrgica a que teve de se submeter e de que se encontra restabelecido. Disse o conhecido democrata e advogado ser indispensável conseguir-se a unidade da Oposição contra o adversário comum. Saudou todos os candidatos de ambas as listas e teve palavras de fé para o futuro da causa democrática.

Mais tarde o dr. Teófilo Carvalho dos Santos disse que a unidade democrática se poderia talvez conseguir com a desistência de uma das listas em Lisboa e de outra no Porto, não havendo nem vencidos nem vencedores mas apenas combatentes da mesma causa em ambos os movimentos.

Falaram em seguida os drs. Mário Soares, Francisco Pereira de Moura, Rui Belo e José Tengarrinha, todos candidatos, ainda usaram da palavra o dr. João

Blancar, Alfredo Pires e M. Matos.

Foi no final feita uma subscrição para as despesas da candidatura, sendo o produto dividido igualmente por ambas as candidaturas democráticas.

A MEMÓRIA DO DR. SILVA NOBRE — Por iniciativa de uma comissão constituída pelos srs. engs. Joaquim Belchior e Morgado André e srs. José Paço Sequeira Primo António das Neves, António Reis Rodrigues e dr. Luís Madeira, realizou-se em Faro uma romagem á campa do dr. João da Silva Nobre, pai do artista Roberto Nobre, recentemente falecido, e médico distinto que levou grande parte da sua vida a trabalhar junto dos pobres, tendo ele mesmo morrido pobre.

Devido às restrições impostas num despacho do Governo Civil, falou apenas o dr. Almeida Carriço que

fez o elogio do dr. Silva Nobre e sugeriu que todos os cidadãos forenses se dirijam ao Município a pedir que ao Largo de Bouzela seja dado o nome daquele ilustre médico republicano.

ROMAGENS EM BRAGA

— Promovidas pela C. E. U. D. e pela C. D. E. de Braga realizaram-se às 11 e 15 horas, respectivamente, duas romagens ao cemitério municipal em homenagem a todos os que, de qualquer forma contribuíram para a implantação da República em Portugal ou a serviram ao longo da sua vida. Foram sobretudo recordadas as figuras de Simões de Almeida que marcou presença desde a primeira tentativa do 31 de Janeiro, do dr. Domingos Pereira que chegou a ser presidente de ministros e do dr. Manuel Monteiro que foi ministro de Instrução.

NA GUARDA — Revesti-

ram-se de grande dignidade as comemorações da implantação da República levadas a efeito nesta cidade.

Cerca das 15 horas partiu da sede da C. D. E. local, a Rua Marquês de Pombal, a romagem aos tumulos dos republicanos do distrito sepultados no cemitério da cidade. Manifestação ordeira e muito sentida, que a Polícia, fardada de azul escuro vigiou discretamente.

Às 16 horas, no Cine-Teatro da Guarda, houve uma sessão pública evocativa do 5 de Outubro. Presidiu o dr. João José Gomes, tendo discursado todos os candidatos da Oposição Democrática pelo círculo.

EM VIANA DO CASTELO — Com um programa simples mas de alto valor cívico e patriótico, a Comissão Eleitoral Democrática de Viana do Castelo comemorou ontem a passagem do 5 de Outubro.

Às 8 horas foi lançada uma salva de 21 tiros anunciando a passagem da data. Ao fim da manhã os democratas deslocaram-se ao cemitério, em romagem aos tumulos de alguns vultos eminentes da República ali sepultados.

NA FIGUEIRA DA FOZ — O 5 de Outubro foi comemorado nesta cidade com grande civismo. Ao fim da manhã um grupo de republicanos, espontaneamente secundado por elevado número de pessoas, depôs ramos de flores na base dos monumentos a Manuel Fernandes Tomaz e João de Barros. No cemitério local apareceram também juncadas de flores as

campanhas de todos os democratas falecidos.

Seguiu-se um concorrido almoço de confraternização num restaurante da cidade, a que presidiu a dr.ª Cristina Torres, ladeada pelos drs. João Ribeiro e António Arnaut, este último proposto como candidato pela C. D. E. de Coimbra. Foram estas três individualidades os oradores no final do almoço, não houve propriamente discursos, mas afirmações de fé democrática sublinhadas entusiasticamente por mais de uma centena de participantes.

FAVIRA — Por iniciativa de republicanos favirenses, realizou-se, ontem, nesta cidade, uma romagem aos tumulos do dr. Zacarias Guerreiro, primeiro governador civil do Algarve, depois da implantação da República e drs. Silvestre Falcão e António Padinha.

Discursou o dr. Eduardo Mansinho.

BRAGANÇA — Promovida pelos candidatos da Oposição Democrática por este distrito, realizou-se no Cine-Teatro Camões, desta cidade, uma sessão comemorativa do 5 de Outubro. Antes, os democratas do distrito de Bragança foram ao cemitério local em romagem de saudade às campanhas dos republicanos ali sepultados nomeadamente os srs. dr. Adriaõ Martins Amado, Artur Mirandela, dr. Luís Teixeira Neves e dr. Acácio Augusto Mariano.

A sessão foi presidida, por indicação do governador civil, pelo sr. dr. Alexandre Faria. Usaram da palavra os candidatos dr. Domingos da Ponte, António Rafael e João Vicente.

QUE CADA UM SE LIBERTE DA COVARDIA

— disse o dr. Rui Clímaco na romagem ao túmulo de José Falcão (em Coimbra)

COIMBRA, 6 — Uma romagem ao mausoléu de José Falcão, no cemitério de Santo António dos Olivais, e ao monumento a Jaime Cortesão, na vizinha vila de Ançã, além de uma sessão no Teatro Avenida, nesta cidade, foram as manifestações democráticas comemorativas da data do 5 de Outubro.

Na romagem integraram-se muitos democratas, vendo-se pessoas de todas as categorias sociais, desde professores universitários a modestos operários.

«Porque o exemplo de homens como José Falcão sobrevive à sua morte — afirmou na romagem o dr. Rui Clímaco, um dos candidatos oposicionistas pelo círculo de Coimbra — aqui estamos, homens e mulheres, de muitas idades, irmanados no mesmo propósito, aqui vimos dar testemunho da nossa presença viva, na Pátria que ele tanto amou e que nós tanto amamos também. Aqui estamos para afirmar solenemente à beira da sua campa, que continuamos a lutar sem desânimo, nem desercção pela liberdade e felicidade do povo português, para gritar bem alto a certeza da nossa verdade que nada, nem ninguém conseguirá calar.»

E depois: «Neste Outubro de 1969, é necessário que cada um de nós, como José Falcão, se liberte da covardia e lute dignamente, coerentemente,

54 totalistas no Totobola

Esta semana no Totobola, houve 54 «trezes», sendo 49 da Metrópole, quatro de Angola e um de Moçambique; cabe a cada um dos totalistas 45 342\$30.

Com 12 resultados certos registaram-se 1114 concorrentes, sendo 976 da Metrópole, 89 de Angola e 49 de Moçambique, a cada um cabe 2197\$50.

sem hesitações nem oportunismos de quaisquer espécies, por uma causa que é para todos nós uma causa sagrada do Povo Português, que é todo ele, e só ele, a Pátria que amamos e pela qual sofremos».

Em Ançã

Os democratas seguiram depois, para Ançã. Ali, junto do busto que perpetua a memória de Jaime Cortesão, usaram da palavra mais dois candidatos oposi-

ANIVERSÁRIO DA SOCIEDADE PROMOTORA

O governador civil de Lisboa, dr. Afonso Marcheta, deslocou-se ontem à freguesia de Alcântara, para presidir a uma sessão solene comemorativa do 65.º aniversário da Sociedade Promotora de Educação Popular.

Durante a sessão foram distribuídos prémios às 18 alunas que mais se distinguiram no ano passado e, no fim, foi servido um lanche a 180 alunas.

A P. V. T. ANUNCIA: ATENÇÃO ÀS LUZES EM OUTUBRO

Outubro será o mês da iluminação e dos faróis, anuncia a P. V. T., que está já a dedicar a esse tema o essencial da sua campanha de segurança na estrada.

A fiscalização incide sobre a má utilização ou deficiente regulação das luzes das viaturas automóveis (os médios não podem ter alcance superior a 30 metros e os máximos não deverão exceder o hectómetro; as luzes são obrigatoriamente brancas à frente e vermelhas à retaguarda), e também sobre a iluminação de velocípedes e carros de tracção animal.

cionistas de Coimbra, os srs. prof. dr. Orlando de Carvalho e o prof. eng.º Henrique de Barros.

No seu discurso, o prof. Henrique de Barros afirmou nomeadamente:

«Jaime Cortesão saiu de Portugal mas o Brasil recebeu-o com as maiores distinções, o do seu melhor instituto, o do Rio Branco, e deu-lhe todas as facilidades para os trabalhos de investigação histórica, que foram notáveis.»

Ao fim da tarde o Teatro Avenida encheu-se de uma multidão entusiástica, que

escutaram, comovidos, o velho prof. Mário Silva.

A sessão foi presidida por aquela prestigiosa figura do cientista e pioneiro do ensino da Física Nuclear em Portugal, ladeado pela sr.ª D. Cristina Torres e pelo prof. Paulo Quintela, e pelos candidatos da Oposição Democrática pelo círculo de Coimbra.

Usou também da palavra o estudante Alfredo de Avelar Soares Fernandes Martins, que em nome da comissão organizadora das comemorações elogiou os heróis da República.

em exposição
o novo modelo
Volkswagen L
* 1300 L
* 1500 L

UM NOVO VOLKSWAGEN
AINDA MAIS VALIOSO,
MAIS CONFORTÁVEL,
MAIS SEGURO...

...e cada vez melhor!



SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.
Avenida da Liberdade, 12 — Telefones 36751/7-370171/5
FILIAIS OU AGENTES EM: ARRIFANA, AVEIRO, BEJA, BRAGA, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, COVILHÃ, ELVAS, ÉVORA, FARO, GUARDA, LEIRIA, LISBOA (AVENIDA PADRE MANUEL DA NOBREGA), MIRANDELA, MOURA, PORTALEGRE, PORTO, SANTARÉM, SANTIAGO DO CACÉM, SETÚBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VILA REAL, VISEU, FUNCHAL, PONTA DELGADA, ANGRA DO HEROISMO, HORTA E S. TOMÉ

HÁ PESCAR E PESCAR, HÁ PERDER E GANHAR

(Continuação da 2.ª página)

das na sua construção as mais modernas e aperfeiçoadas condições de funcionamento, não só no que respeita ao equipamento mecânico como à coordenação do transporte e manuseamento. O conjunto tem uma capacidade de produção de gelo de 300 tons, por dia, e, nos seus frigoríficos, podem armazenar-se, como se disse, 5500 toneladas de pescado.

«Pode computar-se em cerca de 800 o número de empregados, operários e trabalhadores que colaboram nos diversos serviços da Doca de Pesca e, pelos elementos indicados, se poderá ajuizar do elevado alcance económico e social que esta grandiosa obra representa para o País, a qual tem sido muito visitada, admirada e elogiada por entidades estrangeiras da especialidade.

«Além disso, nos Açores, Madeira e Ultramar, para desenvolvimento e apoio das frotas portuguesas que trabalham na captura da pescada da África do Sul e dos atunheiros, vão construir-se bases frigoríficas, na Horta, Ilha do Sal, S. Tomé e em Moçamedes, porto este onde devem entrar ao serviço já em Fevereiro de 1970, novas instalações frigoríficas com capacidade para 15 000 toneladas.»

Aspectos de ordem geral

«Depois de termos dado um panorama geral das pescas, resta-nos esclarecer alguns dos aspectos mais importantes tratados nos 3 artigos publicados pelo «Diário de Lisboa».

Consideramos que os principais são os seguintes:

1.º — Insuficiência de planeamento e das verbas consignadas para a expansão da indústria e para a investigação tecnológica e científica; 2.º — Consumo insuficiente de peixe; 3.º — Preços elevados; 4.º — Frotas antiquadas; 5.º — Desorganização da distribuição; 6.º — Dificuldades para a exportação.

1.º Insuficiência de planeamento e das verbas consignadas para a expansão da indústria e para a investigação tecnológica e científica

«Os Organismos Corporativos patronais têm sempre orientado a sua acção considerando em primeiro lugar os interesses da economia nacional, segundo as directivas fixadas pelo Governo, e, designadamente pelo Ministério da Marinha, departamento que tem a seu cargo a direcção da política das pescas.

«É preciso não esquecer que a indústria de pesca que a Organização Corporativa encontrou, era caótica e em alguns sectores quase inexistente. Os homens que têm hoje entre 40 e 50 anos, eram crianças, ou nem sequer tinham nascido, nessa época. Ignoram por isso, aquelas realidades que outros viveram e amargaram duramente. Não deixa de ser curioso registar o facto.

«A pesca do bacalhau era exercida por navios de madeira e à vela, sendo muito poucos os que dispunham de motor auxiliar de propulsão, e a sua situação económica era de autêntica ruína.

«A pesca do arrasto, tanto do alto como costeira, com a excepção de Lisboa, era inexistente e, mesmo em Lisboa, era constituída, na sua quase totalidade, por velhos navios comprados, em segunda mão, no estrangeiro.

«As traineiras da pesca da sardinha eram quase todas a vapor, de pequena tonelagem e de fraca capacidade de pesca e as quantidades capturadas submúltiplas das actuais.

«A pesca que hoje classificamos de artesanal era, nesse tempo, não artesanal, mas «folclórica» e as suas capturas não tinham qualquer expressão económica.

«Frota do atum não existia. Havia somente as armações do Algarve.

«Em 1968 as produções destas diferentes pescas foram as seguintes em toneladas e valores:

Pesca desembarcada

	1968	
	Tons	Contos
Bacalhau verde	72.180	577.440
Arrasto	76.791	564.517
Sardinha e similares	168.292	567.641
Pesca artesanal	39.699	388.528
Atum	3.271	15.941
	360.233	2.114.067

«No ano de 1967 a produção só de sardinha alcançou 113 328 toneladas. A produção de 1968, — 77 800 toneladas — foi a mais baixa desde 1951. Sucede, porém, que nos últimos 11 anos a média das descargas de sardinha foi de 128 mil toneladas.

«No aspecto social, assistencial e previdência tudo era, como alguns sabem, um autêntico zero.

«A obra que se levou a cabo foi efectuada pela Organização Corporativa das Pescas, pelo armamento e pelos próprios trabalhadores.

«As ajudas do Estado só se fizeram sentir no campo do financiamento — e mesmo neste, continuam a ser muito inferiores ao que se pratica em outros países.

«Em Espanha, em 1968 e apesar da suspensão de financiamentos para a construção de navios destinados à pesca do bacalhau e de congeladores para a captura da pescada na África do Sul — os dois sectores em que foi maior a expansão do armamento espanhol, — ainda a verba total dos financiamentos oficiais foi de 795 000 contos por prazos de 20 anos e com o juro de 4 a 5,5 %.

«Em Portugal, no mesmo ano, os financiamentos considerados pelo Plano de Fomento foram de 256 000 contos. Mas não são só as verbas que são limitadas; sucede, também, que há atrasos nos prazos previstos para delas se poder dispor.

«Para o actual Plano de Fomento tinham sido pro-

postos e aprovados pelo Senhor Ministro da Marinha 2 356 000 contos. Esse valor foi, porém, reduzido por deliberação governamental para 1 862 000 contos. No Plano proposto, a verba apresentada para a investigação era de 55 000 contos; foi, porém, reduzida no Plano definitivo para 35 mil.

«Pelo despacho n.º 175 de 15-4-58 do então Ministro da Marinha, foi fixada uma verba de 32 500 contos destinada ao financiamento da construção de um navio de pesquisas da pesca.

«Esta construção não se pôde, porém, efectivar, como se reconhece no Relatório de Execução do II Plano de Fomento, «por os Organismos Corporativos das Pescas não estarem em condições de cobrir o a t o financiamento necessário ao investimento, nem de suportar as despesas da manutenção de tal unidade — muito embora se considere indispensável para o desenvolvimento dos trabalhos de investigação científica e técnica no sector».

«Em toda a parte é o Estado quem tem a seu cargo a investigação, a tecnologia e a biologia das pescas, bem como as Escolas de Pesca.

«No nosso País, só existe um organismo estatal dedicado, exclusivamente, à investigação das pescas, o Instituto de Biologia Marítima, que tem um orçamento anual muito limitado. Assim, para material, equipamento e realização de estudos, a verba é da ordem dos 300 contos.

«Navio de pesquisas não temos, o que também não sucede em qualquer outro país pescador, apesar de sermos o oitavo produtor europeu e o décimo nono mundial (FAO).

«As Escolas de Pesca de preparação de pessoal, são encargo da Organização, ou seja, do armamento. Só em 1969 o Governo concedeu, pelo Ministério das Corporações, a verba necessária para a construção de uma modelar Escola de Pesca em Lisboa.

«O Gabinete de Estudos das Pescas funciona mantido, também, pela Organização Corporativa das Pescas.

«A pesca é, praticamente, obrigada a construir todos os seus navios em Portugal, pois se os quiser importar terá de pagar impostos da ordem dos 25 % sobre o valor das construções e mesmo, nessa hipótese, só em casos especiais conseguirá as respectivas autorizações de construção no estrangeiro.

«Compreende-se perfeitamente, aliás, a obrigação das construções serem feitas em Portugal, pois trata-se de proteger uma indústria de grande impor-

tância para o nosso País. O que se não compreende, porém, é que seja a pesca a suportar sozinho os encargos dessa necessária protecção.

«Nas costas africanas lutamos com as maiores dificuldades pelo alargamento desmesurado das águas jurisdicionais. E se não fosse a ajuda concedida pelo Ministério da Economia, a pesca nesta região não poderia ter sido mantida. A nosso favor só temos tido a perseverança do armamento e dos pescadores e uma mão-de-obra que tem sido mais barata do que a dos países concorrentes.

«Este último factor vai-se progressivamente minimizando e começa já a sentir-se a carência de pescadores, embora não tão fortemente como em países como a Alemanha, a Inglaterra e o próprio Japão.

«Neste último país, um dos maiores produtores mundiais e que tem uma extraordinária organização de preparação de pessoal, indo até ao nível universitário, e meios industriais poderosíssimos, as pescas estão a entrar em declínio em virtude da falta de mão-de-obra e, assim, o Japão de país exportador passou já a importar.

«A Organização Corporativa das Pescas pensa que tem o direito a que lhe seja feita justiça pela obra realizada em condições tão difíceis ou, pelo menos, que essa obra seja conhecida e não intencionalmente ignorada ou maisminada.

«Não somos um País com condições privilegiadas para a pesca, com excepção do que, normalmente sucede com a sardinha, e estamos a grande distância das zonas abundantes de pesca do Atlântico Norte.

«Um sistema de subsídios para as construções navais ou para as pescas também ainda não se conseguiu no nosso País.

«Também o regime tributário português no que diz respeito às pescas, constitui um caso muito especial. Esta indústria é tributada em contribuição industrial, como todas as outras, mas está sujeita a uma outra tributação, porque sobre ela incide o imposto de pescado — 10 % sobre o valor da venda à descarga do peixe.

«Até as despesas com missões ao estrangeiro para tratar de assuntos internacionais de pesca e os nossos delegados junto de organizações permanentes como a ICNAF, etc. têm os seus encargos cobertos pela Organização das Pescas e não pelo Estado.

«O preço da construção naval é, em muitos casos, mais elevado do que em outros países e uma das principais razões dessa situação é que não são concedidos subsídios aos estaleiros — como em toda a parte sucede — para reduzir o custo das construções.»

COMENTÁRIO de Afonso Praça

Após terem traçado o panorama geral das pescas, os Grémios entram finalmente a «esclarecer alguns dos aspectos mais importantes» tratados nos artigos do «Diário de Lisboa» ou, antes, alguns dos artigos que

eles consideram mais importantes, já que para tal conclusão ninguém lhes forneceu as necessárias premissas.

Começando por referir a «insuficiência de planeamento e das verbas consignadas para a expansão da indústria e para a investigação tecnológica e científica», entramos de acordo num ponto. Ou alguém disse que as ajudas do Estado eram elevadas e as verbas para a investigação suficientes? E aí temos: se para o actual Plano de Fomento o ministro da Marinha tinha proposto dois milhões e trezentos e cinquenta e seis mil contos e o Governo deliberou reduzi-los para 1 862 000, só podemos concluir que muito do que era necessário fazer terá de esperar.

É certo que «nas costas africanas lutamos com as maiores dificuldades pelo alargamento desmesurado das águas jurisdicionais» e que «a nosso favor temos tido a perseverança do armamento e dos pescadores e uma mão-de-obra que tem sido mais barata do que a dos países concorrentes».

Acreditamos que a perseverança continuará. E o resto? No «Plano de Distribuição do Pescado» (enviado em 3-8-1966 ao ministro da Economia, acentua-se: «As contingências de pesca, afectando o nível de salários das tripulações e, por outro lado, o aliciamento aos melhores pescadores por parte dos países industrializados da Europa, explicam a emigração e, em certa medida, as grandes dificuldades que se deparam hoje para melhorar a produtividade do trabalho». No mesmo documento diz-se que «recentemente houve que garantir salários mínimos às tripulações dos navios de arrasto» e que «as remunerações sofreram um aumento médio da ordem dos cem por cento».

Note-se que o citado documento é de Agosto de 1966. Apesar disso, talvez tivesse interesse comparar os salários dos pescadores portugueses com os de outros países citados pelos grémios.

A. E. P.

**TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO**
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telef. 367444/323172
Rua 1.ª de Dezembro, 45

LICEU

Diurno e nocturno
Ext. N.º Sr.ª da Saúde
L. CONDE POMBEIRO, 12
T. 57048 (aos Anjos)

ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA

ALTA FIDELIDADE
ESTEREOFONIA
Rua Rodrigo da Fonseca, 31, 1.ª
Telef. 43464 — LISBOA

EXPLICADOR

Lições Individuais
5.ª, 6.ª e 7.ª anos
Liceus e Adm. Fac.
Matem., Fis.-Quím. e Des.
Tel.: 83.33.32

macorex

Rua Maria Andrade, 60-D LISBOA

TELEFS PPC 83 7980 - 838548

TEVE A HONRA DE REVESTIR OS PAVIMENTOS DOS
ESCRITÓRIOS, CORREDORES, GABINETES E REFEITÓRIOS
DA NOVA FÁBRICA **COVINA** FORNECE-
CENDO E APLICANDO OS FAMOSOS LADRILHOS

VINYLICOS
DE FÁBRICA
AUSTRIACA

EURO FLEX



HOJE PODE VER ...

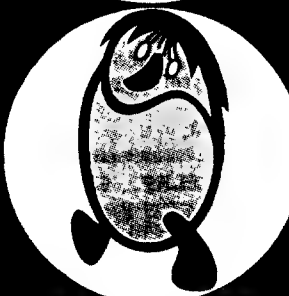
ZIP-ZIP

Zip-Zip, o programa de Raul Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia, estará presente pelas 22 horas, para trazer até nós as figuras do professor Calvet Magalhães, Raul Nery e João Bagão, Tarzan Taborda (que falará dos seus papéis de duplo no cinema americano, entre eles «O Dia Mais Longo»), o «Grande Otello», que será entrevistado do Aeroporto de Lisboa, onde acaba de chegar, e a cantar lá estarão Duarte e Ciriaco, que ainda recentemente gravaram para a RTP um Tele-Ritmo, e onde Zip-Zip foi descobrir as suas qualidades.

DESENHOS ANIMADOS

Os grandes heróis Pepe Legal, Babalu, Pinky, Sindbad e outros, estarão nos pequenos ecrãs, cerca das 19 e 45, para gáudio dos pequenos telespectadores que, quase diariamente, a esta hora, têm o seu pequeno momento-TV.

COLCHÕES DE MOLAS



BAIXO PREÇO
ELEVADA
QUALIDADE

Dupla Face. Verão/Inverno

A VENDA NAS CASAS
DA ESPECIALIDADE

E. A. MOREIRA & C. Lda.

PORTO: Rua Portugal 2, 1.º andar

LISBOA: R. da Ribeira Nova, 46-2 tel. 35241

CAMINHOS DE FERRO

PARA PESSOAS DE IDADE
A C. P. informa de que os bilhetes com a redução de 50% para as pessoas com idade igual ou superior a 65 anos são vendidos todo o ano com excepção dos seguintes períodos:

- Sábados e domingos, de 1 de Julho a 30 de Setembro;
- Nos dias 14 e 15 de Agosto;
- De 22 de Dezembro a 3 de Janeiro;
- De quarta-feira anterior ao domingo de Páscoa a quarta-feira posterior.

IMAGENS DA POESIA EUROPEIA

Pelas 21 e 15 o Dr. David Mourão-Ferreira apresenta o seu programa «Imagens da Poesia Europeia» que encerra hoje o ciclo dedicado à Grécia ou Antologia Grega.

Durante três meses, Julho, Agosto e Setembro, falou-se no Peloponeso, na Ática, nas ilhas de Egeu e do Jónio, nas costas da Ásia Menor, finalmente em Alexandria. Neste programa o seu produtor diz adeus à Grécia para na próxima semana começar a falar de Roma...

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 05: Que quer ouvir?; 16 e 30: Programa da tarde; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde; 17 e 45: Quinze minutos com Beatriz de Sousa Santos; 18 e 05: Novos ritmos; 18 e 20: Tempo de Juventude, por Odette de Saint-Maurice; 18 e 50: Novos ritmos; 19 e 15: Rádio Rural — Música só música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Melodias do Passado, 20 e 40: 5.º Episódio do Folhetim «O Grande Industrial»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: A Orquestra Caravelle; 21 e 37: Vamos Ouvir... O Trio Barreir; 22: A Ciência ao Serviço do Homem, pelo dr. António Manuel Baptista; 22 e 20: Os nossos compositores; 22 e 50: Conjuntos ligeiros; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 17 e 30: O Compositor Interpretando a sua Obra — Quinteto op. 57 (Chostakowitch), pelo Quarteto Beethoven de Moscovo; 18 e 30: Música de Piano, obras de Albeniz e Debussy por Alicia de Larrocha, Aldo Ciccolini e Gabriel Tacchino; 19: Crítica Literária, pelo padre João Moia; 19 e 10: Semanário Musical; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de Piano; 20 e 30: Música Coral Sinfónica; 21: Concerto pelo Quinteto de Instrumentistas de Sopra da Emissão Nacional; 21 e 30: Música Sinfónica; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.º Programa (Cultural MF 2) — 94,3 mc/s. — As 23: Canções Francesas — pelos «Pequenos Cantores da Côte d'Azur» sob a direcção de René Celonico; 23 e 15: Festival de Viena de 1969 — em gravações cedidas pela Radiotusson Austriaca; 0 h.: Cantata para o Morte do Imperador José II (Beethoven); 1: Fecho.

Emissão Estereofónica — MF 2 de Lisboa (94,3 mc/s.) — Porto (92,5 mc/s.) — Loulé (89,3 mc/s.) — Monchique (91,5 mc/s.) — Das 21 às 23: Música ligeira; Música sinfónica; Música coral; Solos.

RÁDIO UNIVERSITÁRIO — 451 m — 665 kc/s. — As 19 e 15: Meridiano zero; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 299,13 m — 1034 kc/s. — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 19 e 15: Momento Textente; 19 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio Jornal; 19 e 45: Língua Portuguesa, pelo professor Vasco Botelho do Amorim; Entre as 20 e as 21: Hoje convidamos...; 20 e 07: Selecção; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Isto é Brasil; 21 e 03: Alegria no trabalho; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande radio; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talsimá.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa da Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-2; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — As 16: Programa C. D. C.; 16: Radiograma; 18: Melodias; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 30: Página 1; 21: Os novos emissores em marcha; 22: A música é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m

— 1286 kc/s. — As 16: Radiograma; 18: Canções da Europa; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sábados; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Ponto-grama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — As 16: Radiograma; 18: Melodias; 18 e 15: Notícias e boletins de filmes e religiosos; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Os Novos Emissores em Marcha; 22: Aud-tório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 594 kc/s — 94,4 mc/s. — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 11 às 17: Clube Radiofónico de Portugal — Das 8 às 11 e das 9 e 30 às 22: Rádio Voz de Lisboa — Das 7 às 9 e das 22 às 2

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Juventude no Mundo; 20 e 15: Momento desportivo; 20 e 45: Ao Serviço da Nação; 21 e 15: Imagens da Poesia Europeia; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 22: Zip-Zip; 23 e 45: Marcha do Mundo; 23 e 55: Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 22: Expedição — Survival; 22 e 25: Imagens da Poesia Europeia; 22 e 45: «Danger Man» — episódio com o título: «Enquadrado no Número»; 23 e 40: Fecho.

TELEVISORES

GRUNDIG



2.º PROGRAMA

Universidade na TV «Se bem me lembro»

Cerca das 22 horas o prof. dr Vitorino Nemésio 2.º Programa apresenta na rubrica «Se bem me lembro», a terminar é transmitido um concerto de música viva com Maria Guida São Marcos e Manuel Morais.

canal da crítica

«RISO E RITMO»: ENTREGUE À BICHARADA

1 — Não foi uma rubrica: foi um deserto.

Andámos, andámos e não se encontrou gota de água pura. Tudo estava inquinado pelo mau gosto, pela insipidez, pela falta de imaginação a mascarar-se de imaginação. Nicholson e Cortez deram forte machadada numa rubrica em que, tempos atrás, se depositou alguma esperança. O mapa-tipo de inverno da Televisão portuguesa principiou sob mau signo.

2 — Não digo que se proibam as brincadeiras carnavalescas. Cada qual, porém, deve tê-las, se quiser, mas a bom recato, de maneira a não incomodar os vizinhos.

3 — Nem digo ser tudo aquilo próprio de loucos no manicómio. Os loucos são irresponsáveis e com isto se defendem, enquanto os autores de «Riso e Ritmo» são responsáveis, e com isto se perdem.

4 — Riso foi coisa que ninguém encontrou. Se não riso, uma palavra in-

tencional, um sinal de inteligência, um riso á flor dos lábios. Carlos Pinhão, autor do texto, possui larga prática da prosa humorística. Mas o humor por escrito não é humor por TV. O facto de não haver compreendido isto, levou-o a um completo fracasso. Das rábulas da se-reia, do Lobo e do António dos Santos (pobre António dos Santos, como é que tu foste nisso?) a única onde se vislumbra a possibilidade de uma imaginação capaz de captar o telespectador, foi a primeira. De tudo o mais não ficará memória, nem apetite, tanto se acumularam os lugares-comuns, a pobreza de expressão, a falta de espírito. Por muito que se adivinhem as camisas-de-forças que sujeitam a inspiração, mesmo assim, contando com todos os ponderáveis, se fica com a razão de lamentar tanta falta de poder criador.

5 — O fracasso do texto foi seguido de total fracasso de actores e cançonetistas. Aliás, não se compreende a razão da inclusão de uma Lena Branco, de uma Fernanda Amaro, de um Mané, de um Paulo Jorge, etc., num programa que ainda há pouco tempo se julgava com o propósito de aceder à popularidade... O crítico não quer entrar no jogo

das alusões sub-reptícias, mas não pode deixar de reconhecer as concessões que Nicholson e Cortez são obrigados quando se trata de elaborar o programa. Ou estarão mesmo convencidos de que qualquer dos cançonetistas merecem qualquer atenção por parte do público?

6 — Um dos grandes crimes desta emissão de «Riso e Ritmo» consistiu no assassinato, a frio, de António dos Santos. O cançonetista interpretou mal uma letra envergonhante na boca de qualquer pessoa e mais ainda na de um artista do agrado de tantos telespectadores exigentes. António dos Santos, por que fizeste isso? Na idade em que estás, como não saibaras tu que há amigos — da onça?

7 — Ah, aquele domingo! Depois de uma Eurovisão de Veneza com um

som de causas arrepiadas, depois de um TV Clube com Música Novorum, conjunto simpático mas sem futuro; depois de uma série francesa com muitos mortos, rombos de lingotes de ouro, uma série medíocre — depois de tudo isso e de muito mais que calo, eis-nos desaguados num pântano. Riso e Ritmo perdeu toda a consideração por si próprio. Que admira se os telespectadores a perderam também por ele?

NOVO PROGRAMA INFANTIL

Criou-se farta expectativa à volta dos novos programas infantis, em preparação nos estúdios da R. T. P. Depois do traço vermelho sobre o «Quanto de Brinquedos» nada mais aconteceu para as orlaças com carácter organizado a não ser um «Girasol» que vinha muito de tempos a tempos. Chegouse ao ponto de se passar todo o

(Continua na página seguinte)



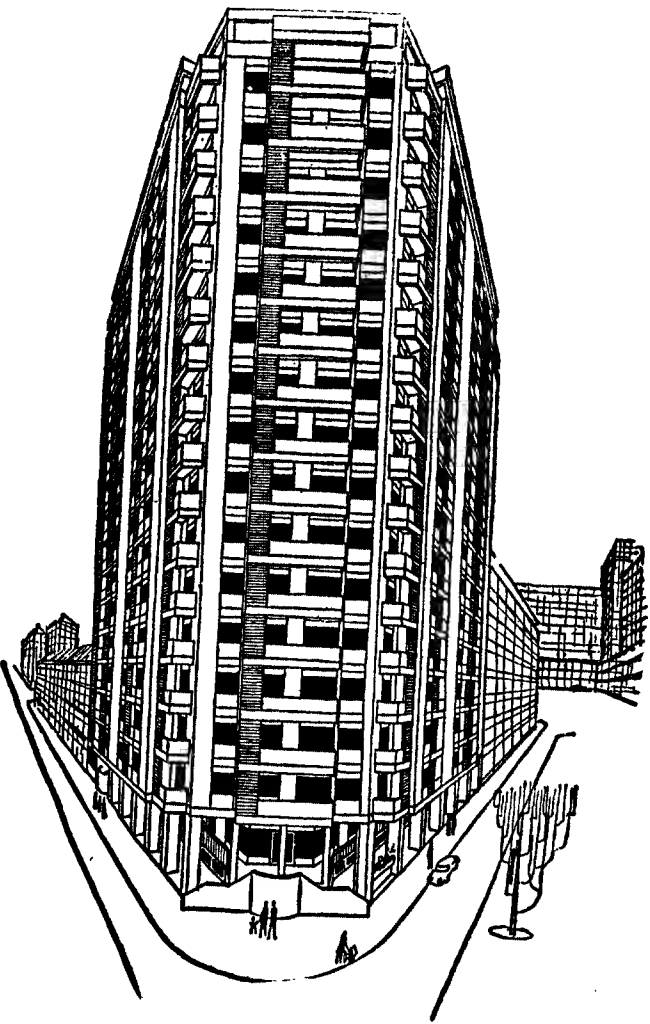
LÍNGUA PORTUGUESA PALESTRAS

pelo Prof. Vasco Botelho de Amaral

Director do CENTRO INTERNACIONAL DE LINGUAS

RÁDIO CLUBE PORTUGUES

2.ª-feiras — 19.45 (LISBOA); 6.ª-feiras — 23.15 (PORTO)



Edifício Oeiras

Este edifício será o maior do Distrito de Lisboa.
Comportará cerca de 200 fogos

Compre a sua habitação neste edifício e quando ele estiver concluído terá em frente um Parque Desportivo equipado com Piscina

J. PIMENTA, S. A. R. L.

assegura-lhe um rendimento de 6 a 10 %, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente, garantido por escritura pública.

Apartamentos em exposição em: Reboleira, Amadora, Paço de Arcos (Espargal) e Cascais (por detrás do Hotel Baía)

3.000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

Propriedades à venda em: Reboleira, Amadora, Venda Nova, Paço de Arcos, Parede, Cascais e Lisboa.

LISBOA — Rua do Conde Redondo, 53-4.º, Esq.º — Tel. 45843-47843
QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telef. 952021-952022
REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telef. 933670



**D. MARIA GOMES
DA CRUZ HENRIQUES
FALECEU**

Guilherme Henriques, Ilda Gomes Henriques Gonçalves Almeida seu marido, Fernando Gonçalves de Almeida o filho, e mais família, cumpram o doloroso dever de participar o falecimento da sua muito querida mulher, mãe, sogra, avó e parente e que o seu funeral se realiza amanhã pelas 11 horas da Igreja da Penha de França para o Cemitério do Alto de S. João.

A. G. MAGNO, LDA.
Av.º Almirante Reis, 129-A
Telef. 51586

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA ALUGAM-SE

Estabelecimentos
**VALENTIM
DE CARVALHO**
Comércio e Indústria, S. A.
R. L. — 95, Rua Nova do
Almada, 99 — LISBOA

**LICEU
E COMÉRCIO
COLÉGIO B. DIAS**
INTERNATO MAS-
CULINO • PENSIONATO
FEMININO
ST.º IRLA DA AZOLA
T. 259222
a 10 km de LISBOA
(Transporte privativo)

canal da crítica

(Continuação da pag anterior)

Verão com total esquecimento do público infantil. Quer dizer: precisamente na época de maior tranquilidade e disponibilidade para as crianças é que se julga oportuno retirar-lhes os seus passatempos. Critérios. Estamos mesmo a ver o argumento: no Verão, as crianças estão em férias, sem tempo para assistir ao programas de televisão... oxalá assim fosse. Mas a experiência diz-nos que, mesmo nas grandes cidades, para a maioria das crianças não há férias possíveis.

II
Mas bem. Criou-se, pois, uma grande expectativa em

volta, etc., etc. Dos novos programas infantis, foi-nos apresentado o primeiro, no sábado.

Compreenda-se que o primeiro programa, como o primeiro número de uma publicação seja ou muito bom ou muito mau, segundo se dispõe de tempo e meios para organização ou tudo se fez de afogadilho.

A nova feição do programa infantil de modo nenhum satisfaz. A visita ao estúdio da Televisão lembrava muito pela indiferença organizada, as excursões lanques. No aspecto cultural a visita nada significou já que, para as crianças, não resultava nenhuma linguagem que

prescinde da ação da imaginação infantil.

Por outro lado, a ação da educadora de infância Maria de Fátima Leal deve considerar-se negativa por muitas razões. Os rapelões, os puxanços nas crianças para favorecer a ação da câmara, não podem repetir-se. Acontece ainda que, a menos que se trate de anomalia passageira, a dicção de Maria de Fátima a prejudica altamente nas suas funções. O metal de voz é extremamente desagradável (e oxalá também aí se trate de anomalia passageira). Além de que não deixa de ser incompreensível ouvir uma educadora portuguesa falar português a crianças portuguesas em termos de «biberon» e «écran»...

A segunda parte da rubrica foi preenchida com um filme de animação de muito interesse e capaz de prender a atenção daqueles meninos não viciados ainda nos filmes animados de terror frequentes na programação dos anos anteriores.

Há que insistir nos filmes do género — mas há que atender também a pormenores de muita importância. A tradução, por exemplo, de Maria Cândida Mendonça pareceu-me não estar de acordo com o português comum nem com a realidade exigida na Televisão. Ontem aconteceu ainda desfasamento entre o comentário e a imagem. E não me parece que Carlos Cruz, pelo facto de ser locutor, esteja indicado para fazer o serviço à voz. Aí, era de um artista que se precisava. Ninguém foi capaz de ver isso. Já agora não compreendo bem porque se aportuguesaram todos os nomes e se deixou o título da fita: «Trumpston». Já agora, acabava-se a obra.

Claro, foi o princípio. Princípio é princípio. Não quero desesperar. Não quero, já disse. Não quero. Quero ir dormir embalado numa esperança. Esperança que é a chupeta dos críticos...

MÁRIO CASTRIM

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

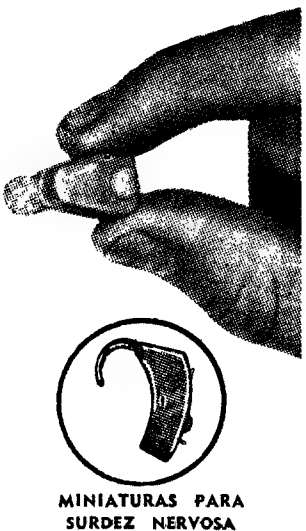
SURDOS CASA SONOTONE

Temos para vós o que existe de mais moderno para corrigir a surdez.

Para as senhoras, recebemos aparelhos invisíveis para correcção da surdez nervosa, peça-nos uma experiência que é absolutamente grátis. Não estejam mais tempo sem ouvirem.

Facilidades de pagamento, trocas e assistência por técnicos diplomados Tudo encontrareis para bem servir em:

LISBOA no Poço do Borratém, 33, s/l. — Tel. 86 83 52
PORTO na Praça da Batalha, 92-1.º — Telef. 3 56 02



MINIATURAS PARA
SURDEZ NERVOSA

O assistente técnico visita na presente semana as seguintes Localidades: PONTE DE SOR, CASTELO BRANCO, IDANHA-A-NOVA, NISA, CASTELO DE VIDE, PORTALEGRE, ALTER DO CHÃO, CABEÇO DE VIDE, ARRONCHES, CAMPO MAIOR, ESTREMOZ, PAVIA, ARRAIÓLOS, MONTEMOR-O-NOVO e VENDAS NOVAS.

SETÚBAL



Zenóbia Xavier de Oliveira Frescata

MISSA DO 7.º DIA

Carlos de Oliveira Frescata e seus filhos, Maria Isabel, Zenóbia Maria e Carlos Miguel de Oliveira Frescata e demais família participam que amanhã, dia 7, pelas 19 horas, na Igreja de São Julião em Setúbal será celebrada missa pelo eterno descanso da Alma da sua muito querida e saudosa mulher, mãe, nora, cunhada, tia e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto Aproveitam a oportunidade para agradecer a todos os que de qualquer modo se interessaram e acompanharam a sua prolongada e dolorosa doença.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO — TELEF. 53 41 67



Dr. Manuel José Fragoso Pinto Garnel

Participação e Missa do 7.º Dia

Filipa Maria de Castro Pereira Ulrich Garnel e seus filhos; Júlia de Magalhães Pessoa de Sá Fragoso; José Pinto Garnel, sua mulher, seus filhos e nora, José Frederico Ulrich, seus filhos, nora e genro, cumpram o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à Sua Divina presença, no passado dia 1 de Outubro o seu querido marido, pai, neto, filho, irmão, genro e cunhado, e que serão celebradas missas, pelo seu eterno descanso, no dia 7, às 12,45 horas, na Basílica da Estrela, e às 12,30 horas, na Capela da Quinta da Alorna em Almeirim.

AGÊNCIA BARATA

Foi assinalada com um beberete, que reuniu grande número de individualidades a apresentação do sr. Elias Sayago, novo representante da Viasa — Venezolana Internacional de Aviación. Ao acto assistiram o embaixador da Venezuela e o director-geral da Viasa, sr. dr. Elias Lopez Ortega.

Propriedades

VENDAS

ANDARES

EM ODIVELAS Com 5 e 6 casas assombrosas, em prédio de luxo, prontos a fazer escritura Rua E, 4 Av. Prof. Dr. Augusto de Abreu Lopes, Lotes 18 e 19. TRATA: F. FERNANDES & COSTA, LDA. Av. Alm. Reis, 104-2. Telef. 536111

ANDARES

NO LUZ com 3 div. asombrosas, excel. panorama. preços muito acessíveis. Rua Projectada entre a Estrada do Desvio e a Estrada da Ametoeira, 47. TRATA: Praça dos Restauradores, 13. 2. Telef. 32040/428143

Contacto



PUBLICIDADE

Telef. 847260

ANDARES

Na Baixa — óptimas casas desde 370 contos. Rua dos Lagares, 20-22. Vendas a cargo de Lourenço e Freire Costa, Limitada, telefones: 328143-320040.

PRÉDIO

de construção moderna em bom local de Algue, revestido a Evitel, composto de 8 inv. c/ 3 casas associadas a render 145 800\$. P.: 2 400 000\$. Trata: F. Fernandes & Costa, Lda., Av. Almirante Reis, 104, 2.º. Telef. 536111-2-3.

PREDIOS, ANDARES, MORADIAS, TERRENOS.

não compre sem consultar a PREDIAL. **ROBREL** R. Rodrigues Sampaio, 69

Dinheiro

s/ prédios EMPRESTA-SE rápida e em boas condições 15 a 2000 contos em 1. ou 2.ª hipoteca de prédios ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. Rua da Prata, 291, 2.º. D.ª Teffs 325487 e 370618 (junto a P. da Figueira).

CASAS

para alugar Procure V. Ex. nos a/critérios onde temos sempre variedades andares e lotes para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer taxa de portancia. Também de comissão aos inquilinos. Trata: SOC. CON. ST. IN. VICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º. Telef. 30259-34755.

EXTERNATO CONCHINHA

Praça das Flores, 31 - I 690367
INFANTARIO-INFANTIL-PRIMARIA
FUNCIONA TODO O ANO
ABERTAS AS INSCRIÇÕES

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar Floriano M. Coelho - Rua António Pedro, 40, cave Telef. 448446.

Vauxhall Viva S. L. 90, 1968; Saab mod. 96, de Luxe, s/ registo, 1968; Fiat 850 coupé, 1967; Fiat G. Midget, 1964; Taunus 12 M, 1500, de 4 portas, 1965; Morris 850, 1964; N. S. U. Prinz 4, 1964; Renault Caravelle, 1964.

ALUGUER:



SERVICIOS DE NÚMEROS TELEFONICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 - L. St. Bárbara, S-B.
- 49612 - Jomil Auto - Rua Ponta Delgada, 40-A-B.
- 769848 - EUROCAR - Av. Barbosa du Bocage, 1.
- 42890 - Táxi Universo, Ld. - Av. Republica, 26.
- 537476 - RETUR - R. Rodrigo da Fonseca, 56, 1.º.
- 727654 - Auto Monumental do Arceiro, Ld. - Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 539169 - 539345 - B R U. NAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A.
- 553033 - STALL - Rua Soc. Farmacéutica, 30-A.
- 714391 - OLIVAUTO - Av. de Madrid, 16-B.

Contacto



ANONCIOS

Stand Patrício

Tem sempre um automóvel para si. Av. de Berna, 48-A. Telef. 76 42 34

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em dívida ao Stand, ou hipotecados, sem alterar o seguro. Sem fiador. Prazos de 40 meses. Tel 66 36 97. Rua Arco a S. Mamede, 18, 2.º-F (ao Rato)

PRÉDIO

550 contos À Fonte Luminosa 6 inquilinos de habitação com rendas baixas, frente revestida de marmório. Rende 30.240\$00.

ORCOSI

R. 1.º Dezembro, 45-3.º Esq. Telef. 32 31 72 - 36 74 44

Capitais

TEM CARRO? TEM PRÉDIO? ENTÃO TEM DINHEIRO

Ficando na mesma de sua propriedade CONSULTE JA A

ORCOSI

B. FIGARA SATISFEITO Rua 1.º de Dezembro, 45 Telefones 36 74 44 / 32 31 72

ÁLVARO NUNES

Agência de Compra e Venda de propriedades Empréstimos com garantia hipotecária Autorizado oficialmente Escritório: LARGO DO CHAFARIZ, 16-2.º Telef. 21393 - FUNCHAL

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se a venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bomfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas



Secção - Administração Predial

COBRANÇAS DE RENDAS CONTRATOS DE ARRENDAMENTOS DEPOSITO E TRANSFERENCIAS DE RENDAS DILIGENCIAS JUNTO DAS CAMARAS MUNICIPAIS FISCALIZAÇÃO DE OBRAS OBTENÇÃO DE NOVOS INQUILINOS PAGAMENTO DE CONTRIBUIÇÕES

Av. Defensores de Chaves 53 - Telef. 55 39 60, P. P. C., Lisboa

HIPOTECAS

sobre PROPRIEDADES E AUTOMÓVEIS

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69 Telef. 4 46 02 - 53 65 69

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rapidamente desde 5 contos: s/ vender, s/ hipotecar, s/ letras, s/ fiador até 40 meses SIMPLES, EFICIENTE ECONÓMICO I 560713

«Conheça a Curia»

é um bilhete turístico de fim-de-semana, com todas as despesas incluídas, emitido pela C. P. aos preços de: 305\$00 - 330\$00 - 435\$00 consoante a amplitude dos serviços preferidos. Peça folheto descritivo e adquira o seu bilhete nas estações de Lisboa (Rossio) ou de Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas.

Ligue a sua ideia ao caminho de ferro



Agora, sem qualquer dificuldade, desde as 9 até às 20 horas, pode utilizar o serviço informativo telefónico que a CP põe à sua disposição.

Queira marcar qualquer dos números: 33 180 33 187 322 331 323 587

e obterá a informação que deseja sobre preços e condições das Tarifas de passageiros, quer nacionais quer internacionais, e ainda os horários dos comboios.

Se apenas desejar conhecer os horários dos comboios com partida e chegada a Lisboa (Santa Apolónia) então, por favor, utilize o telefone n.º 869 029, a qualquer hora.

SINTRA ESPERA-O

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

LUSOLANDA

AUTOMÓVEIS

FACIL PAGAMENTO E TROCA

De várias marcas provenientes de trocas nas melhores condições

- | | |
|----------------------|--------------|
| NSU, Prinz | FIAT 600 D |
| NSU, 1000 | FIAT 2300 |
| NSU Typ 1100 | SIMCA 1000 |
| NSU, TT | SIMCA ARONDE |
| NSU, Spider, descap. | HILMANN IMP |
| BMW 700 | AMI 6 |
| AUSTIN COOPER 1000 | GLASS 1700 |
| AUSTIN COOPER 1300 S | e outros |

SECÇÃO CARROS USADOS E NOVOS

Av. da Republica, 84-C - Telef. 778073 - LISBOA

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— R A T O —
OBTURAÇÕES, EXTRACÇÕES, CORRECÇÃO DE DENTES DENTADURAS

PREÇOS DE POLICLINICA CONSULTAS DAS 9 AS 20 HORAS Aos sábados das 9 às 19 horas CALÇADA BENTO DA ROCHA CABRAL (AO RATO) TELEF. 68 41 91

TELEVISORES

«NORDMENDE» não é uma marca vulgar de aparelhos de TV. Jamais igualado ou ultrapassado pela concorrência, sempre que inicia no mercado o lançamento de novos modelos «NORDMENDE» é além do nome próprio do seu fabricante o símbolo de vanguarda na técnica alemã da especialidade. Está de parabéns preferindo:

NORDMENDE

Aptos a receber o 2.º programa

IMPERLUZ

Exposição e venda na: Av. Almirante Reis, 172-A

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de móvel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em exposição na

IMPERLUZ

Avenida Almirante Reis, 171 Telef. 53 35 91

CARTAZ DOS CINEMAS

* SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54153
As 15.15, 18.15 e 21.30
A INAUGURAR A NOVA
TEMPORADA
O DIABO A SOLTA
com Yves Montand — Maria
Schell
Um filme de Philippe de Broca

* MONUMENTAL

(M. 17 anos) Tel. 555131
Em 3.ª SEMANA
As 15.15 e 21.30
A mais bizarra concepção de
sexo na era do espaço
BARBARELA
com Jane Fonda e Ugo
Tognazzi

* IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA
A última obra de CLAUDE
CHABROL
A MULHER INFIEL
com Stephan Audran (a mulher),
Michel Bouquet (o marido),
e Maurice Ronet (o outro).

* ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
A obra fundamental de
Roman Polanski
REPULSA
com Catherine Deneuve
e Ivonne Furneaux

* MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
Finalmente em Portugal o fa-
moso filme com Gary Cooper
e Ingrid Bergman
**POR QUEM OS SINOS
DOBRAM**

Inspirado no célebre romance
de Ernest Hemingway
Metro — Estação Picoas

* CHIADO
TERRASSE

(Adultos) As 15 e 21 h.
COLORIDO
A PISCINA (La Piscine)
com Alain Delon
e Romy Schneider

* CASINO
ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 260729
As 21.30 h.
**O COMISSÁRIO
MAIGRET EM PIGALLE**
com Gino Cervi

* ESTÚDIO
444

(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
O mais discutido filme de
Alain Resnais
AMO-TE, AMO-TE
com Claude Rich, Olga Georges-
Picot

* POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 32 63 05
As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
EM 2.ª SEMANA TRIUNFAL
**COMISSÁRIO X
3 PANTERAS AZUIS**
com Tony Kendall e Brad Harris
Mais aventuras... Mais mulhe-
res... Mais acção... Mais
«suspense»...
Eastmancolor

* CONDES

(Adultos) Tels. 322523-326710
As 15.15, 18.15 e 21.30
EM 3.ª SEMANA
OS COMEDIANTES
70 mm
Richard Burton, Elizabeth
Taylor, Alec Guinness
e Peter Ustinov
(Ar condicionado)

* VOX

(M. 21 anos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
11.ª SEMANA
DE ENCHENTES
HELGA
(O segredo da maternidade)
comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação
do bilhete de identidade, quando
haja dúvida da avaliação da
idade.

* AVIS

As 21.45
(M. 12 ANOS)
**UM ÊXITO EM 5.ª SEMANA
O AS DO PEDAL**
— ÚLTIMOS DIAS —
Divertidíssima comédia com
BOURVILL
Franscope — Eastmancolor

* LIZ

(Adultos) Tel. 48560
As 21 h.
**VIVER, AMAR, MORRER
COM JEITO VAI CLEÓPATRA**

* IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933
As 21 horas
ROMÉO E JULIETA
Complementos escolhidos

* TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 50595
3.ª semana de gargalhada
As 3, 6.15 da tarde (p. r.)
e 9.30 da noite
**UM ESPECTÁCULO DE
GARGALHADA SEM FIM!**
O GENDARME CASA-SE
com LOUIS DE FUNES

* ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283
As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
**UMA ADMIRÁVEL NOVI-
DADE EM «HUMOR NEGRO»**
OS VINGADORES
(Aventuras de Steed e Peel)
com o famoso par da televisão
Patrick Magee e Diana Rigg
Tecnicolor

* ROMA

(Adultos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.45
EM 3.ª SEMANA
Uma novela de Graham Greene
OS COMEDIANTES
com Richard Burton, Elisabeth
Taylor, Alec Guinness e Peter
Ustinov
70 m/m PANAVISION
ALETROCOLOR

* EDEN

(M. 6 anos) Tel. 820768
As 15.15, 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
ÚLTIMOS DIAS
O extraordinário filme de
WALT DISNEY
O LIVRO DA SELVA

* EUROPA

(Adultos) Tel. 661016
ROMY SCHNEIDER
ajuda mais bela e atraente...
ensina a TOM COURTENAY
alguns «truques» de profissão...
ESPIÃO POR ACIDENTE

* RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
em Panavision e Technicolor
ROMÉO E JULIETA
com Olivia Hussey, Leonard
Whiting e Milo O'Shea
**A SEGUIR — A Vida é um
Jogo — (M. 17 anos)**

* LIDO

Praça D. João I — AMADORA
As 21.30 (M. 17 anos)
BARBRA STREISAND
na Superprodução em 70 m/m
FUNNY GIRL
UMA RAPARIGA
ENDIABRADA

* SÃO LUÍ

(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
Um filme de FRANCESCO
MASSELI segundo o romance
de ALBERTO MORAVIA
OS INDIFFERENTES
c/ Claudia Cardinale, Rod
Steiger e Shelley Winters

* ALVALADE

(Adultos) Tel. 763080
As 15.45 e 21.45
**CLAUDIA CARDINALE
e ROD STEIGER em
OS INDIFFERENTES**

AUDÁCIA

A REVISTA QUE
OS MAIS PEQUENOS
PREFEREM

DISTRAI * EDUCA
ENSINA

A VENDA
NAS TABACARIAS
DO PAÍS

AR CONDICIONADO
TEATRO
VILLARET

o mais moderno e confortável de Lisboa

Hoje não há espectá-
culo — Amanhã às 21
e às 23 horas
(Adultos)

RAUL SOLNADO

em

AMOR ÀS RISCAS

FARMACIAS
DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno G

AJUDA — Moura, Trav. da Mem-
ória, 55 (630944) • Blochier,
Rua D. João de Castro, 27-B
(638824)
ALCANTARA — Bairro, R. Prior
do Crato, 25 (13214)
ALMIRANTE REIS — Conflança,
Av. Almirante Reis, 46 (42453)
ALVALADE — Zil, Av. da Igreja,
9-D 711780 • Roma, Av. de
Roma, 85-B (72466) • S. João
de Deus, R. Pedro Ivo, -A-B
(72540)
AMOREIRAS — Britânica, Trav.
Légua do Póvoa, 5-B (689250)
AREÍRO — Garantia, Av. Padre
Manuel do Nóbrega, 5-A e 5-B
(727300) • Imperial, Av. Gu-
erra Junqueira, 30-B (726860)
AVENIDAS NOVAS — Alcantara,
Av. da Repub., 14-A (71379)
• Vale, Av. Marquês de Tamar,
45-49 (773043) • Dalgia, Av.
Duque de Ávila, 25 (45225) •
S. Sebastião, Largo de S. Sebas-
tião do Pedreiro, 1-9 (48642)
BAIRRO DA ENCARNACÃO —
Ascensão, R. 27 n. 4 (31126)
BAIXA — Fernandes, R. de S. Jo-
sê, 87 (326476) • Azevedo,
Filho, Pr. de D. Pedro IV, 3
(327478)
BENFICA — União, Est. de Ben-
fica, 592-594 (700092) • Ale-
gria, Est. de Benfica, 180-A-B
(780511)
CAMPO DE OURIQUE — Lobet, R.
de Infância, 6, 98-B (688807)
• União, R. Saraiva de Carva-
lho, 19 (663643)
CAMPOLIDE — Salutar, Rua B,
75-A, 8, Barra da Liberdade
(683694) • Pinto, R. de Cam-
polide, 1 (682610)
CONDE REDONDO — Sousa Mar-
tins, Rua Sousa Martins, 25
(553468)
ESTRELA — Andrade Ribeiro, Av.
Infante Santo, 66-B (666971)
ESTEFÂNIA — Mundial, L. D. Es-
tefânia, 9 (45578)
GRACA — Ziller, R. de S. Tomé,
54-56 (862835)
LUMIAR — Central de Lumiar, R.
do Lumiar, 77 (790480) • Dou-
ro, Alameda das Linhas de Torres,
93-A-B (79113)
MADRAGOA — Eduardo A. César,
R. das Trinas, 102 (662631)
OLIVAIS — Olivais, R. Ave. Gou-
veia, 19 (311237)
PENHA DE FRANÇA — Central,
de Penha, R. Penha de França,
58-60 (849245) • Vitalia, R.
Morais Soares, 66-A (848011)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João

GRANDIOSA CORRIDA NOCTURNA

M/12 ANOS

3.ª-FEIRA, 7

AS 21.45



CAVALEIROS — A PARELHA DOS ÊXITOS
MESTRE BATISTA - L. MIGUEL DA VEIGA

ESPADAS — OS DOIS NOTÁVEIS MATADORES
JOSÉ JÚLIO - JOSÉ FALCÃO

FORCADOS — OS VALOROSOS
AMADORES DE LISBOA

COMANDADOS POR NUNO SALVAÇÃO BARRETO
4 TOIROS DE FRANCISCO DE GOES
4 TOIROS DE JOSÉ S. LUPI

DIA 8 — AS 21.45 M/12 ANOS

**UM GRANDE FESTIVAL DE HOMENAGEM
AOS CAMPINOS DO RIBATEJO**

TRANSPORTES ASSEGURADOS PARA VOLTA A LISBOA

* OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO
COLISEU — As 21 e 30: «Grande
Companhia Internacional»
TEATROS

MARIA VITÓRIA — As 20 e 45
e às 23: «Esperteza Saloia» (17
anos)
A B C — As 20 e 45 e às 23:
«Ena, já fala» (17 anos)
TRINDADE — As 21 e 30: «Silva
Vicentina» (12 anos)

CINEMAS
MOSCAVIDE — As 21: «Os longos
dias de Vingança» (17 anos)
OLIMPIA — As 21 h.: «Ódio por
ódio» (12 anos)
CINEARTE — As 21 h.: «Noite
de violência» (12 anos)
ARCO-IRIS — As 21 h.: «O Ho-
mem com a morte nos olhos»
(17 anos)
VOZ DO OPERÁRIO — As 21 h.:
«A Irmã Yé-Yé» (12 anos)

JARDIM — As 21 h.: «As minhas
pistolas» (12 anos)
CINE-ORIENTE — As 21 h.: «Fa-
talha sem regresso» (12 anos)
PARIS — As 21 h.: «Romeu e Ju-
lieta» (17 anos)

● Linha de Sintra
AMADORA — RECREIOS — As 21
e 15: «Os protagonistas» (17
anos)

● Linha de Cascais
ESTORIL — CASINO — As 7 e
21 e 30: «O Comissário Mai-
gret em Pigalle» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e
30: «Um homem sem medo»
(12 anos)

● Outra Banda
ALMADA — INCRÍVEL — As 21
e 15: «Bonança e C.» (12 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIAO
ARTISTICA — As 21 e 15: «O

do Nascimento Costa, 16-A
(728395-720703)
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. do
Escolto, 59 (326750)
REGO — Baptista, R. Francisco
Tomás da Costa, 3-C (77 873)
ST. AMARO — Correia de Aze-
vedo, R. Luís de Camões 42-B
(638625)
S. BENTO — Max Teixeira, Rua
Poço das Negras, 15 (679961)
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO
— Freitas, Rua Zofino Pedrosa,
11-18 (38 136) • Banho, Est.
de Chelas, 173-75 (38224) •
Frazão, R. da Cruz de St. Apo-
lónia, 90-92 (847019)
PALHAVA — Canto, Est. das La-
nhanças, 202-B (780841)

● Linha de Cascais

ALGES — Branco — Av. Comb. à
Guerra, 29 (Tel. 212070)
CAXIAS — Nova — Rua Bernar-
dim Ribeiro, -A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás
R. Costa Pinto, 186 (T. 2432034)
OELAS — Godinho — R. Cândido
dos Reis, 98 (Tel. 2430090)
PAREDE — Almirante — Av. Gago Cout-
inho — B. das Calças de Pre-
vidência (Tel. 472948)
ESTORIL — Parque — Arcados do
Parque, 3 (Tel. 260 91)
CASCAIS — Marginal — Av. Mar-
ginal (Tel. 280078); A. Costa —
R. Freitas Reis, 24-C (Tel.
280214)

● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaca — R. Elias
Garcia, 209 (Tel. 9300 91), Fle-
me — R. Elias Garcia, 78-B (Tel.
932485), Conflança — Av. D.
Nuno Álvares Pereira, 15-A
(Tel. 938 49)
DAMAIA — Conflança, Estrada
Militar, Lote D (971023)
QUELUZ — Gil — Av. Miguel
Bombardeira, 28 (Tel. 950117);
Simões Lopes — Av. Elias Gar-
cia, 51/51-A (Tel. 950123)
CACÉM — Central — R. Elias Gar-
cia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS — Quimila — Est.
Mem Martins, 285 (T. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Velesti-
m (Tel. 980456)
SINTRA — Misericórdia, L. Dr.
Gregório de Almeida, 2 (980391)
COLARES — Colares — Abreic
(Tel. 290088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Cor-
nel Ramos da Costa, 10 (Tel.
234137)

ALHOS VEDROS — Gusmão, R.
Cândido dos Reis, 30 (22 4020)
ALMADA — Algarve, R. Fernando
Lopes, (270271)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança
— Est. Nacional, 74 (Tel.
2243302)
BARREIRO — Avenida, Av. Al-
fredo da Silva, 88 (22732 2)
COVA DA PIEDADE — Cerqueira
Atanásio — P. 5 de Outubro, 8
(Tel. 270254)
MOITA — Silva Rocha, R. do Re-
publico, 6 (23 90 29)
MONTIJO — Diogo, R. Almirante
Cândido dos Reis, 42 (230032)
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido
dos Reis, 67 (Tel. 229028)
SETUBAL — Bocageana, Rua do
Romeu, 23425 • Bairro, 8 •
Santos Nicolaus (23330)
SEIXAL — Godinho — L. do gre-
o 5 (Tel. 22 8580)

SERVIÇOS
URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE —
Companhia das Águas 861353
• Companhias Reunidas, 537011
• Gascidila 538821 • Gasci-
dila idem e feriados, 382069
BOMBEIROS — Sapadores, 322222
• Voluntários, 538524
POLÍCIA e G. N. R. — Serviço de
emergência, 115 • Segurança
Pública, 866141 • Judiciária,
535380 • Marítima, 326456 •
Internacional, 362721 • Via-
ção e Trânsito, 42205 • G.N.R.
(área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342
• Enfermagem permanente,
766161 • Enfermagem de ur-
gência, 43738 • Hospital de
Santa Maria, 775171 • Hospi-
tal de S. José, 860131 • San-
gue, oxigénio e soros, 771168
• 771169 • Transfusões, soros
e oxigénio, 538524 • Centro
de Intoxicações (informativo),
767777, 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto,
720111 • Caminhos-de-ferre
(C. P.), 869029 • Caminhos-de-
ferre (Estoril), 861121 • Estação
fluvial (T. Paço), 325345 •
Estação Marítima de Alcântara,
663195 • Estação Marítima de
Roça, 672445 • Estação flu-
vial (Belém), 638511.

BOM APETITE

TONI DOS BIFES

AMANHÃ
ARROZ DE FRANGO
À MINHOTTA
QUARTA-FEIRA
FEIJO COM ENTRECOSTO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junta do Monumental)
Telef. 536080

POPFADO

Encerrado aos domingos

UM RESTAURANTE EM
QUE SE OFERECE
QUALIDADE

BAR-BOITE

(M. 17 anos)

A PARTIR DAS
23 HORAS

COM O CONJUNTO DE
HELDER REIS

Rua Ferreira Lapa, 36-D
(à Av. Duque de Loulé)

restaurante
aramelro

LISBOA
(Restauradores)
Trav. St. Antão, 21
— AR CONDICIONADO —
Aberto até às 3 horas

TARANTELA

RESTAURANTE • SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef. 535209

ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala na 1.ª andar para
Banquetes
Lanches de Casamento

NOVO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM

AZEITÃO

ESTRADA LISBOA-SETUBAL
Telef. 22 82 44

LOCAL APRAZÍVEL PARA
ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE

antónio

COZINHA
PORTUGUESA
Diariamente a partir de lagosta
AR CONDICIONADO
ENCERRADO AOS DOMINGOS
R. TOMAS RIBEIRO, 63

RESTAURANTE

QUINTA DE
S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211

Aos Sábados e Domingos

JANTARES
DANÇANTES

com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO

Parque privativo
para automóveis
(Encerrado às 3.ª-feiras)
(Malores de 15 anos)

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa

Propriedade de
Renascer Gráfica, S. A. R. L.



Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA, Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

Terminou em pandemônio (vitória do Brasil) o Festival Internacional da Canção do Rio

RIO DE JANEIRO —
(R.) — O IV Festival Inter-
nacional da Canção Popular

do Rio, terminou a noite
passada num grande pande-
mônio, com a maior parte
da ruidosa multidão de 30 000
espectadores exigindo que o
primeiro prêmio fosse atri-
buido à Grã-Bretanha.
Quando a canção britânica

«All is love», de Les Reed
e Barry Mason, foi classifi-
cada em terceiro lugar pelos
juízes, a multidão começou
a gritar «Marmelada» — o
calão local para «vigarices».

Depois, surgiu o cantor
britânico Malcom Roberts
para cantar de novo e todos
os espectadores o ovaciona-
ram de pé no meio de gritos
de «Primeiro, primeiro».

Após bisar várias vezes a
canção, uma jovem correu
para o palco e colocou nos
ombros de Roberts uma
grande bandeira inglesa.

Registou-se nova padeada
quando a canção norte-ame-
ricana «Evie», da autoria de
Jim Webb, obteve o segundo
lugar. Os espectadores ape-
nas sossegaram quando Ro-
berts cumprimentou o can-
tor Bill Medley, dando-lhe
palmas nas costas e colo-
cando-lhe nos ombros a ban-
deira inglesa.

Principiou novamente o
pandemônio quando o Bra-
sil foi anunciado como o
vencedor do prêmio «Galo
de Ouro». A cantora Evinha
difícilmente podia ser ouvi-

da, no meio de apupos e de
gritos «Inglaterra», quando
interpretou «Luciana», a
ária que obteve o primeiro
lugar.

MARCELLO CAETANO

SUBSTITUI

INTERINAMENTE

FRANCO NOGUEIRA

O dr. Alberto Franco No-
gueira, que a seu pedido
abandonou o cargo de mini-
stro dos Negócios Estrangei-
ros, apresentou hoje, no Pa-
lácio de Belém, cumprimen-
tos de despedida ao Chefe do
Estado, 15 minutos antes do
sr. almirante Américo Tho-
maz ter conferido posse ao
prof. dr. Marcello Caetano,
que assume aquela pasta e
ao dr. Rui Patrício, que pas-
sa a exercer as funções de
subsecretário de Estado dos
Negócios Estrangeiros.



Aproveitando a presença em Portugal da embaixatriz Walter
Moreira Sales que veio assistir à inauguração do edifício da
Fundação Gulbenkian e que também faz parte da Comissão
de Angariação de Fundos para a preparação da seleção bra-
sileira de futebol, os futebolistas portugueses convocados para
a equipa nacional, estiveram no Hotel Ritz, para apresentar
cumprimentos àquela ilustre senhora, aproveitando o ensejo
para lhe fazer entrega da sua contribuição monetária para a
preparação dos seus colegas brasileiros. Da tarefa desempe-
nhou-se o consagrado internacional Eusébio que vemos na
imagem, pertencendo a iniciativa do encontro aos srs. dr. Pa-
trício Gouveia e João Anjos Rocha

Os Institutos Científicos Capilares «Saint-Antoine de Paris»

Especializados no cuidado
e conservação do cabelo,
comunicam que em Lisboa
se situam na Avenida da
República, 2, 7.º andar (jun-
to ao Saldanha) com o te-
lefone 56 02 72 encontrando-
se abertos ao público todos
os dias úteis das 10.30 às
12.30 e das 15 às 19.30
horas.

Em 30 minutos de exame
sem nenhum compromisso,
daremos se o nosso método
pode ser eficaz no seu caso.

Para consulta sobre os
métodos a seguir podem os
interessados apresentar-se
nas horas acima menciona-
das ou marcar por telefone.

Os Institutos SAINT-AN-
TOINE, DE PARIS, estão
montados de forma a sen-
horas e aos senhores clien-
tes não perderem tempo.

Para os clientes de fora
de Lisboa podem preparar-
se aplicações a fim de se-
rem aplicadas nas suas
casas.

Cientificamente os pro-
cessos dos Institutos SAINT-
ANTOINE, DE PARIS,
são os mais avançados
para resolver o problema
do cabelo no ramo da
COSMETOLOGIA.

Em Portugal:
LISBOA — Av. da Repú-
blica, 2, 7.º — Tel. 56 02 72.
PORTO — Rua Sá da Ban-
deira, 819, 5.º — Tel. 3 68 10.

Em Espanha:
MADRID — BARCELONA
— SARAGOÇA — SEVILHA
MEME METODE A
NEW YORK — LONDON
— PARIS — BRUXELAS
e MILAN

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

DESISTIRAM

**OS CANDIDATOS
INDEPENDENTES**

DE BRAGA

Representantes da lista
Nacionalista Independente,
pelo círculo de Braga, foram
recebidos pelo sr. Presiden-
te do Conselho a quem co-
municaram a sua desistên-
cia da apresentação de can-
didatos às eleições do pró-
ximo dia 26.

MOTORETISTA

COLHIDO

POR UM AUTOMÓVEL

VILA REAL DE SANTO
ANTÓNIO, 6 — No começo
da Rua Teófilo Braga, pró-
ximo do quartel dos bombei-
ros, quando seguia de moto-
reta, o sr. João da Cruz, ca-
sado, marítimo, de 47 anos,
natural de Cacia, foi colhido
por um automóvel de alu-
guer conduzido pelo sr. An-
tónio Hermenegildo Madeira,
de 23 anos, solteiro, residen-
te em Castro Marim. Aquele
marítimo ficou em estado
muito grave, com fractura de
crânio, tendo sido conduzido
para Lisboa numa ambulân-
cia dos Bombeiros Voluntá-
rios.

INSTITUTO DE NOVAS PROFISSÕES

AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 47, 1.º

Cursos de: **RELAÇÕES PÚBLICAS** (único

em Portugal devidamente aprovado pela autori-
dade competente), **Organização e Gestão de Em-
presas, Turismo** (com Guias-Interpretes), **Secre-
tariado** (com especialização em Secretárias de Di-
recção, Recepcionistas e Documentalistas), Pu-
blicidade.

TELEFS. 55 53 19 e 55 60 11

**3 TALUDAS
DE UMA VEZ SÓ**

39.200 — 12.000 CONTOS

FORAM VENDIDAS PELO

CAMPIÃO

A MAIS ANTIGA CASA DE LOTARIAS
DO MUNDO

ALLIANCE FRANÇAISE

A MAIOR E A MAIS AFAMADA ESCOLA DE ENSINO DA LINGUA FRANCESA NO MUNDO

CURSOS DE FRANCÊS

na ALLIANCE FRANÇAISE DE LISBOA (Rua Braamcamp, 13-1.º e Avenida Almirante Reis, 183, 1.º-D.)
— ALMADA (Rua Luís de Queiroz, 8, Lote 4) — S. JOÃO DO ESTORIL (Praça Comercial, Lote 30,
r/c-Esq.) — ALGÉS (Parque Miraflores, Lote 111, 1.º-D. Frente.

ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES

CRUZEIRO STAR DO FIM DO ANO

REATANDO UMA TRADIÇÃO

**LAS PALMAS • TENERIFE
FUNCHAL**

de 27 de Dezembro a 2 de Janeiro

ISENTO DE PASSAPORTE

As extraordinárias paisagens das Ilhas Canárias e o
espectáculo inolvidável da NOITE DE S. SILVESTRE
no Funchal

Maravilhoso programa de Excursões Facultativas



Paquete «SANTA MARIA»
de 22.000 Toneladas

PREÇOS A PARTIR DE 2.190\$00

INSCRIÇÕES
E INFORMAÇÕES



Av. Sidónio Pais, 4-A — Telef. 539871
LISBOA — Praça dos Restauradores, 14 — Telef. 362501
Rua do Alecrim, 10 — Telef. 369503
ESTORIL — Av. de Nice, 4 — Telef. 260834
PORTO — Av. dos Aliados, 210 — Telef. 23637
FARO — Rua Batista Lopes, 58 — Telef. 33986
FUNCHAL — Av. Arriaga, 23 — Telef. 27776
LUANDA — R. Duarte Pacheco Pereira, 28 — Telef. 5926

UTILIZE O CREDI-STAR

A emigração — causas consequências e soluções

Mesa-redonda, em que tomaram parte Etelvina Lopes de Almeida (C. E. U. D.), Henrique Barrilaro Ruas (C. M. E.) e Francisco Pereira de Moura (C. D. E.). Interveio como moderador Jasé Carlos Ferreira de Almeida. (Na página central).

Grande vibração no comício democrático em Santarém

SANTARÉM 4—(Do nosso enviado especial) — Um entusiasmo vibrante caracterizou a primeira sessão de propaganda dos candidatos democráticos do distrito de Santarém, realizada no Cine-Teatro local. Muitas centenas de pessoas assistiram à sessão, que foi presidida pelo dr. Fidalgo Pereira, que estava ladeado pelos candidatos. No palco sentaram-se ainda representantes das comissões concelhias do Movimento Democrático e o representante da autoridade local da «Democracia» e «Amnistia» e as cores nacionais decoravam a sala. Uma bandeira portuguesa cobria completamente a mesa da presidência.

A sessão foi aberta pelo sr. Alves Castelo, da Comissão Coordenadora da C. D. E. de Santarém, que, em breves palavras iniciais, pediu uma salva de palmas

por todos os que caíram pela Democracia e manifestou, depois, a confiança na vitória final das forças democráticas dos homens comuns.

O mesmo orador apresentou, depois, um a um, os seis candidatos, a quem a assistência dispensou calorosas salvas de palmas, ao mesmo tempo que gritavam «Liberdade», «Democracia» e «Abaixo o Fascismo».

Desigualdade entre a Oposição e a U. N.

O primeiro orador foi o dr. João Luís Lopes, candidato à advocacia. Começou por pôr em relevo a desigualdade entre a Opinião Democrática e a União Nacional, nas presentes eleições.

(Continua na pág. 4.)



Mário Soares desafia Melo e Castro para um debate na TV

Da Comissão Eleitoral de Unidade Democrática de Lisboa recebemos, com pedido de publicação, a seguinte «carta aberta ao dr. Melo e Castro»:

«Creio que V. Ex.ª pertencerá, das as declarações que tem feito, ao número escasso dos membros da U. N. que não só admite o diálogo, entre adversários políticos, como o considera até salutar para o País.

Ora, como sabe, por diversas vezes, nos últimos meses, surgiram tentativas para nos pôr frente a frente a conversar sobre política e sobre os problemas fundamentais que afligem a Nação — por forma serena, responsável e em face do público, para que este se possa esclarecer e nos possa julgar. O «Diário de Lisboa», primeiro, o «Diário Popular», depois, e finalmente uma empresa editorial tiveram a ideia de nos juntar numa

mesa-redonda. Todas as tentativas se goraram — porque V. Ex.ª sem se negar frontalmente a uma participação foi sempre considerando inopertunas as sugestões nesse sentido apresentadas.

Ora sucede que agora estamos em pleno período eleitoral e que ambos somos candidatos pe'lo círculo eleitoral de Lisboa.

Acresce mesmo que a C. E. U. D. e a União Nacional têm polemizado a propósito do magno problema ultramarino, com evidente proveito para o esclarecimento do eleitorado.

Venho, pois, propor-lhe um face a face em directo na televisão, V. Ex.ª tem falado na necessidade de nos aproximarmos dos padrões europeus — e eu estou de acordo. Porque não havemos pois de introduzir nos nossos hábitos políticos a utilização desse instrumento de esclarecimento

público indispensável no nosso tempo?

Sei que a televisão se tem recusado a ceder tempo para a Campanha Eleitoral. Julgo que não tem razão e que os argumentos utilizados são falaciosos e inadmissíveis. Aceite V. Ex.ª a minha sugestão e junte a sua voz à minha para reclamarmos da televisão a realização do face a face proposto (em condições a combinar) — o que me atrevo a sustentar que irá ao encontro do interesse de milhões de telespectadores.

Alarguemos mesmo a ideia inicial — se estiver de acordo — e convidemos um membro da lista monárquica e outro da C. D. E. para o nosso debate. O público terá mais elementos para nos julgar a todos e para as determinar em consciência no dia 26.

Esperando uma resposta afirmativa de V. Ex.ª, apresento-lhe cumprimentos
MÁRIO SOARES»



A candidata Maria Barroso no uso da palavra em Santarém



A mesa da presidência na sessão da U. N. efectuada no Cinema Tivoli (na pág. 8)

Liberdade e bom senso

«(...) Para que se generalizasse um espírito de convivência entre os Portugueses não foram poucos, depois, os esforços que se fizeram da parte do Poder e dos seus mais próximos colaboradores, nem poucas as iniciativas que se lançaram. As fronteiras abriram-se para os que se encontravam exilados e muitos foram os que volveram. Se a censura à Imprensa se manteve, não há dúvida de que se atenuou nos seus rigores. Enfim, não faltaram as mãos que se estenderam, os diálogos que se encetaram a este ou àquele nível, as diligências que se efectuaram de boa vontade e de boa fé para que portugueses não continuassem indefinidamente «divididos como inimigos»; e estes factos a Imprensa internacional não se furtou, aliás, a registá-los, pois que, na verdade, «o mundo tem os olhos postos em Portugal» e do nosso comportamento como povo em muito o futuro depende: só se fazem respeitar os povos que nas horas de perigo (e para Portugal, com uma guerra em três frentes, é de perigo, evidentemente, esta hora) sabem sacrificar ao interesse nacional divergências ideológicas, velhos ressentimentos, ódios recalcados, interesses de partido ou de facção.

Em ambos os campos que se defrontam surpreendentemente se cavaram agora desentendimentos e cisões. Todos os grupos que se formaram a pretexto da campanha eleitoral, os movimentos que se esboçam ao sabor do momento, mais ou menos enfermam, afinal, dos mesmos males: antes de mais nada, entre o que é indiscutível e o que não pode discutir-se sem expor o País a riscos ainda maiores do que os actuais: a tendência para as plataformas inevitavelmente frágeis e necessariamente efémeras — e o apressado e frenético amalgamar de pessoas e de ideias, não com o propósito, que seria legítimo, de uma honesta participação, de uma honesta participação na vida pública, mas com o intuito de tudo destruir. Ora tudo destruído, tudo aquilo que de bom, de sofrível e até porventura (porque não o havemos de aceitar?) de mau em mais de quarenta anos foi erguido e se estruturou, só «um feroz despoitismo» podia esperar os Portugueses.

Os Portugueses nasceram para a independência há mais de oito séculos, proclamando, orgulhosamente, que eram homens livres. Livres queremos todos, naturalmente, continuar a ser. Mas precisamente porque vemos na liberdade o bem mais precioso do Homem sobre a Terra, temos de a saber defender dos seus excessos. Defendê-la com o bom senso — mais que não seja. Porque não há mais curto caminho para a negação totalitária da liberdade do que a própria liberdade quando, excedidos os limites do admissível e do possível, se transforma em tumulto — mesmo se o tumulto é e apenas de ideias e de palavras... [«...»]

[«Diário de Notícias», 3-10-69].

No período eleitoral

«(...) Nas linhas gerais da propaganda eleitoral, há dois pontos que, certamente, não devem ser considerados para discussão, por inoportunos: — o problema de regime que, segundo a declaração feita no Porto pelo sr. presidente do Conselho, não existe em Portugal; outro talvez, mais impolítico, o problema ultramarino, quer sobre a autodeterminação e, muito menos, pelo seu abandono. Este, não é já um problema de Governo, porque é nacional pelo seu conteúdo his-

tórico, económico e social. Esta suposição representaria não só negar as provincianas africanas às lutas tribais, como a negação da nossa capacidade civilizadora, da nossa tradicional persistência e da própria dignidade nacional. Além do mais, seria uma traição à nossa Juventude que luta, que verte o seu sangue e dá a sua vida para que as nossas terras de além-mar continuem a ser portuguesas. Se é certo que a nossa Juventude anda há muito tempo alheada da política construtiva da Nação, é prosaica por absoluta ignorância dela; realista sem nunca ter visto a realidade. Por este motivo, o actual sufrágio deve ser uma lição de civismo e não um mau exemplo que possa transviar a Juventude do sentido do seu dever para com a Pátria. (...)

Assim, compreende-se uma democracia quando cada representante das várias correntes de opinião pode dizer da sua justiça, sem contudo deixar de a respeitar e não desvirtuá-la com exageros ou com atitudes que a envergonhem. Deste modo, todos os portugueses esperam dos candidatos das várias correntes de opinião que tenham em linha de conta que a Liberdade é, para todos os tempos e para todos os homens, a expressão mais alta da dignidade humana e a afirmação mais eloquente do homem civilizado e culto, quando sabe usar dela sem a abastardar, cometendo a sua sombra abusos que a envergonhem e a matem. (...)

[«Jornal de Riba D'Ave», 27-9-69].

Campanha eleitoral

«(...) Parece que não têm faltado as facilidades, para cada partido, realizar os seus trabalhos. Nalguns deles observamos tal diversidade de elementos apoiados em princípios radicalmente tão contrários, que mais se nos afigura ser seu principal objectivo derrubar o existente, que construir algo de válido.

Em geral as dificuldades principais dos assaltantes não surgem quando combinam o assalto a uma casa, mas quando têm de repartir o que nela encontram.

Não faltam as promessas mais atraentes, tendentes a satisfazer as necessidades mais sentidas.

Todos sabem que os que vendem a banha da cobra, a reclamam como remédio para muitos males na certeza que entre os seus ouvintes haverá alguns que deles sofram e portanto terão assim melhor assegurada a sua venda. Hoje andamos todos à procura das drogas polivalentes e dos grandes resultados com pouco esforço. (...)

[«O Almonda», de Torres Novas, 27-9-69].

«Uma Ideia nova»

Por uma «Monarquia Social», garantia da Liberdade e da Justiça — tal é já o batalhar dos Novos na acção política de Lisboa.

Como em todos os tempos de renovação histórica, os novos apela para uma Ideia nova: uma política acima das «políticas», uma acção gloriosa acli-

ma das velhas querelas, uma aliança livre de todos os portugueses acima de todas as velhas divisões, uma experiência nova que seja o resultado de todas as antigas experiências — uma Pátria Nova — construída pelos Novos e pela Liberdade consagrada!

[Rolão Preto, «Beira-Baixa», 4-10-69].

Mumificação e clareza de ideias

A filosofia democrática da revolução que se processa no mundo moderno desde 1789 está ainda longe de ter esgotado o seu carácter mitológico.

Em nome da democracia, a II República monárquica nesta hora decisiva busca legitimar-se, pelos votos ou pela

aclamação dos povos; e em nome da democracia, uma III República progressista contorce-se dolorosamente no ventre dessas aclamações e votos. Mas este democratismo e este alimenta um complexo de culpa a essas duas Republicas e mina a sua institucionalização. Porque, não tenhamos dúvidas, a institucionalização da república em 1969 é muito mais problemática do que em 1910. Neste ano, a revolução dos republicanos românticos apesar de um bamburrio... vinha alimentar uma busca de legitimação política, digamos, o movimento da revolução institucional lançado em 1826. E nesta data em que se projectam as reais dimensões da problemática política de Portugal. E nesse ano em que fica aberta a questão do regime em Portugal, que 1910 poderia ter so-

lucionado mas que nada resolveu e que 1933 e 1968 trancaram mitologicamente a bem do interesse nacional, que é a hora de paz e de conforto materialista que o português busca hoje. (...)

Não, não é... possível separar república, democracia, partidos e liberdade de oposição. A negação desta essência lógica da república envolve aspectos de «recalque» da consciência individual ou colectiva, cujos resultados se podem ver a longo prazo catastróficos.

A razão de ser deste impasse político de Portugal, neste ano de graça republicana que é o ano de 1969, está na ignorância de uma verdade política de todos os tempos, que todos os regimes políticos, ou são aristocráticos ou então não existem, são simples palavras despidas de significado institucional. (...)

O problema do regime é posto apenas na medida de uma renovação autêntica do sistema económico-social democrático, retrograda e reacçãoária em que os portugueses vivem mumificados. Há um problema de regime, porque ainda não realizamos a nossa revolução económico-social.

Do artigo «O mito da República», do semanário, monárquico «O Debate», (2-10-69).

ASSIM VAMOS NÓS

Fervor republicano

O 59.º aniversário da implantação da República, como era de prever, foi celebrado com entusiasmo em todo o País. Além das comemorações oficiais em Lisboa, as restantes cerimónias-romagens, festas de confraternização e ou-



tras manifestações — resultaram da iniciativa particular.

O fervor republicano, que por toda a parte se manifestou, embora de diferentes formas e em vários tons, é um sentimento digno do maior respeito.

Uma Assembleia sem padres

Pela primeira vez a Assembleia Nacional não terá nenhum padre entre os seus membros. Com efeito, entre os 283 candidatos a deputados (130 da União Nacional, 135 da Oposição Democrática — C.D.E. e C.E.U.D. —, que concorre a 107 lugares, 12 dos Monárquicos Independentes e 6 de Nacionalistas também chamados Independentes) não se encontra nenhum sacerdote, embora alguns façam parte de comissões de apoio, nomeadamente das democráticas.

Esta ausência de padres no elenco da nossa assembleia legislativa é, fora de dúvida, consequência directa e imediata do impedimento levantado, para esse efeito, numa das últimas

reuniões do Episcopado da Metrópole. Recordase que na actual legislatura havia dois deputados que eram sacerdotes.

A voz do Nordeste

Um dos candidatos da U. N. pelo círculo de Bragança, o eng. Camilo de Mendonça, é o presidente da Federação dos Grémios da Lavoura do Nordeste Transmontano e o principal responsável e impulsor do complexo agro-pecuário do Cachão.

Por outro lado, um dos candidatos da Oposição Democrática pelo mesmo círculo, o sr. José António Vicente, é regente agrícola e exerce as suas funções no Cachão — onde também trabalhou o seu colega de lista Agostinho Rafael.

Poderá concluir-se que, ganhe quem ganhar, a lavoura do Nordeste transmontano terá uma voz a defendê-la na Assembleia Nacional?

Contactos

Os candidatos da U. N. do círculo de Coimbra continuaram no sábado a ronda de dezassets concelhos do distrito e no domingo percorreram todas as freguesias da zona rural do concelho de Coimbra. Estas visitas — segundo se diz no comunicado respectivo — «fazem parte do programa de contactos com o eleitorado estabelecido pelos candidatos, contactos esses que não se limitarão ao período eleitoral, mas que se continuarão depois das eleições, devendo realizarem-se periodicamente durante a legislatura». Só assim — diz-se ainda no comunicado — «os representantes eleitos pelo povo poderão prestar e receber informações e discutir problemas que interessam às populações».

Do mesmo modo, os candidatos da U. N. por Faro têm percorrido a província para estabelecer contactos. Um novo estilo.

Mesas-redondas

Estaremos a entrar, efectivamente, num clima dialogante de mesa-redonda? Bom era que assim fosse. Mas que a isso se alude, de vários lados, não restam dúvidas.

Assim, várias comissões electorais da Oposição Democrática anunciam debates e mesas-redondas. E o mesmo sucede com a União Nacional. Como exemplo, esta notícia:

«Em cumprimento do programa traçado, deslocaram-se a Borba os candidatos da U. N. pelo círculo de Évora, os quais, em reunião com os quadros políticos locais, trataram de vários aspectos ligados ao esclarecimento do eleitorado.

Nesta sessão de trabalhos, realizada em regime de mesa-redonda, foram analisados os problemas de maior interesse para o concelho e a região.»

Agenda das sessões de propaganda eleitoral

HOJE

Da Oposição

BARREIRO — As 20 e 30, na sede do Grupo Desportivo Operário do Barreiro, Rua 31 de Janeiro, da C. D. E. de Setúbal. Preside o sr. Manuel dos Santos Cabanas e são oradores os candidatos Alvaro Ribeiro Monteiro, Joaquim Palmeiro Gonçalves, José António Tavares da Cruz e José Malheiro da Silva; o operário Arnaldo Marques e o jovem Francisco Manuel Abraços.

PÓVOA DE SANTA IRIA — As 21 horas, na Sociedade Recreativa 1.º de Agosto, da C. D. E. de Lisboa. Preside o dr. Gilberto Lindim Ramos.

LISBOA — As 21 e 30, no Teatro Vasco Santana (à Feira Popular), da C. E. U. D. Preside o dr. Gustavo Soromenho e são oradores os candidatos Etelvina Lopes de Almeida, Francisco de Sousa Tavares, Mário Bruxelas e Mário Soares e o estudante Luis Martins de Carvalho.

— As 21 horas, no Centro Escolar Republicano Alberto Costa (Rua dos Remédios), da C. D. E. Preside o candidato Jorge Sampaio e destina-se à classe média.

PAÇO DE ARCOS — As 21 horas, no cinema de Paço de Arcos, da C. D. E. de Lisboa.

SINTRA — As 21 horas, no cinema Carlos Manuel da C. D. E. de Lisboa. Preside o candidato João Benard da Costa. Usarão da palavra o prof. Lindley Cintra e Pedro d'Orey.

TOMAR — As 21 horas, no Cine-Teatro de Tomar, da C. D. E. de Santarém.

DA U. N.

BRAGA — As 21 e

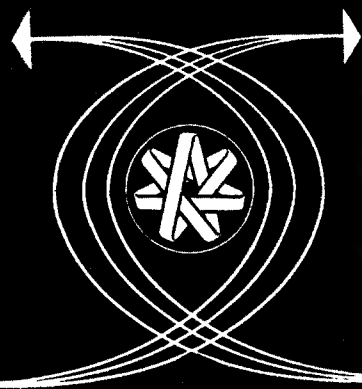
30 no Teatro Circo. Preside o dr. Felisimo Campos e usam da palavra os candidatos Antão Santos da Cunha, Fernando Carvalho Conceição e Luís de Oliveira Ramos.

AMANHÃ

Da Oposição

LISBOA — As 21 horas, no Teatro Vasco Santana (à Feira Popular), da C. D. E. Preside a candidata Glória Marreiros.

— As 21 e 30, no Centro Escolar Republicano no Fernão Botto Machado Ru. do Paraíso. Preside o candidato Francisco Salgado Zinha. São oradores vários candidatos.



INCENTIVO PARA O PROGRESSO

A C. D. E. de Leiria fez uma sessão de propaganda na Nazaré

NAZARÉ, 4 — Cerca de quatrocentas pessoas encheram ontem por completo o salão de festas do Casino local para a primeira sessão de propaganda aqui organizada pela C. D. E. do distrito de Leiria.

Presidiu aos trabalhos o candidato dr. Vasco da Gama Fernandes, ladeado por mais três companheiros de lista — dr. José Henriques Vareda, dr. Sérgio Ribeiro e Henrique Neto — e por dois membros da comissão conceleiros da Nazaré, Artur Lacerda e António Paulo de Oliveira.

O primeiro orador foi o dr. Sérgio Ribeiro, que fez uma larga e bem delineada exposição sobre a problemática económica do nosso País. Seguiu-se no uso da palavra o dr. Vasco da Gama Fernandes, para abordar uma série de problemas relacionados com — ou levantados por — o actual momento político. Incansável, o dr. Vasco da Gama Fernandes falou durante duas horas, seguido sempre com o maior interesse pela numerosa assistência.

Por último, a mesa pôs-se à disposição dos presentes para debater quaisquer pontos considerados importantes. Nesse breve colóquio participou mais de perto o candidato dr. Henrique Vareda.

Participe
no esforço de
desenvolvimento
económico-social
do país, aplicando as suas economias na criação
de maior riqueza e bem-estar geral.

O BANCO DE FOMENTO proporciona-lhe:

Rendimento de 4,5% ao ano,
isento de impostos.
Segurança total.
Colocação eficaz do seu dinheiro.
Disponibilidade dos depósitos por meio de
livranças.

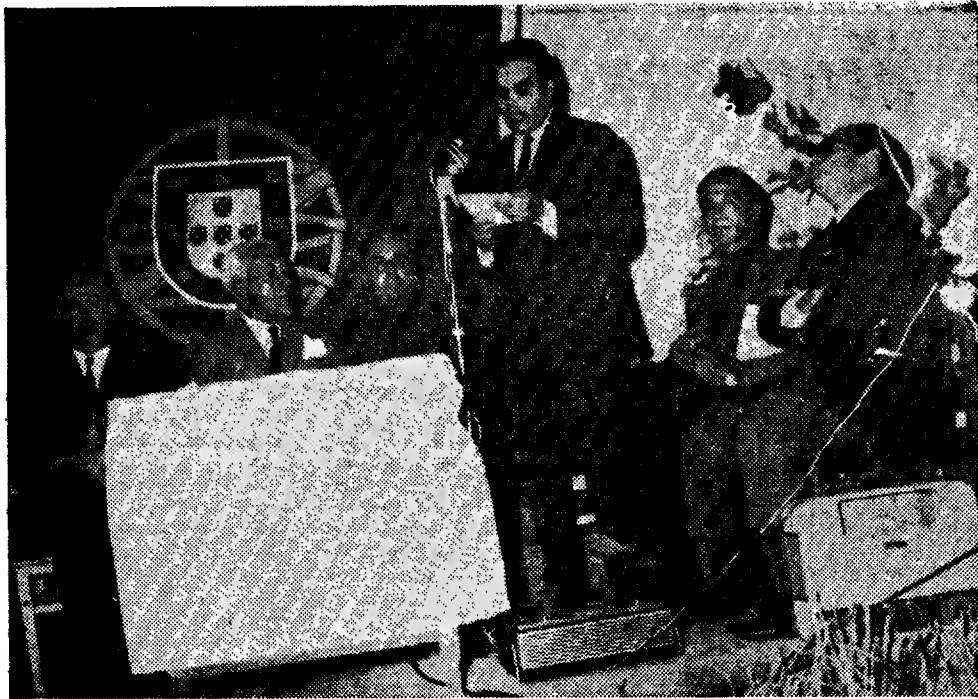
CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS:

LISBOA
Rua Braamcamp, 5
PORTO
Av. dos Aliados, 58-64



BANCO DE FOMENTO NACIONAL

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS



O dr. Anibal Costa, candidato pela Oposição Democrática de Beja, falando na sessão eleitoral realizada em Pias

A SESSÃO DE PROPAGANDA ELEITORAL EM PIAS

A reforma agrária é uma das maiores necessidades do Baixo Alentejo

— disse um candidato opositorista

PIAS, 6—Esta localidade do concelho de Serpa foi a terra escolhida pela Oposição Democrática do distrito de Beja para a primeira sessão da sua campanha eleitoral. Para essa primazia concorreu grandemente o facto de, nas eleições de 1958, ter sido esta freguesia a única do distrito onde foi oficialmente reconhecida a vitória da lista do general Humberto Delgado.

A sessão realizada num amplo armazém improvisado para o efeito, registou a presença de cerca de um milhar de pessoas de todas as condições sociais e algumas deslocando-se de várias localidades do distrito. O ambiente, de marcada expectativa, que bem depressa se transformou em grande e permanente vibração, também sempre se caracterizou por fervoroso patriotismo e absoluto civismo.

Presidiu o dr. Alexandre de Melo Borges, prestigioso democrata de Beja, que convidou para a mesa, duas consideradas individualidades locais: o dr. Joaquim Acabado Janeiro e sr. António Cabral Pós de Mina. A autoridade estava representada pelo alferes Matos Silva, comandante da secção da G. N. R. de Moura.

Preconizada «a emancipação do povo português»

A manifestação começou com um viva à República, que deu lugar às primeiras aclamações que haviam de repetir-se até final. Cantou-se depois o Hino Nacional com o auditorio de pé.

Foi o dr. Acabado Janeiro o primeiro orador começando por prestar homenagem aos mortos

da luta pela Democracia, em memória dos quais foi guardado um minuto de silêncio. Em seguida, o dr. Acabado Janeiro justificou a sua posição de opositorista pela sua própria condição de católico praticante. Apon- tou depois as condições em que vai decorrer a acção opositorista e preconizou «a necessidade de emancipação do Povo português», afirmando que «o homem só agindo livremente pode ser responsável pelas suas atitudes». Referiu-se ainda ao actual panorama do País sob vários aspectos, entre eles a emigração, as consequências da guerra do Ultramar e ainda o exílio forçado ou voluntário de muitos portugueses, sem exclusão das camadas jovens. A conclusão apresentou os quatro candidatos opositoristas: dr. Anibal Costa, dr. Celso Pinto de Almeida, eng. António Areosa Feio e dr. Urbano Tavares Rodrigues.

O problema da emigração

O segundo orador, dr. Celso Pinto de Almeida, referiu-se também às condições de desigualdade em que a Oposição está a desenvolver a sua campanha, citando o caso concreto de dificuldades surgidas no concelho de Almodôvar as quais provocaram a estranheza e a intervenção eficiente do próprio governador civil de Beja.

Continuando no uso da paalvra, o dr. Celso Pinto de Almeida leu os principais tópicos da proclamação dirigida pelos candidatos aos eleitores e mais adiante afirmou que eles desejam principalmente ser intérpretes dos anseios e mais prementes necessidades do povo do

distrito de Beja. Aludiu ainda ao problema da emigração que dá um desolador aspecto aos campos, aldeias e vilas desta região e tem nefastas incidências sociais e económicas. Confirmando afirmações anteriormente feitas pelo dr. Acabado Janeiro, acentuou o atraso material e económico em que o País se encontra.

O sr. Alfredo Rosa Alinho, que falou a seguir, ocupou-se especialmente da situação do trabalhador português que, afirmou, se encontra privado dos mais fundamentais direitos de liberdade cívica e económica, afirmando que nunca, na Assembleia Nacional, qualquer deputado foi o intérprete das suas legítimas e justas ambições.

Insuficiências e erros na assistência médica ao trabalhador rural

Discursou a seguir o dr. Anibal Coelho da Costa que, numa exposição plena de objectividade, analisou desenvolvidamente o problema da defesa da saúde do trabalhador rural do Baixo Alentejo e dos seus familiares apontando graves erros e insuficiência à organização actual nesse sentido. Afirmou que, «por falta dos mais elementares meios, as Casas do Povo podem servir para tudo menos para assegurarem uma assistência médica capaz».

Falando, depois o eng.º Areosa Feio principiou por dirigir comovidas saudações aos democratas de Pias. As suas considerações visaram especialmente a situação de retrocesso em que se encontram as populações e as próprias terras do Baixo Alentejo e, depois, a

defender o princípio de que a condição máxima para o ressurgimento global do País é a democratização do Povo português, pelo que preconizou uma acção incessante com esse objectivo, independentemente dos resultados do próximo acto eleitoral.

A reforma agrária

O último orador foi o dr. Urbano Tavares Rodrigues cujas primeiras palavras foram para recordar cinco nomes de democratas já mortos: Jaime Cortesão, António Sérgio, Vieira de Almeida, Azevedo Gomes e Humberto Delgado. Referiu-se, depois, aos democratas que se encontram exilados, alguns deles grandes vultos do jornalismo e nas letras e nas ciências.

Desenvolveu depois penetrantes conceitos sobre a falta de liberdade do Povo português e as quase insuperáveis dificuldades que os filhos das classes humildes encontram para atingirem o ensino médio e, especialmente, o universitário.

A reforma agrária, que apontou como uma das maiores necessidades do Baixo Alentejo, mereceu-lhe também uma profunda análise, assim como as deficiências e o sectarismo do ensino primário, secundário e superior, localizando-as no próprio distrito de Beja. Insurgiu-se ainda em termos muito expressivos contra a acção da censura que, disse, não abrandar no próprio período eleitoral.

Pedido de amnistia

Encerrou a sessão o dr. Melo Borges, que pôs em evidência o seu significado democrático e cívico.

Grande entusiasmo na sessão de Santarém

(Contin. da 1.ª pág.)

No final, o dr. João Luís Lopes pediu uma ampla amnistia.

Falou, a seguir, o dr. Antunes da Silva. Fez uma crítica severa ao Regime, Historiou as razões que levaram o Estado Novo a promover as eleições citando a frase de Salazar de que «não se pode governar contra a vontade dum povo».

Maria Barroso: uma voz empolgante

Maria Barroso, a oradora seguinte, leu, com a sua voz extraordinária, palavras que foram aplaudidas

entusiasticamente pela assistência.

Lembrando que estivera em Santarém há 22 anos, a grande actriz apresentou-se como combatente do Regime.

Com simplicidade — mas também com extrema convicção, que empolgou a assistência — Maria Barroso referiu-se a vários aspectos da actual situação portuguesa.

António Reis, que falou a seguir, dissertou longamente sobre as questões do ensino.

No fim da sua exposição pediu a reforma democrática do ensino e a normalização da situação universitária, segundo as bases aprovadas na reunião nacional do Movimento Democrático. Afirmou que «qualquer reforma democrática do ensino tem de passar por uma reforma geral das estruturas portuguesas». A finalizar referiu-se à situação da agricultura, defendendo a expropriação de latifúndios e sua entrega a associações de agricultores.

O eng.º Lino Neto — recebido, a seguir, com calorosa salva de palmas — começou por criticar o conceito da Pátria, do Estado Novo, dizendo que Pátria é o Povo.

Acentuou que o Povo português demonstrou sempre ser patriota, enquanto as classes dominante se vendiam ao estrangeiro. Em apoio da sua afirmação lembrou os períodos de D. João I, dos Filipes, do Liberalismo e, finalmente, dos tempos de propaganda da República «o povo português sabe governar-se, mas não o deixam» — disse.

O papel do escritor

O escritor Alexandre Cabral levantou-se, depois, para ler o seu discurso.

Depois de nós só a Turquia

O dr. Fidalgo Pereira, falou, a seguir, das condições em que se desenvolve uma campanha eleitoral, considerando que estas eleições são idênticas às anteriores. Quando se referiu ao general Humberto Delgado, que apelidou de «o general Sem-Medo», foi alvo de uma impressionante ovacão.

Comparou, depois, a situação de Portugal com outros países europeus, demonstrando, com auxílio de estatísticas, que o nosso País ocupava quase sempre o último ou os últimos lugares («depois de nós só a Turquia»).

A finalizar fez um largo exame dos problemas mais prementes do distrito.

Por último lugar falou a dr.ª Maria Fernanda Silva, de Abrantes, que se empenhou na desmistificação da noção salazarista de «democracia orgânica», historicando as lutas de Oposição, desde o Movimento de Unidade Democrática até aos nossos dias.

A assistência guardou, depois, um minuto de silêncio em memória do general Humberto Delgado e de todos os que caíram na luta pela Democracia. Seguiu-se a entrega de um ramo de flores ao candidato António

Reis por uma representante da juventude do distrito. A sessão terminou com a declamação, por Maria Barroso, do poema «Ode à liberdade, de Jaime Cortesão, entusiasticamente aplaudido pela assistência.

Uma carta do Sindicato Nacional dos Jornalistas

A Direcção do Sindicato Nacional dos Jornalistas pede-nos a publicação da seguinte notícia:

«Acerca da resposta a um comunicado do Sindicato Nacional dos Jornalistas, ontem publicado em vários jornais, da autoria de António João Fernandes, recebemos deste antigo consócio a seguinte carta:

«Exma. Direcção do Sindicato Nacional dos Jornalistas

Acerca da carta por mim enviada a vários jornais e por eles ontem publicada, venho declarar:

1— O nome com que, de Abril de 1963 a Julho de 1964, estive inscrito no Sindicato, não foi aquele que deu azo ao esclarecimento desse organismo;

2— Reconheço que, na realidade, embora colaborando em órgãos de Imprensa, não tenho, legalmente, direito a usar o título de jornalista».

a) António João Alves
Luís Fernandes

Lisboa, 2 de Outubro de 1969»

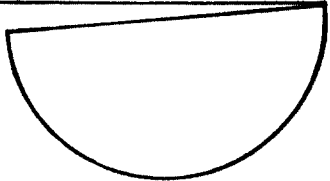
● ACTIVIDADES DA U. N. EM EVORA — Os

candidatos da U. N. pelo círculo de Évora drs. Amílcar Pereira Mesquita e Manuel Cotta Agostinho Dias e eng.ºs Gabriel da Costa Gonçalves e José de Mira Nunes Mexia estiveram dia 4 em Portel, onde contactaram com os seus eleitores e realizaram uma reunião com os elementos da política local, a fim de assentarem na orientação a seguir quanto aos trabalhos relacionados com o próximo acto eleitoral. Segundo notícia a U. N. a reunião «decorreu em ambiente de mútua compreensão e foram focados problemas da maior acuidade para o concelho, em diálogo aberto e esclarecedor. Foram, por fim, estudadas as directrizes a seguir no futuro e relativas ao esclarecimento do eleitorado sobre a presente situação política».

● A U. N. EM VILA

REAL — Os candidatos a deputados da União Nacional pelo círculo de Vila Real, difundem sucessivos esclarecimentos sobre o próximo acto eleitoral, não só mediante a publicação de comunicados, mas também por contactos directos com os eleitores. Para o efeito, têm promovido reuniões nas diversas freguesias dos concelhos do distrito, a que comparecem os indivíduos locais mais representativos.

Documentos



Da Comissão Democrática Eleitoral de Braga, recebemos o seguinte documento dado a público:

«1 — Desde sempre o regime salazarista estabeleceu, intencionalmente, uma identidade prática entre a Igreja Católica e o Estado Corporativo: por um lado, o corporativismo português seria, de acordo com essa propaganda, a concretização real da doutrina social da igreja. Por outro lado, segundo essa propaganda, a Igreja estaria grata ao Estado. Já que este lhe dava toda a protecção de que ela necessitava. Desta identidade prática tem concluído a propaganda oficial, habilitadamente, que quem for contra o regime será contra a igreja católica.

Semelhante manobra propagandística sempre foi contrariada expressamente por muitos católicos, desde o padre Alves Correia e outros, os quais constituíram uma falange que, no princípio pequena, veio sucessivamente engrossando até se traduzir hoje numa força que muito tem contribuído para esclarecer o povo português acerca deste problema.

«A maioria dos oposicionistas é formada por católicos»

2 — A verdade, contudo, é que, durante os últimos quarenta anos, a prática política sempre demonstrou quanto é falso atribuir aos adversários do regime preconceitos contra a religião.

Com efeito, num país em que a esmagadora maioria da população é constituída por católicos forçosamente a esmagadora maioria dos oposicionistas ao regime teve de ser, e é, formada por católicos. Têm sido constituídos por católicos, sem a mais pequena dúvida, as muitas centenas de milhares de portugueses que, nomeadamente desde 1945, se manifestaram contra o regime salazarista pelas formas mais diversas, desde os milhares de portugueses que na Fonte da Moura aclamaram o general Norton de Matos até aos 300 mil que, também no Porto, deram as boas-vindas ao general Humberto Delgado; eram católicos a esmagadora maioria dos que assinaram as listas do M. U. D. e dos que votaram no general Humberto Delgado.

Por outro lado, nunca qualquer organização política oposicionista — desde o Movimento de Unidade Democrática ao Movimento Nacional Democrático, desde as candidaturas à presidência da República do general Norton de Matos à do general Humberto Delgado, ou de candidatos a deputados — tomou qualquer atitude prática ou subscreveu qualquer afirmação teórica de desrespeito ou de oposição à igreja católica.

3 — O que acaba de referir-se é especialmente verdadeiro no distrito de Braga — tradicionalmente católico — têm sido formadas por católicos as multidões que, durante estes 40 anos, se têm manifestado contra o regime, desde aqueles que no fim da Guerra Mundial vieram para as ruas de Braga vitórias a Democracia até às que, em 1 de Junho de 1958, quando da gorada visita do general Humberto Delgado ao distrito, encheram as ruas de Famaçã, Barcelos, Guimarães e Braga ou se apinharam nas estradas com a intenção de o aclamar. Mais: — aqueles que constituem hoje as nossas comissões (tal como sucedeu com aqueles que as constituíram em todos os momentos políticos, desde 1945) são também, na sua esmagadora maioria, católicos — cuja fé e liberdade religiosa nunca ninguém contestou ou contesta e todos naturalmente aceitam dentro da nossa organização.

Coincidência entre a doutrina da Igreja e o pensar dos democratas

4 — Isto é, de resto, a consequência lógica dos princípios democráticos que subscrevemos e que nos unem.

Na verdade, como democratas, perfilhamos expressamente — hoje como sempre — o princípio da liberdade religiosa. Todos os crentes têm, no nosso entender, o direito inalienável de ver respeitada a sua fé e de exercerem livremente as suas convicções religiosas.

Mas, para além disto, sucede mais que existe hoje uma coincidência irrecusável entre a doutrina social da igreja e o nosso pensar e sentir de democratas. Com efeito somos nós que aceitamos e queremos pôr em prática na sociedade portuguesa as seguintes palavras do Papa João XXIII, na Encíclica «Pacem in Terris»: — «Todo o ser humano tem direito natural... à liberdade na pesquisa da verdade, dentro dos limites da ordem moral e do bem comum, à liberdade na manifestação e difusão do pensamento, bem como no cultivo da arte. Tem direito também à informação verídica sobre os acontecimentos públicos».

É isto o que nós, democratas, queremos. Mas é o contrário disto que faz o regime que nos oprime — mandando apreender, pela polícia, livros e revistas, mantendo a censura nos jornais, proibindo manifestações culturais de teatro, cinema, recitais de poesia, etc. e impedindo que os meios de informação (jornais, rádio, televisão, etc.) refiram acontecimentos públicos, nacionais e estrangeiros.

Somos nós que aceitamos, e queremos pôr em

prática na sociedade portuguesa, estas outras palavras do Papa João XXIII na mesma encíclica: — «Todo o ser humano tem... direito de reunião e de associação, abrangendo o de conferir às associações a forma que aos seus membros pareça mais conveniente para os fins em vista, e ainda a de agir dentro delas por sua própria conta e risco, em ordem a atingir esses fins».

É isto que nós, democratas, queremos. Mas é o

contrário disto que faz o regime que nos oprime, proibindo na prática o exercício de direito de reunião e associação, quer para fins culturais, quer políticos.

Somos nós que aceitamos e queremos pôr em prática na sociedade portuguesa aquilo que o concílio «Vaticano II» ensina na encíclica «Gaudium et Spes»: — «porém os homens que se reúnem na comunidade política são muitos e diferentes e po-

dem legitimamente divergirem de opinião». E ainda: — «É plenamente conforme com a natureza do homem que se encontram estruturas jurídico-políticas nas quais todos os cidadãos tenham a possibilidade efectiva de participar livre e activamente, dum modo cada vez mais perfeito e sem qualquer discriminação, tanto no estabelecimento das bases jurídicas da comunidade política, como na gestão da coisa pública e na deter-

minação do campo e fim das várias instituições e na escolha dos governantes».

É isto que nós, democratas, queremos. Mas é o contrário disto que faz o regime que nos oprime quando não admite, na prática, «divergir de opinião» do Governo, nem consente que os portugueses se agrupem em partidos políticos para participarem «livre e activamente» na vida pública.

(Continua na pág. 10.ª)

A exploração petrolífera no Ultramar

objecto de um comunicado da Direcção-Geral de Economia do respectivo Ministério

Do Ministério do Ultramar (Direcção-Geral de Economia), através da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, recebemos o seguinte comunicado:

«O jornal «República», de 30 de Setembro, insere, na rubrica Perguntas a que o povo exige respostas exactas, algumas questões relacionadas com a exploração de petróleo nas províncias ultramarinas.

Embora todos os contratos para pesquisa e exploração tenham sido oportunamente publicados na 2.ª série do Diário do Governo e nos Boletins Oficiais das províncias do Ultramar, a Imprensa tenha dado a esses acontecimentos o relevo que merecem e algumas entrevistas tenham sido concedidas, a propósito, por membros do Governo Central e dos Governos Provinciais, citando-se, por mais recente, a que o subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino concedeu ao Diário Popular, publicada no n.º de 8 de Janeiro do ano corrente, parece oportuno recordar o que já mereceu ampla publicidade mas é, mesmo assim, ignorado pelo autor das perguntas.

18.ª PERGUNTA: A exploração do petróleo em Cabinda e outras regiões ultramarinas foi entregue a companhias internacionais e mistas?

As concessões para prospecção, pesquisa e exploração de petróleo, seus afins e associados, foram outorgadas a companhias estrangeiras e nacionais, como aliás é prática corrente na indústria do petróleo em todo o mundo, com excepção, evidentemente, dos países de economia socialista. Até nos países de grandes tradições na indústria assim se procede. Na Inglaterra, França, Alemanha, Holan-

da, Itália, Espanha, Canadá e mesmo nos Estados Unidos, operam companhias não nacionais. Portugal não poderia, pois, por razões óbvias, fazer excepção à regra geral. Há, portanto, companhias nacionais e estrangeiras, com capitais portugueses, americanos, franceses, sul-africanos, belgas e alemães.

19.ª PERGUNTA: «Porque não foi efectuada por nós?»

Não foi efectuada inteiramente por nós pelas seguintes razões:

1.ª — Importância dos investimentos exigidos;

2.ª — Enorme risco financeiro, pois, antes da exploração, torna-se necessário efectuar pesquisas, na maior parte das vezes de resultados aleatórios;

3.ª — Necessidade de distribuir a poupança nacional por outros empreendimentos no Ultramar, além dos que se prendem com o petróleo;

4.ª — Vantagens que oferece a contribuição técnica, comercial e financeira de grandes organizações petrolíferas há muito trabalhando à escala internacional;

5.ª — Possibilidade de formação de técnicos nacionais, a qual vem sendo feita, nos termos dos contratos, a expensas das empresas concessionárias.

20.ª PERGUNTA: Quanto pagam ao Estado, por dia, essas companhias estrangeiras?

Os rendimentos para o Estado, provenientes da indústria do petróleo, são os definidos pelo Decreto n.º 41357, isto é, 50% dos lucros líquidos da exploração, com garantia de um mínimo de 12,5% do valor da produção, conforme dispõe o Decreto n.º 41356.

Tais rendimentos, que se consideram mínimos, são aumentados em fun-

ção de diferenciais, prémios e rendas, de harmonia com as cláusulas constantes dos contratos oportunamente publicados no Diário do Governo e nos Boletins Oficiais.

De notar que só se encontram em produção alguns jazigos na província de Angola e que os rendimentos actualmente auferidos pelas províncias da Guiné, Moçambique e Timor, respectivamente, de 20 mil, 40 mil e mil contos por ano, provêm unicamente de rendas. Em Angola, os rendimentos da província resultam não só das rendas de superfície e de prémios pagos pelas empresas concessionárias, mas também do imposto de rendimento de 50% e de diferenciais da refinaria, num total de algumas centenas de milhares de contos, variável, anualmente, com a produção dos campos.

22.ª, 23.ª e 24.ª PERGUNTAS: Quantos engenheiros ou técnicos portugueses trabalham na exploração do petróleo em Cabinda? — E operários especializados? E estrangeiros?

Em todos os contratos de concessão se tem imposto às concessionárias a obrigação de especializar pessoal português, de formação universitária, média e elementar, independentemente das medidas que foram já tomadas para a constituição de quadros técnicos especializados nacionais, a expensas do Estado. Em Cabinda, tal como acontece noutras áreas, objecto de trabalhos de prospecção, pesquisa e exploração de petróleo, há já técnicos portugueses qualificados como especialistas. Relativamente à concessão de Cabinda, além do pessoal que se encontra no estrangeiro em regime de estágio, de harmonia com as cláusulas contratuais, trabalham já

localmente engenheiros de sondagem, engenheiros de produção e geólogos que completaram a sua especialização técnica nos Estados Unidos. Pode mesmo acrescentar-se que os geólogos residentes nas sondas, quer terrestres, quer marítimas, são já, em maioria, nacionais. De salientar ainda que, no princípio do ano corrente, das 2440 pessoas empregadas pela Cabinda Gulf, 1998 eram de nacionalidade portuguesa, parecendo ainda conveniente acentuar que um desses nacionais atingiu já o grau de director de serviços.

25.ª PERGUNTA: Qual o rendimento diário, em equívocos, do petróleo angolano quando a sua exploração for plena?

A pergunta só poderia ter resposta se fosse possível prever todas as descobertas que possam verificar-se e se, mesmo assim, fosse admissível a colocação imediata de toda a produção a um preço que pudesse ser fixo.

44.ª PERGUNTA: Para onde irá o petróleo de Cabinda?

Tendo em conta que as refinarias trabalham com características para obtenção de determinados produtos, há que procurar, no mercado internacional, aquelas que possam constituir-se clientes da Cabinda Gulf.

O estudo dos mercados encontra-se adiantado para a colocação do máximo possível, dentro de preços de concorrência, mas sem os riscos de aviltamento dos mesmos, sempre de recesso numa época em que a produção mundial é plétórica.

Lisboa, 1 de Outubro de 1969.

O Direc.or-Geral, Ruy de Araujo Ribeiro.



Mesa-redonda em que tomaram parte Etelvina Lopes de Almeida (C. E. U. D.), Henrique Barrilaro Ruas (C. E. M.) e Francisco Pereira de Moura (C. D. E.)

A emigração assume, na actual conjuntura, particular acuidade e constitui um dos mais preocupantes problemas nacionais. No debate em mesa-redonda que promovemos sobre «Emigração — causas, consequências e soluções», participaram os candidatos a deputado D. Etelvina Lopes de Almeida (C. E. U. D.), dr. Henrique Barrilaro Ruas (C. E. M.) e dr. Francisco Pereira de Moura (C. D. E.).

Serviu de moderador, a convite do «Diário de Lisboa», o dr. José Carlos Ferreira de Almeida, estudioso deste magno problema para a vida e a economia da Nação.

MODERADOR — Eu creio que todos estamos de acordo sobre a importância que o fenómeno migratório tomou no nosso País durante a última década. Se é verdade que a migração tem sido uma constante para nós ao longo da história e nomeadamente no último século e meio, a verdade é que, a partir do meio dos anos 50 e nomeadamente a partir dos anos 60, o fenómeno se começou a processar numa escala mais vasta, sendo necessário entrar com ele em linha de conta numa forma diferente. Creio também que todos estaremos de acordo em que as incidências do fenómeno demográfico migratório se fazem sentir em todos os níveis da vida nacional e não é possível perceber o desenvolvimento da economia nacional, quer em termos de mão-de-obra, quer em termos de salários, quer em termos de inflação, quer em termos de renovação de certas estruturas, se não se tiver em conta este fenómeno mi-

gratório. Estes factos são mais que suficientes para tornar o problema da migração num problema político, e, no entanto, verifica-se que não se encontrou da parte das autoridades governamentais a definição duma autêntica política migratória.

As medidas sucederam-se, nem sempre muito coordenadas, mais exactamente, quase sempre descoordenadas, medidas que em grande parte eram sectoriais e não encaravam o problema globalmente nem nas incidências que ele tinha. Suponho que serão esses aspectos com que mais ou menos estaremos de acordo. Sugerio que a nossa conversa se orientasse em torno de como é que as pessoas presentes encaram as sucessivas atitudes governamentais em face do problema migratório, nomeadamente nos anos 60, como é que definiriam uma política migratória para o nosso País, todas as medidas coordenadas entre si e coordenadas com uns certos objectivos, objectivos que por sua vez não podem ser definidos só em ordem ao problema migratório, têm de ser definidos numa forma articulada de objectivos mais gerais, da política económica e social, que interessa encontrar para o desenvolvimento de Portugal. Creio que isto pode ser uma base de discussão e de qualquer forma todas as outras contribuições, todos os outros pontos de vista que serão uteis em ordem à elucidação deste problema.

PEREIRA DE MOURA — Aceitando esse enunciado, eu queria pronunciar-me, mas sem o explorar completamente. Isso há-de ser ao longo de toda esta conversa. Destaco três perspectivas fundamentais, para encarar o problema: 1.º, a perspectiva de certo modo humana; 2.º, a perspectiva dum economista, visto que estou aqui como economista; 3.º, a perspectiva política.

Sob o ponto de vista humano, em Portugal, perante este surto migratório que vem desde os anos 50, começo dos anos 60, a perspectiva e a atitude que se tem assumido publicamente tem sido a condenação dos migrantes, condenação quase no sentido de que são subversivos, fogem à nação, ou então são ingénuos, vão-se embora ilusoriamente, em busca do «eldorado» que afinal não existe. Mas, em contrapartida, não se tem dito quase nada, a não ser em algumas reportagens jornalísticas e obras de escritores. Não se tem insistido quase nada no drama da migração, o drama humano da migração. Eu

considero isto uma falta colectiva em que todos estamos, o não se ter insistido bastante nesse aspecto. Mesmo quando se escrevem às vezes interessantes artigos ou discursos sobre o assunto, e alguns têm aparecido, ou é com palavras mais ou menos veladas a querer convencer os emigrantes a voltarem ou a convencê-los de que fizeram mal em sair (do ponto de vista nacional teriam feito mal), ou então, sobretudo, a sossegar as consciências dos que lêem o jornal e ouvem o discurso e que cá ficaram. Sossegá-las perante o fenómeno migratório.

Ora eu gostaria de ver todos esses esforços (dos nossos políticos e dos nossos escritores de artigos) predominantemente dirigidos para a análise e para a difusão dos gravíssimos problemas humanos dos migrantes: o seu sofrimento, assim como o sofrimento e o descalabro das famílias que ficam cá no nosso País. Portanto, este um primeiro aspecto. De certo haverá aqui nesta mesa quem o saiba ilustrar melhor que eu. Quanto ao segundo aspecto, a perspectiva económica, entendo ser ela uma das causas da emigração. Não vou dizer que são só económicas e avanço já que outra das causas que, pelo menos nestes últimos anos, se estão a acentuar é a fuga à mobilização militar. Mas na origem foram causas económicas e creio que se dizem em duas palavras: Portugal, a economia portuguesa, avançou alguma coisa durante a década de 50. Mas, sobretudo devido à

A emigração

integração europeia, a Europa Ocidental viu a sua economia avançar muito mais depressa. E o desequilíbrio de salários que existiam entre a economia nacional e a economia da Europa Ocidental acentuou-se extraordinariamente, no preciso momento em que os meios de comunicação começaram a difundir-se entre as populações portuguesas, quer do campo, quer das zonas urbanas. E, portanto, a conjugação destas duas coisas deu necessariamente um grande surto migratório. Aliás, repare-se que atrás dos primeiros emigrantes tenderam a ir mais e isto funciona exactamente dentro da segunda causa que aponte, portanto, difusão dos meios de comunicação.

Além de causas económicas, consequências económicas. E eu não vou dizer que a estagnação que se tem verificado na nossa economia nos últimos anos se deva exclusivamente à emigração. De modo nenhum, mas a emigração foi, tanto quanto vejo, um daqueles factores, de certo modo exteriores ao sistema em que estávamos e ao padrão de industrialização que tínhamos vindo a seguir dentro dos anos 50. A emigração, juntamente com a integração europeia e com as guerras da África, foi um daqueles factores que me leva a concluir que o tipo de política de desenvolvimento e de um modo geral um tipo de política económica que foi seguida em Portugal durante os anos 50 não pode prosseguir.

Eu penso que já havia razões dentro da lógica dessa própria política e dentro do tipo de desenvolvimento que estávamos a fazer, já havia razões para ela não prosseguir, para que se exigisse uma mutação. Mas com a migração, com as guerras da África e com o processo da integração europeia é verdadeiramente impossível seguir com aquele tipo de política. Temos de mudar de política económica e social.

Isto é uma coisa, tanto quanto vejo, que a nível oficial ainda não foi compreendido.



Francisco Pereira de Moura

As pessoas continuam convencidas de que há uma solução conjuntural e que depois vêm uns anos melhores e que os industriais se animam e que isto volta à antiga. Estou convencido de que não é nada disso. E agora o terceiro aspecto, a terceira

CIVE - Companhia Industrial Vidreira, S.A.R.L.

COMUNICADO

Informamos os nossos clientes e o público em geral, que os cálices distribuídos como brinde por uma conhecida marca de detergentes, não são de nosso fabrico, embora se trate de cópia do modelo que, sob a ref.º 591-LP.415, a nossa fábrica IVIMA produz desde 1959.



José Carlos Ferreira de Almeida

ção — causas, consequências e soluções

perspectiva — a política. Penso que todo este problema da emigração, para mim, é um teste dos nossos políticos e da nossa política. E teste que se resume na palavra — incapacidade. Eu nem sei qual é a nossa política de emigração. E recordo um exemplo: há poucos dias vinha nos jornais que o sr. Presidente do Conselho deu uma entrevista ao jornal «Aurore» e logo no dia seguinte vinha um desmentido em relação às declarações do sr. Presidente do Conselho, em relação ao que tinha vindo publicado de manhã ou na véspera. Sabemos que Portugal é um país onde há censura. Mas certamente que a entrevista publicada no «Aurore» não foi a nossa política. Porque os factos existem e subsistem e não se nota nada. Portanto, há aí uma falta de política, facto que, depois, teremos de desenvolver.

ETELVINA LOPES DE ALMEIDA — Eu parto do princípio de que qualquer problema que se relacione com o homem, na sua dimensão social, terá sempre que ter implicações políticas. Por mais que queiram separar a política da vida do homem, por mais que nos queiram ausentar da governação, automaticamente nós teremos que pensar que todas as atitudes do homem derivam do estado político a que ele pertence. Sou de opinião que o homem, evidentemente, tem de trabalhar onde deseja e como deseja. O homem tem de sentir-se livre dentro da sua pátria e não fazer da sua pátria um grande cárcere donde ele não possa sair. Sou, portanto, a favor duma emigração. Uma emigração que leve o homem documentado e que leve o homem especializado profissionalmente à dimensão de outro homem que ele vai encontrar lá fora, seja na Europa seja na América, como aqueles que encontrei em Paris ou aqueles outros que encontrei no Brasil. Portanto, uma emigração onde o homem, ao sair da sua terra, se sinta automaticamente protegido dentro duma profissão que ele vai desempenhar ao lado de outros homens seus iguais. Agora, esta emigração que nós vemos sair de Portugal de tamancos às costas, como dizem no Brasil, ou de saco às costas como eles vão «a salto», cruzando a fronteira, arriscando a vida, sem a mais pequenina noção geográfica do espaço que eles têm a percorrer, muitas vezes descalços, muitas vezes com passadores a ganharem à sua custa sem lhes dizerem, por exemplo, que têm de atravessar os Pirenéus que têm neve, indo daqui com um fato quase roto, sem saberem, evidentemente, que têm de arrotar com meios que eles não sonhavam encontrar pelo caminho, muitas vezes sem dinheiro, passando fome, e tantos ficaram pelos Pirenéus e tantos ficaram por Espanha, acho, evidentemente, que é uma condenação para a qual eu não gostaria de ver atrair nenhum português da minha terra. Evidentemente que estes homens, à medida que se vão ajeitando nos trabalhos que por lá encontram e que têm de ser dos mais inferiores, porque, evidentemente, que o homem que sai nestas condições, tanta vez de analfabetismo, muitas vezes de desconhecimento total duma profissão, visto que apenas tem jeito para uma coisa, tem jeito para cavar a terra ou tem jeito para carpintaria ou outra coisa semelhante, este homem terá que se sujeitar sempre àquilo que encontre.

Esse homem que se sujeita ao trabalho que encontra está na mão de outro homem, mais esperto do que ele e que o explora. Encontrei em Paris muitos portugueses deste tipo explorados por portugueses que tinham chegado primeiro. Por exemplo, para receber notícias ou para receber documentos oficiais, este homem tem em Paris de comprar uma morada, visto que a lei francesa lhe não permite que receba os documentos oficiais de permanência numa barraca que ele improvisa para viver. E para ter essa morada em que pode receber documentos oficiais, ele compra a um homem que tem uma taberna, a um homem que tem casa de pedra e cal e não uma barraca, muitas vezes custando-lhe 2000\$00 por mês, porque terminados os 30 dias a pessoa que lhe vendeu a morada exige-lhe novo pagamento. Este homem fica, automaticamente preso, primeiro duma língua que ele não conhece, hermético do seu raio cebe a língua, está sózinho, digere consigo as saudades da sua terra, começa a embelezar um lugar que passou a ser a sua origem e que portanto passa a transformar-se dentro de si num lugar de beleza, num lugar de saudade, um lugar de amor, um lugar de família, e que nessa transformação se vai embelezando deixan-

do de ser a realidade trágica do mesmo lugar que ele deixou por não poder viver nele economicamente. Daqui, o que resulta? Ele transforma-se num ser completamente imaginado: imaginado em relação ao que deixou, imaginado em relação às suas possibilidades que são quase nulas. Quando ele consegue, através dos seus sacrifícios, ter uma casa e portanto mandar ir a sua mulher, o problema de saudade resolveu-se, a sua mulher passa a trabalhar ao seu lado e, se houver filhos, automaticamente a casa está cheia.

Nessa primeira fase do regresso da mulher a um lar, que não é o lar português, mas o lar que eles inventaram lá fora, essa mulher e esse filho, preenchem a vida desse homem, a sua vida espiritual, a sua vida humana, digamos assim. Ele trabalha, começa a juntar dinheiro, e o horizonte deste homem que não foi buscar outra coisa lá fora senão dinheiro, e a sua promoção aqui em Portugal através apenas do dinheiro, esse homem passa evidentemente a ter uma época de felicidade. Mas essa época vai automaticamente de encontro a um meio que ainda lhe é hostil. Ele continua a formar com a sua mulher e com os filhos para lá, material didáctico, livros, num mundo onde ele se sente sempre estran-



Etelvina Lopes de Almeida

geiro, porque ele não se integra. A única integração que este homem sente é a necessidade de regressar. Ele não está propriamente em França para se integrar numa sociedade de pessoas mais evoluídas. Ele está ganhando dinheiro, fazendo todos os sacrifícios para o seu regresso.

Abandonemos agora, por enquanto, este casal e vejamos o que espera o filho. O filho deste casal tem todas as escolas abertas em França para se educar. Tem um processo de ensino eficiente, tem edifícios alegres, higiénicos, tem alimentação, Champignat que era uma casa térrea com como são os livros franceses das primeiras letras, alicantes, repito, e em contrapartida quando ele regressa para casa ele sente um ambiente feio, mau, visto que os pais estão simplesmente a juntar dinheiro e esta criança sente que o que vem dos pais é desagradável e o que a escola francesa lhe dá é bom. Em cerca de 300 000 portugueses emigrados que eu encontrei em Paris, havia apenas doze escolas improvisadas por iniciativa da Associação dos Portugueses em França. Essas escolas, apesar de terem pedido professoras portuguesas para cá, material didáctico, livros, nunca tiveram apoio. Visitei uma escola em Champignat que era uma casa térrea com duas mesas compridas, com bancos de um e de outro lado, onde não vi um quadro, onde não vi sequer a lousa negra onde as pessoas escrevem a branco o a-bê-cê. Aquela escola não tinha a mais pequenina condição de alicamento para as crianças aprenderem o português. E verifiquei algumas famílias que conheci lá, que os pais se envaideciam por os seus filhos falarem perfeitamente o francês e que as crianças não falavam o português porque lhes não agradava a vida dos pais. Nesta altura, eu pergunto: interessará ao Governo fazer vol-

tar um dia essas crianças a Portugal ou os filhos dos emigrantes são portugueses desprezados pela Pátria de seus pais?

Parece-me que a política que o Governo tem seguido em África é de fazer quanto mais escolas melhor, é de fazer a integração das populações negras e das populações brancas dentro da língua portuguesa. Pelo menos é isso que tem tentado. Mas, até hoje, não vi abrirem escolas nos núcleos de emigração para que os portugueses em França ou os portugueses em qualquer outro lado do mundo, possam educar os seus filhos dentro do seu próprio idioma. E parece-me que o idioma português seria um dos grandes veículos com que poderíamos juntar a família portuguesa dispersa pelo mundo.

HENRIQUE RUAS — Eu começaria também por uma recordação de Paris, embora demasiado longínqua para constituir uma lição para o presente. Creio no entanto que, tratando-a um pouco simbolicamente, como ponto de partida ela pode servir: eu estive em Paris de 1947 a 1949, portanto pouco tempo depois da guerra mundial e conheci algumas famílias de operários portugueses que ali trabalhavam e que residiam, alguns, há já diversos anos. Pude verificar que naquelas comunidades de portugueses simples, que habitavam nos arredores de Paris, não havia a mais pequena estrutura, de origem portuguesa, que constituisse uma garantia de estabilidade de valores portugueses, da renovação desses valores, da defesa dos direitos humanos desses indivíduos, dessas famílias. Creio, portanto, que o mal que a partir de 1950 e tantos, e, sobretudo, a partir de 1960, veio a desenvolver-se com tão graves percuções, estava já contido em germe no abandono a que eram votados os poucos portugueses que, poucos anos depois da guerra, procuravam fora do País os seus meios de subsistência, uma melhoria de vida, recursos para sustentar uma parte da sua família residente ainda no País. Creio que, de facto, a partir de então se começou a notar essa ausência de providências legais e de, podíamos dizer, uma disposição de amor para com os portugueses emigrados. Recordo, por exemplo, como a sr.^a D. Etelvina Lopes de Almeida acaba de dizer, que já nessa altura as crianças portuguesas não falavam a língua portuguesa e que até mesmo alguns adultos, que por ali se encontravam havia 5 ou 10 anos, já dificilmente conversavam connosco só em português. E' certo que aí se pode encontrar ou reconhecer uma dessas capacidades, um desses sinais da capacidade de adaptação do português a todo o mundo, que tem sido através da História uma condição de difusão, de presença do português no mundo. No entanto, penso que os portugueses assim instalados em cidades estranhas, em cidades diferentes, com línguas diferentes, não podem deixar de sentir uma certa inferioridade por não poderem manter a sua própria língua e ensiná-la correctamente aos seus filhos. Recordo-me que então, em 1949, eu escrevi uma nota para uma revista que então começava, a revista «Cidade Nova», acerca dos portugueses em Paris e que acabava esse pe-



Henrique Barrilero Ruas

queno artigo dizendo que os portugueses, perdendo o uso habitual da sua língua, se iam lentamente desnacionalizando. Considerando o problema emigratório tal como hoje e apresenta, eu não iria fazer nenhuma análise sistemática porque julgo que o esquema, tal como o prof. Pereira de Moura o enunciou, é perfeitamente válido. Também eu considero que é nos aspectos humano, económico e político que este problema tem de ser considerado e, dum modo geral, considero-me de acordo com as considerações feitas pelo prof. Pereira de Moura. Queria simplesmente insistir no que me parece ser a falta duma política migratória ou a falta duma política de fixação de populações que o Governo português deveria procurar cumprir, não só em relação ao mundo exterior, mas até dentro do espaço português.

Parece-me faltar uma política de distribuição racional da população portuguesa, para evitar um progressivo despovoamento do interior, que terá gravíssimas consequências no futuro. A fronteira com a Espanha está praticamente a voltar a uma fase de deserto que se pode considerar anterior ao povoamento municipalista — D. Sancho I, D. Sancho II, D. Afonso III. O mesmo sucede em relação a todo o espaço português. Seria perfeitamente normal, creio eu, que o Governo pensasse numa política da distribuição das populações que, evidentemente, não fosse atropelar os direitos das populações nativas, no caso das províncias de África.

Publicaremos amanhã a segunda parte deste debate.

2.ª edição

LER E DEPOIS

por Óscar Lopes

QUESTÕES TEÓRICAS GERAIS, OS CONCEITOS DE REALISMO E DE MUNDO INTERIOR. FIGURAS LITERÁRIAS PORTUGUESAS: GIL VICENTE, SÁ DE MIRANDA, CAMÕES, MENDES PINTO, MANUEL DE MELO, BOCAGE, CAMILO, RAUL BRANDÃO, PESSANHA, ANTÓNIO SÉRGIO, FERNANDO PESSOA E AQUILINO RIBEIRO. DOIS ESCRITORES BRASILEIROS: GUIMARÃES ROSA E JOÃO CABRAL DE MELO NETO.

COLEÇÃO CIVILIZAÇÃO PORTUGUESA
EDITORIAL INOVA/PORTO

A PRIMEIRA SESSÃO PÚBLICA DA UNIÃO NACIONAL

Um milhão de rurais entrou em êxodo nos anos 40 a 60 e talvez outro tanto se alcance no decénio em curso

— afirmou um dos candidatos por Lisboa

A União Nacional de Lisboa levou a efeito, no Cinema Tivoli, a sua primeira sessão de propaganda eleitoral. O palco, onde ficou a mesa da presidência, encontrava-se ornamentado com uma categoria á evolução, uma fotografia do Presidente do Conselho entre população de cor, e uma bandeira portuguesa.

Presidiu á sessão o dr. Melo e Castro, presidente da comissão executiva da U. N. A mesa foi ocupada por candidatos a deputados pelo círculo de Lisboa — eng.º Alarcão e Silva, prof. Miller Guerra, brigadeiro dr. Ricardo Horta, dr. Ulisses Cortês, dr. Pinto Leite, Francisco do Casal-Ribeiro e D. Maria Raquel Ribeiro e pelos eng.º Jorge Coimbra (este também candidato), e Santos e Castro, respectivamente presidentes das comissões distrital e concelhia da U. N. de Lisboa.

Notavase a ausência de dois candidatos a deputados — os drs. Albino dos Reis e Franco Nogueira.

O primeiro orador da sessão foi o brigadeiro dr. Ricardo Horta, que, a dada altura, afirmou: «Tenho os olhos postos na minha região — a do Oeste — cujos problemas merecem a atenção do Governo e que é urgente solucionar (...). Creio pertinente afirmar que, na minha óptica, existe um direito á saúde e que este direito não traduz uma forma de caridade, porque é um imperativo indeclinável de todas as sociedades civilizadas.»

Quase a terminar, o brigadeiro Ricardo Horta disse:

«O direito á habitação, a eliminação de bairros insalubres, a construção de habitações condignas, continuará a ser na Assembleia Nacional — se for eleito — como o tem sido na minha qualidade de vereador da Câmara Municipal de Lisboa, finalidade que defenderei com ardor, porque a que consagra-

rei os meus esforços e o meu idealismo.»

«São suficientemente conhecidos os atrasos do nosso desenvolvimento económico...»

Falou em seguida o candidato eng.º Alarcão e Silva, que, depois de afirmar não lhe ter sido solicitado qualquer compromisso ideológico específico, disse:

«Neste virar decisivo da história da humanidade, a paz, a «paz social», aquela que verdadeiramente se impõe aos espíritos e conquista corações, só pode alcançar-se pelo desenvolvimento integral do homem e pelo desenvolvimento solidário da humanidade.»

E, mais adiante:

«São suficientemente conhecidos os atrasos do nosso desenvolvimento económico e do nosso progresso social, para que valha a pena tentarmos iludir-nos sobre a magnitude da tarefa que nos espera, para alcançarmos padrões dignos de uma civilização moderna e de uma sociedade mais justa, fraterna e livre.»

Mencionou depois que a vida agrícola lutava com graves problemas de estrutura, de orientação da produção, de adaptação ao meio da sua transformação, de domínio de novas e mais aperfeiçoadas técnicas agrárias, de comercialização dos seus produtos, de organização da lavoura.

O eng.º Alarcão e Silva prosseguiu, afirmando, a dada altura: «Insere-se porém a agricultura no nosso País num ambiente que ainda hoje é o de uma sociedade eminentemente rural, e também este se mostra em grave crise de adaptação a um mundo que progressivamente se vai urbanizando. As deficientes condições de vida nos nossos meios rurais estão na origem, também elas, de uma repulsão ou êxodo em foros de patológico. É evidente que at-

guma coisa se encontra mal na organização e vida das nossas zonas rurais, para que as «pessoas se mostrem inconformadas com a sua sorte» da forma como o vêm demonstrando e praticando. Um milhão de rurais entrou em êxodo dos seus espaços natais nos anos 40 a 60, e talvez que outro tanto se alcance no decénio agora em curso. A grandeza dos números é tamanha que se chega a hesitar na aceitação da veracidade dos dados de base. E, contudo, qualquer que seja a

do, suprir limitações com a simples vontade de vencer e singrar na vida.»

E, mais adiante: «Afirmando que para me tornar candidato a deputado á X Legislatura da Assembleia Nacional, não tive que me declarar pela chamada liberalização do regime, manifestando-me contestador de tudo e de todos quantos o serviram dedicada, leal e desinteressadamente, durante a longa vigência política do Presidente Salazar. Essa é uma das grandes realidades, e um ensinamento, a

dedo e de cor vermelha, ou negra, bandeiras simbólicas do comunismo e do anarquismo... Seria seu desejo, naturalmente, transferir para a Assembleia Nacional o estilo das barricadas de Paris, de Maio de 1968...»

«Queremos a politização mas conduzida com vista á integração na comunidade» — disse o dr. Melo e Castro

Encerrou a sessão o dr. Melo e Castro, de cujo dis-

curso nas culturas de abundância — tudo fará a União Nacional, por si e em cooperação com outros, para que o maior numero possível de cidadãos participe por intermédio das instituições representativas, nas grandes decisões que mais directamente tocam os interesses da Pátria; aspiramos sim a que, na mesma medida do progresso na cultura, na economia, no tecido social das solidariedades, também os portugueses, em numero crescente, se politizem, quer dizer, no sentido positivo, assumam crescentes responsabilidades de cidadania. Estamos em atualizada consciência de que esta politização tem, nas sociedades contemporâneas, predominante sentido social, de integração nos interesses colectivos, em divergência, já profunda, do tipo novecentista da participação individualista que, no excesso do partidismo, tantas vezes conduziu as pátrias a cindirem-se em monólogos paralelos, sempre em risco de se tornarem hostis e cruentos não poucas vezes.»

«Queremos a politização, a vida cívica generalizada, atenta e activa, mas com a condição limite de que a participação seja organizada e conduzida com vista á integração da comunidade.»

A concluir, o dr. Melo e Castro disse:

Eis como se apresenta a União Nacional ao eleitorado: firme na união de vontades livres, integrando, sem preconceitos, quantos quadrantes políticos sejam úteis ao interesse nacional, e oferecendo á reflexão dos portugueses os seus propósitos de apoiar, se eleitos, a política de Marcello Caetano — a um tempo de segurança e de esperança — sem abalo da paz social nem abandono do Ultramar, antes promovendo o desenvolvimento dos seus territórios e efectuando as reformas requeridas pela necessária aceleração do progresso.»

No final, a assistência vitoriosa dos Chefes do Estado e do Governo, Portugal ultramarino e as Forças Armadas e cantou o Hino Nacional.



Um aspecto da assistência á sessão no Tivoli

dimensão do erro, a enormidade do fenómeno do êxodo rural mantém-se, e acentua-se.»

Seguiu-se no uso da palavra a candidata D. Maria Raquel Ribeiro, que abordou questões de ordem social. A dada altura, disse:

«A mulher, cada vez mais consciente da própria dignidade humana, não sofre mais o ser tratada como um objecto ou um instrumento, reivindica direitos e deveres consentâneos com a sua dignidade de pessoa, tanto na vida familiar como na vida pessoal.»

CAZAL-RIBEIRO: «Não tive de me declarar pela chamada liberalização do regime»

O ultimo candidato a discursar foi o sr. Francisco do Casal-Ribeiro que, em dado momento, afirmou:

«Pensa-se ainda por cima, em certos sectores da Oposição ao regime, que tão desinteressadamente tenho servido, que sou um nababo — ou quase — quando só Deus sabe quanto tem sido dura a minha existência, quantas cansaças eu tenho tido para atingir uma posição que julgo justa e merecida para quem trabalha desde os 17 anos, tentando, perante si próprio, e acima de tu-

que não posso ficar indiferente e me dá a certeza de que a Revolução continuará...»

O orador referiu-se ainda á «vontade de quem coerentemente prossegue na defesa daquilo que simbolizava o Estado Novo, agora repudiado por tantos que o serviram, e até dele se serviram, enquanto os tempos não mudaram — segundo eles, claro está (...). Veja-se como coincidiu com a abertura do período eleitoral a cordial entrevista entre o secretário-geral da Internacional Comunista de Moscovo e o secretário-geral do chamado Partido Comunista Português (na clandestinidade). Instruções de ultima hora, para determinada oposição...»

Quase a terminar, o sr. Francisco do Casal-Ribeiro, dizendo que em certos sectores da oposição «reina a perplexidade por na lista da U. N. figurarem alguns administradores de empresas», afirmou:

«Pois, como se na Assembleia Nacional — o órgão político mais representativo do País — não tivessem lugar representantes do comércio e da indústria, forças vivas ao serviço do progresso da Nação! Queriam, talvez, apenas jovens contestatários; estudantes, operários (e porque não hippies?) certamente escolhido, a

curso reproduzimos os seguintes passos:

«Visamos um governo que continue eficaz, atento á autentica voz popular, balizado, ante o risco das utopias ou de ingenuos ou de obstinados (passadistas ou futuristas), balizado pela verdade dos diagnósticos, viabilidade dos projectos, disponibilidade efectiva dos recursos (financeiros, técnicos e socio-políticos). Quer dizer, os interesses tácticos eleitorais não nos toldam — não nos podem toldar a todos — a permanente atenção á superior estratégia a longa distancia dos interesses efectivos dos portugueses, dos portugueses de aquém e de além mar, isto é, dos portugueses de todas as etnias, todas as confissões religiosas, todos os níveis sociais. Eleições sim — e autênticas — mas para servir a Nação, não para contentar facções.»

«Segunda nota, complementar da primeira: — Desejamos que haja vida política neste País, que haja até vivacidade no confronto das opiniões, que cada vez mais, os altos órgãos do Estado possam espelhar a sociedade portuguesa, que é uma sociedade aberta, fraterna e plural; quer dizer, tomamos parte activa no combate á inércia cívica — mal de muitos países ou por pressão ou pelo grau at-



Rua Áurea, 202

LISBOA

MESAS-REDONDAS NA C.D.E. DO PORTO

PORTO, 6 — Inicia-se hoje, na sede central da C. D. E., uma série de mesas-redondas para tratar de problemas com que se debate o País. A mesa-redonda de hoje será sobre «A Economia Nacional», em que intervirão alguns economistas, entre os quais o candidato dr. Armando de Castro. Amanhã tratar-se-á da «Democratização da Justiça», sendo feitas várias comunicações pela comissão jurídica da C. D. E.

A sessão de propaganda da C.D.E. de Leiria

LEIRIA, 6 — Decorreu em ambiente do mais elevado civismo a sessão de propaganda dos candidatos oposicionistas deste distrito realizada no Hotel Euro-Sol, a que assistiram cerca de um milhar de pessoas. Presidiu o sr. dr. Afonso de Sousa, adeado pelos candidatos srs. dr. Vasco da Gama Fernandes, dr. José Henrique Vareda, Henrique José de Sousa Neto, eng.º agrónomo Jorge Manuel de Jesus Nogueira Silvestre. Chegaram mais tarde os srs. dr. Sérgio Ribeiro, que havia sido vítima de um acidente de viação entre Ancão e Pombal, felizmente sem gravidade, e o outro candidato, Aguiñaldo Espada Santos. No palco, junto à mesa, tomaram parte os membros das comissões concelhias deste distrito.

Falou primeiro o dr. Afonso de Sousa, que se referiu à ausência de direitos do cidadão português, à opinião pública e à imprensa, à situação do comércio e da agricultura, ao problema universitário, ao descrédito internacional, que a Oposição, com voz firme, serena, indómita, desinteressada, sem medo, vem trazer ao conhecimento público. A terminar o seu discurso, afirmou: «Mas quando se fizer a história do colapso que vimos atravessando, ver-se-á se as únicas flores de pura gratidão e saudade não serão aquelas que juncarão a memória dos sacrificados filhos da liberdade.»

Seguiu-se no uso da palavra o candidato dr. Vasco da Gama Fernandes, que, falando de improviso, disse que o público vem, também, de participar na mesma assembleia, com a sua presença activa e desinteressada. E para tema do seu colóquio escolheu o título «Portugal não é um Estado Moderno». Disse que o País se afastou do rumo que há cerca de 40 anos devia ter seguido, inspirado pelo sistema fascista e, em 1933, o dr. Salazar estabeleceu os números e as directrizes do Estado a que sempre se manteve fiel, passando a ser governado por um sistema híbrido, com uma Constituição que se limita a estabelecer leis que não se concedia. Afirmou que Portugal se foi afastando cada vez mais da modernidade, sem homens livres, passou a ser um país subdesenvolvido, assistindo-se agora à fuga para o estrangeiro de portugueses que não querem morrer de fome na sua terra.

O dr. Vasco da Gama Fernandes referiu-se, ainda, à P. I. D. E. e à censura à imprensa, recordou o general Humberto Delgado («cujas morte continua impune») e disse não ser a Oposição inimiga de Marcello Caetano, advertindo que há milhares de portu-

gueses que não se deixam vencer por promessas.

Falou, depois, o candidato eng.º Jorge Silvestre sobre problemas de ensino e, depois de analisar o estado deplorável deste sector da vida nacional, preconizou, em síntese a sua democratização: «escola gratuita dos 3 aos 7 anos; tronco comum dos 7 aos 18 anos de ensino gratuito, abolindo a 5.ª e 6.ª classes, o ciclo unificado e a actual distinção entre Liceus e Escolas Técnicas; democratização do ensino superior e dos Institutos de Investigação, autonomia universitária e democratização do funcionamento de todas as escolas a nível docente e discente, com plena participação de professores e alunos no governo das escolas, o que pressupõe a existência de organizações livres de estudantes e professores; formação de professores, seu aperfeiçoamento profissional e adopção de níveis de remuneração proporcionados ao seu trabalho e responsabilidades; democratização do comércio do ensino, que deve proporcionar os elementos ideológicos capazes de conduzir à reflexão e à prática dos ideais libertadores dos povos; apoio estatal do ensino infantil particular de maneira a tornar acessível o seu preço a camadas mais amplas; aumento imediato da escolaridade obrigatória nas 8 classes totalmente unificadas (mínimo internacionalmente aceitável); eliminação de todos os impostos que inóndem sobre a actividade pedagógica; eliminação das taxas cobradas pela previdência; aumento e actualização periódica dos vencimentos de todos os professores e criação de estágios remunerados; criação de Institutos Superiores de Ciências Pedagógicas, Sociais, Políticas e Administrativas».

«Portugal — País subdesenvolvido»

O dr. Sérgio Ribeiro começou por se referir a Manuel Guilherme de Almeida, aí presente, saudando-o em nome de todos os presos políticos, lembrando os 14 meses em que, com aquele, estivera detido pelas autoridades.

Entrando em considerações da sua especialidade, afirmou que Portugal é um País subdesenvolvido, focando as necessidades ao nível da alimentação, da fome e referindo-se à emigração.

Por sua vez, o candidato dr. José Henrique Vareda abordou aspectos da organização da campanha eleitoral, afirmando que a Democracia há-de ser alcançada através de uma luta constante.

Seguiu-se um breve colóquio em que os assisten-

tes fizeram várias perguntas. Quanto do crédito externo e seus encargos, o dr. Sérgio Ribeiro disse: «Não dispomos de elementos oficiais que nos permitam responder, porque não têm sido revelados por forma a merecerem confiança».

«Quanto aos encargos com a dívida pública, o seu montante aproxima-se dos três milhões de contos anuais». Acrescentou ainda que, em alguns anos, saem mais capitais para o exterior do que entram.



A presidência da sessão em Viseu

O comício eleitoral da Oposição Democrática na cidade de Viseu

VISEU, 6 — Reuniu algumas centenas de pessoas no Cinema Rossio, desta cidade, a primeira sessão de propaganda da Oposição Democrática que se integrou nas comemorações do 5 de Outubro e a que presidiu o sr. Mário Ferreira Matos, fazendo ainda parte da mesa os srs. drs. Augusto Saralva, Vitorino Namorado, eng.º Lino Rodrigues Moreira, dr.ª Maria Amélia Franco Alexandre, António Jorge Barroso de Almeida e Armando Ferreira dos Reis.

No palco, tomaram também lugar os oradores e candidatos srs. drs. Armando dos Santos Lopes, de Mangualde; Augusto César Anjo e Alvaro Monteiro, de Viseu; Jaime Gralheiro, de S. Pedro do Sul; Manuel Pereira Cardoso, de Lamego; Mário Gomes da Silva, de Santa Comba Dão; o estudante universitário Manuel Martins, de Penadono, e representantes de cada concelho.

O primeiro orador, dr. Armando Lopes, focou aspectos de política geral, afirmando que se deixou chegar a população de todo o país a um extremo desinteresse político.

Falando a seguir, o dr. César Anjo referiu-se à campanha eleitoral e afirmou, em nome de todos os candidatos:

«Se formos eleitos, defenderemos na Assembleia Nacional as liberdades e os direitos de cidadania. Queremos ser uma voz sem travões, a reclamar progresso e justiça para o povo do nosso distrito».

Os problemas regionais mereceram também a atenção do dr. Jaime Gralheiro, que usou da palavra a seguir e demonstrou as razões por que os agricultores vivem em más circunstâncias, que os obrigam a pro-

curar no estrangeiro melhores condições de vida.

Por sua vez, o sr. Manuel Martins deteve-se na apreciação dos empréstimos do Governo que considerou improdutivos, sem a contrapartida de utilidade económica para a Nação. Referiu-se ainda ao problema da cultura «que tem sido desvirtuada principalmente pela máquina repressiva do Regime».

«Não basta construir edifícios hospitalares

O orador seguinte, dr. Pereira Cardoso, abordou o problema «hospitalar — saúde-higiene», acen-

tuando que, por todo o País, há uma carência quase absoluta de protecção e assistência e que «tem de se dar aos médicos os elementos úteis e válidos para a sua actividade, não bastando edifícios hospitalares. Considerou que os doentes é que devem escolher os seus médicos e que a ninguém se devem impor consultas contra-relógio. Apontou ainda que, em Portugal, há um médico para 2777 habitantes, um enfermeiro para 4073 e uma cama para 482».

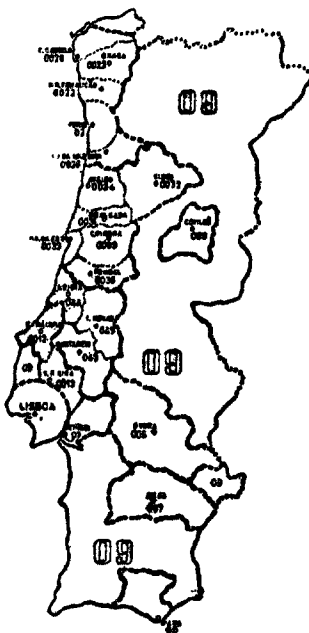
Usou depois da palavra o dr. Mário Silva que começou por proclamar, dirigindo-se às autoridades presentes que «nesta reunião não há subversivos

mas simplesmente homens dignos de viver por não fugirem à luta». Citou uma frase de Salazar, inscrita no soco da estátua em Santa Comba Dão («Quem não luta não é digno de viver») e afirmou: «a Oposição tem essa dignidade».

Finalmente, o dr. Alvaro Monteiro começou por recordar a sessão realizada há anos nesta cidade, sob a presidência do general Humberto Delgado. Referiu-se, depois, à Lei Eleitoral e à continuidade e evolução do Regime». Terminando por lembrar os horários do 5 de Outubro.

A sessão terminou com o Hino Nacional.

ADMINISTRAÇÃO-GERAL DOS CTT SERVIÇO TELEFÓNICO INTERURBANO AUTOMÁTICO



A partir do dia 6 às 24 horas os assinantes da zona de Lisboa com acesso ao Serviço Interurbano Automático para obter directamente os telefones do grupo de redes de Évora passam a marcar o indicativo 006 em vez de 06, seguido do n.º do telefone do assinante desejado.

EXTERNATO DO AEROPORTO

ENSINO INFANTIL PRIMÁRIO
Moradia circundada por aprazível jardim, com recreio de Inverno.
AV. GAGO COUTINHO, 162 — TELEF 72 70 71

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA NA C. D. E.

A Oposição de Santarém não admite a derrota

SANTARÉM, 4 (Do nosso enviado especial) — «Não admitimos a hipótese de não ganhar as eleições» — afirmou um dos candidatos pela Oposição de Santarém durante a conferência de Imprensa realizada na sede da Comissão Democrática Eleitoral do distrito. O mesmo candidato, dr. Antunes da Silva, explicou os motivos da sua afirmação.

— Em Santarém há, digamos, uma tradição quando da candidatura do general Humberto Delgado (cuja memória nos acompanha até à vitória final) foi possível ganhar neste distrito. Estamos certos de que se nos forem asseguradas as mínimas condições de legalidade levaremos os candidatos democráticos à Assembleia Nacional.

A pergunta que se seguiu sobre qual seria a atitude dos candidatos da C. D. E.

tónio Reis, o escritor Alexandre Cabral e o médico local dr. Fidalgo Pereira afirmou que «era um verdadeiro milagre o modo como a Oposição podia trabalhar». Esclareceu que eram levadas muitas dificuldades à organização comissões, chegando a imbuir-se a presença do representante da autoridade numa das reuniões.

Após a leitura da «Proclamação», o dr. Antunes da Silva informou que os candidatos haviam sido recebidos pelo governador civil do distrito, a quem haviam pedido a garantia

ganização da campanha democrática no distrito, o dr. Fidalgo Pereira afirmou que «era um verdadeiro milagre o modo como a Oposição podia trabalhar». Esclareceu que eram levadas muitas dificuldades à organização comissões, chegando a imbuir-se a presença do representante da autoridade numa das reuniões.

«Todo o distrito será a comissão eleitoral»

O dr. Fidalgo Pereira enumerou alguns problemas específicos da região: o problema do Vale do Tejo e o da reconversão da cultura tradicional da região nomeadamente disse que precisamente para o estudo desta importante questão tinham entre eles um engenheiro agrônomo (eng.º Blasco Hugo Fernandes), cuja inclusão na lista de candidatos não fo-

no distrito de Santarém. Considerou a política de saúde em Portugal católica, improdutiva e dispendiosa.

— O estatuto e o regulamento hospitalar criados recentemente pelo Governo servem apenas para encobrir as estruturas pobres do sistema de assistência — declarou.

Aludiu, seguidamente, às condições hospitalares no distrito, citando vários factos, entre os quais o de uma maternidade cujas janelas não se podem abrir, pois dão para um curral de porcos. Quanto aos edifícios disse que era muito bom no seu tempo — na Idade Média.

Referindo-se ao problema ultramarino a pedido de um representante da Imprensa, afirmou o eng.º Lino Neto:

— É necessário que se promovam os meios necessários para acabar com a luta armada.

Quanto às perspectivas da luta eleitoral, o eng.º Lino Neto afirmou:

— É possível que façamos tanto barulho que nos obriguem a calar pela força.

Finalmente foi abordado o problema da sobrevivência da Comissão Democrática Eleitoral, depois das eleições. Falou o dr. Antunes da Silva.

— As comissões são dissolvidas por lei, o que é uma injustiça, pois tal não sucede com a União Nacional. Acresce que as comissões têm assuntos a liquidar e não o poderão fazer, se não lhes for ao menos concedido um prazo para tal. A medida, aliás, não tem sentido. Se nós ganharmos as eleições, de facto, ficamos sem o apoio da Comissão Eleitoral, quer dizer nós legalizamos a nossa situação, mas a Comissão em nome da qual nos apresentamos, é ilegal!... Nessa altura, porém — acrescentou o dr. Antunes da Silva — todo o distrito de Santarém se constituirá em Comissão Eleitoral de apoio aos seus candidatos.

ACTUALIDADE ELEITORAL

HOJE, NO VASCO SANTANA

Primeira sessão da C. E. U. D. de Lisboa

Segundo refere um comunicado da C. E. U. D. de Lisboa, a sua primeira sessão pública de propaganda eleitoral realiza-se hoje, ó, pelas 21 e 30 horas, no Teatro Vasco Santana (à Feira Popular). Será presidida pelo dr. Gustavo Soromenho e serão oradores os candidatos Etelvina Lopes d'Almeida, Francisco de Sousa Tavares, Mário Bruxelas e Mário Soares. Falará ainda o estudante Luís Socrka Martins de Carvalho.

Os bilhetes poderão ser

requistados na sede da C. E. U. D. (R. dos Fanqueiros, 250, 4.º-Esq.) e como a lotação do Teatro é muito limitada, os pedidos atendem-se pela ordem de chegada.

Amanhã, pelas 21 horas, realiza-se um colóquio informal sobre temas políticos eleitorais no Centro Republicano Fernão Boto Machado, á R. do Paraíso n.º 1. A sessão será presidida pelo candidato Francisco Salgado Zenha e outros candidatos usarão da palavra.

A LIBERDADE RELIGIOSA

(Continuação da 5.ª pág.)

blica e «sem qualquer discriminação», só o consentimento daqueles que se julgam na União Nacional.

Em conclusão: as doutrinas democráticas que perfilhamos e queremos ver aplicadas no nosso País, estão em perfeita harmonia com a doutrina social da Igreja Católica.

Defesa de princípios

6 — É pois, de acordo com os nossos ideais que enunciamos os princípios que entendemos deverem estar na base das relações entre o Estado e a Igreja, princípios pelos quais lutaremos na Assembleia Nacional:

1) A Igreja Católica na tem a temer do triunfo da Democracia em Portugal.

2) A Democracia garante-lhe, e aos católicos individualmente, a liberdade no exercício da sua actividade espiritual.

3) Os poderes da Igreja Católica e do Estado Português devem estar separados segundo o princípio bíblico — «A César o que é de César e a Deus o que é de Deus».

4) Porém, o Estado Português não pode desconhecer que a maioria dos cidadãos portugueses é constituída por católicos, reunidos na Igreja Católica.

5) Isto impõe que as relações entre o Estado Português e a Igreja Católica tenham de ser reguladas através de uma concordata, cujas normas devem ir sendo actualizadas de harmonia com a evolução dos princípios, dos direitos e dos interesses de ambas as partes.

Os candidatos da C. D. E. (Lista D): António Marinho Dias, Eduardo Ribeiro Martins, Joaquim António dos Santos Simões, José Araújo Pereira Sampaio, Lino Carvalho de Lima e Maria Margarida Braga Malvar.

MINISTÉRIO DAS CORPORAÇÕES E PREVIDÊNCIA SOCIAL

DIRECÇÃO-GERAL DA PREVIDÊNCIA E HABITAÇÕES ECONÓMICAS

2.ª Repartição

AVISO

«Redistribuição de fogos nos bairros de casas de renda económica de OEIRAS, CARCAVELOS, PAREDE E CASCAIS»

1 — Torna-se publico que está aberto concurso, pelo prazo de 30 dias, a contar da data deste «AVISO», para distribuição de fogos vagos, e bem assim, dos que vierem a vagar, durante o período de validade do concurso, nos bairros de casas de renda económica de Oeiras, Carcavelos, Parede e Cascais, excepto para os agrupamentos da Torre e Madorna cujo concurso se encontra em vigor.

2 — A classificação dos concorrentes far-se-á de harmonia com as disposições do «Regulamento da distribuição das casas de renda económica».

Gozam de preferência na classificação os concorrentes que sejam beneficiários (ou casados com beneficiários) de Caixas de Previdência integradas na «Habitação Económica» — F. C. P. e trabalhem há mais de dois anos nos concelhos de Lisboa, Oeiras, Cascais e Sintra.

3 — Os requerimentos de habilitação ao concurso, por parte dos beneficiários (ou casados com beneficiários) de Caixas de Previdência, devem ser entregues até ao dia 3 (inclusive) do próximo mês de Novembro, nas respectivas instituições de previdência.

Os requerimentos dos restantes concorrentes devem ser entregues, dentro do mesmo prazo, no Serviço Informativo deste Ministério — Praça de Londres, 9 — Lisboa.

4 — Todos os esclarecimentos podem ser prestados nas Caixas de Previdência e no referido Serviço Informativo.

Lisboa, 4 de Outubro de 1969.



Durante a reunião dos candidatos da Oposição Democrática de Santarém com os representantes da Imprensa

de Santarém no caso de tal prognóstico se concretizar, respondeu a dr.ª Maria Barroso:

— Seremos porta-voz do Povo na discussão de todos os problemas que afectam os portugueses. Não nos ocuparemos somente dos problemas regionais, mas também os representantes do povo do distrito, reflectindo as suas reivindicações e interpretando os seus desejos, na sua maioria os desejos de todo o Povo português.

A lei eleitoral: «uma manta de retalhos»

A conferência de Imprensa assistiram todos os candidatos propostos pela Comissão Democrática Eleitoral de Santarém: além dos dois já referidos, o eng.º Lino Neto, o estudante An-

de igual comportamento em relação às duas listas que disputam as eleições, manifestando por outro lado o desejo de levarem a cabo uma campanha cívica, correcta e desenvolvida dentro da legalidade.

O dr. Antunes da Silva criticou, depois, as disposições da actual lei eleitoral, que considerou uma «manta de retalhos». Acentuou também que a Oposição só iria às urnas se não aparecessem entretanto novas condições consideradas inaceitáveis. Foi António Reis quem especificou a natureza dessas condições:

— Fundamentalmente, toda a repressão sobre o direito de reunião e de livre debate de todos os problemas, incluindo o problema ultramarino.

Interrogado sobre o modo como tem decorrido a or-

ra autorizada pelo governador civil Citou depois o problema da saúde, que, sendo nacional, tem particular incidência — afirmou

ITA U

INSTITUTO TÉCNICO DE ALIMENTAÇÃO HUMANA

Direcção de JÚLIO ROBERTO

CURSOS DE ALIMENTAÇÃO RACIONAL

— ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES —

Informações na:

Av. da República, 46-A, r/c., Esq.º — LISBOA

Telefones: 763307, 763201 e 763283



Da Oposição Democrática do distrito de Beja

O manifesto-programa da Oposição Democrática do distrito de Beja, ontem revelado em conferência de Imprensa, é do seguinte teor:

«Os candidatos à Assembleia Nacional da C. E. D. de Beja, mandatários da comissão eleitoral que os escolheu como seus representantes, regosijando-se pela consubstanciação na sua lista do veemente desejo de unidade do eleitorado democrático do Baixo-Alentejo, dirigem ao povo do seu distrito a seguinte proclamação, que traduz, em síntese, o seu programa nas reivindicações de base, que serão, se tal lhes for possibilitado, amplamente desenvolvidas e debatidas em sessões públicas de imprescindível esclarecimento e fraternidade oposicionista.

Como questão prévia, põem, à escala nacional a obtenção dos elementares direitos cívicos de reunião e de associação, de organização pluripartidária sem quaisquer restrições de ordem ideológica e política. Só através dessa organização se tornará possível a educação cívica do povo português na sua totalidade. Nenhum problema nacional pode ser resolvido sem a criação de instituições democráticas.

1 — Colocar frontalmente a questão da emigração, propondo sejam criadas para a população rural alentejana ou ausente no estrangeiro condições de trabalho compatíveis com a dignidade humana e em bases conducentes à instauração de uma sociedade de iguais oportunidades para todos. Fomentar paralela e correlativamente a implantação de indústrias, com sólidas infra-estruturas de ordem social e cultural e a mecanização da agricultura, com a necessária prudência.

2 — Tudo isto nos impõe a missão de lutarmos pela reforma agrária como único meio, digno, viável e actual, de realizar (através da criação de granjas cooperativas, apoiadas em empréstimos bancários e numa orientação técnica exercida por quadros competentes). A adopção das mais adequadas e mais rentáveis culturas, sobretudo pela extensão

do regadio, o desenvolvimento agropecuário e agro-industrial, a forma de enfrentar e extinguir o desemprego sazonal, a criação de infra-estruturas no Alentejo de apoio ao turismo do Sul do País, têm sido objecto de estudos para apressar o desenvolvimento económico, que deverão ser amplamente desenvolvidos. Aliás, a própria reforma agrária é questão que exige para a sua consecução a participação activa e interessada das populações a que mais directamente respeita.

3 — Pugar em relação a todo o País e particularmente no que se refere ao distrito de Beja por uma legislação que torne possível o livre acesso à cultura de todas as camadas sociais e grupos económicos, considerando como factor imprescindível de progresso a formação de quadros (de que a nossa terra tanto carece) sem restringir o ensino, em todos os seus graus, aos meios privilegiados (ou mantendo sequer as demarcações de origem social) tão nítidas no que se refere à 5.ª e 6.ª classes sem horizontes de continuidade, mas antes abrindo gratuitamente, mercê de uma planificação segura e humana, justa e democrática, aos filhos dos trabalhadores e criando para esse efeito as estruturas de apoio material que tornem possível tal empresa. Fomentar também a valorização profissional e cultural de operários e camponeses através de cursos intensivos, também gratuitos, de recuperação e de preparação acelerada, feita com autêntica sentido pedagógico e em moldes diferentes dos que entre nós, com evidente malogro, têm sido adoptados. Fomentar, a todos os níveis, a educação permanente da população, levando a cultura ao escritório, à oficina, ao campo, às sociedades recreativas, alargando a edição estadual de obras de divulgação científica e estética e criando bibliotecas populares em numero tão vasto quanto possível. Aumentar as unidades de ensino primário, liceal e técnico existentes no distrito, comprovadamente insuficientes, e criar um ensino pré-primário oficialmente inexistente.

4 — Defender os interesses dos empregados de escritório, funcionários públicos de escalão inferior, pequenos comerciantes e donos de pequenas oficinas, que as condições económicas do nosso País têm efectivamente proletariado e que sofrem amargamente a dureza do baixíssimo nível de vida português, sobejamente reconhecido por estatísticas internacionais.

5 — As classes trabalhadoras — operários fabris e agrícolas, empregados por conta de outrem (intelectuais e braçais) — têm vivido em regime de pura e simples mistificação dos seus interesses de classe, sendo-lhes apenas permitida, para defesa das suas reclamações económicas e profissionais (salários horas de trabalho, etc.) uma suposta associação em pseudo-sindicatos enfeudados, na realidade, ao patronato, através da acção dos grêmios. Não parece aos candidatos pela Oposição Democrática do Distrito de Beja que se tenha verificado alteração profunda desta situação, pois, se a eleição dos corpos gerentes dos Sindicatos deixou de ser objecto de aprovação superior, passou em contrapartida a depender de uma avaliação prévia da sua elegibilidade, com nítido carácter político.

6 — Há, ainda, no Baixo Alentejo, povoações, praticamente sem vias de acesso, cortadas quase por completo da civilização (que deveria ser também na nossa província, a do século em que vivemos), sem possibilidade de assistência médica ou de enfermagem em casos de emergência, sem defesa eficiente contra um incêndio, sem socorros públicos de nenhuma espécie, em suma vivendo ainda num atraso inominável, apesar dos transistores, que são o único veículo de comunicação com o mundo desses agregados sujeitos a desumanas condições de vida. Contra essa situação nos insurgimos, reclamando não só a rápida construção de uma autêntica rede de estradas nas zonas desse interior abandonado (o que teria a vantagem de empregar braços perdidos por longas terras) mas ainda um sério estudo das condições económicas dos núcleos populacionais alentejanos, pois sucede no Distrito de Beja ser tão baixo o rendimento da maioria dos habitantes de algumas localidades que até melhoramentos indispensáveis como a instalação da água ao domicílio ou a electrificação vêm onerá-los com despesas incomportáveis para o seu orçamento. Tudo isto pede ponderada, mas urgente, solução.

Entendemos, muito especialmente, quanto à nossa região, ser impossível conseguir o desenvolvimento económico sem os meios de contacto, de escoamento, de permuta que são naturalmente as vias de comunicação.

7 — A assistência médica ao rural alentejano, normalmente exercida através das Casas do Povo, resulta perfeitamente anacrónica e inoperante, já porque o beneficiário não tem direito a meios auxiliares de diagnóstico, como radiografias, análises, electrocardiogramas, etc., já porque o médico, com os reduzidíssimos meios de que dispõe, não tem possibilidade de acompanhar os progressos da medicina do nosso sé-

culo, confinando-se assim os beneficiários e suas famílias a uma medicina de fins do século passado, que quase se reduz à simples auscultação.

Nas suas transmigrações, dentro da província, condicionadas pela busca de trabalho noutras zonas, os rurais, logo que saem do seu concelho, deixam de usufruir os benefícios já de si bem magros que as Casas do Povo lhes proporcionam, visto haver uma total desarticulação entre as Casas do Povo de concelhos diferentes. Isto significa que no caso de uma doença aguda que surja nesses locais de trabalho, o sócio da Casa do Povo terá de gastar numa hora as suas estreitas economias conseguidas à custa de inúmeros sacrifícios e desconfortos, pois é-lhe forçoso recorrer em tal transe a um médico particular, custeando também ele próprio a medicação na sua totalidade. O problema dos internamentos assume um carácter extremamente grave, dado que os doentes perdem muitas vezes a oportunidade de uma correcção eficaz da sua doença pela longa espera a que a falta de vagas nos hospitais os obriga. Tal divórcio entre as necessidades do rural e a medicina que lhe é fornecida só pode encontrar remédio eficiente se aos trabalhadores for assegurado o direito a uma medicina moderna sem limitações de cunho económico, aquilo de que, de facto, o doente necessita. Esse é o sentido da nossa campanha no terreno de uma assistência médica completa que em todos os homens reconheça e respeite a mesma dignidade humana.

8 — É necessário fazer um estudo do aproveitamento das riquezas do subsolo do Distrito e da sua transformação.

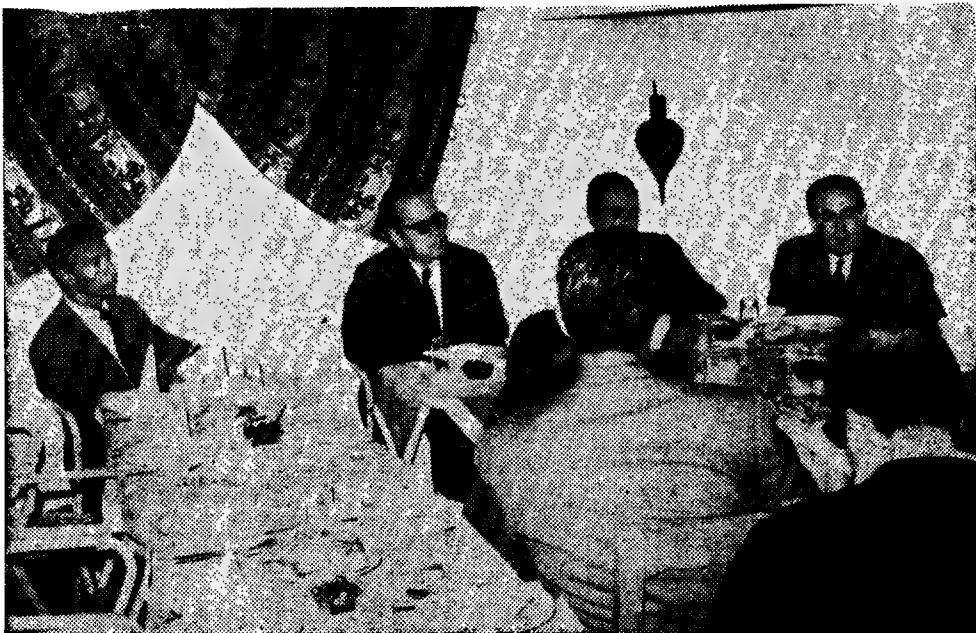
Tal estudo deve ser orientado no sentido da criação de indústrias metalúrgicas e químicas que, impedindo a exportação das matérias-primas, fixarão as populações, forçadas a emigrar. Aljustrel tem hoje uma grande colónia de emigrantes e, no entanto, as centenas de milhares de toneladas de pirites, anualmente extraídas das suas minas são enviadas para outras zonas do País ou, em grande parte, exportadas.

9 — Estabelecer relações diplomáticas com todos os países, sem discriminações de natureza ideológica, impróprias de um País civilizado e que se pretende de mentalidade e cultura cristã. Essa abertura do nosso País ao convívio com nações de todo o Mundo pode e deve traduzir-se em relações culturais e económicas que logicamente virão enriquecer o povo português tanto espiritual como materialmente.

Os candidatos da C. E. D. de Beja comprometem-se, no caso de virem a ser eleitos deputados, a sujeitar a sua actuação na Assembleia Nacional a uma ampla auscultação e debate dos interesses das populações do distrito, de modo a que efectivamente as suas intervenções naquela Câmara tenham profunda e autêntica expressão democrática.

António Coelho da Costa
António Barreto Areosa Feio
Celso Garrido Pinto de Almeida
Urbano Augusto Tavares Rodrigues»

A conferência de Imprensa dos candidatos da C.D.E. de Beja



Os candidatos da C. D. E. de Beja, drs. Urbano Tavares Rodrigues, Celso Pinto de Almeida e Aníbal Costa, e o eng.º Areosa Feio, durante a conferência de Imprensa dada em Beja, na qual comunicaram a sua proclamação ao povo do distrito

BEJA, 6 — Os candidatos da Oposição Democrática pelo círculo de Beja — dr. Aníbal Coelho da Costa, eng.º António Areosa Feio, dr. Celso Pinto de Almeida e dr. Urbano Tavares Rodrigues — reuniram-se nesta cidade com os representantes da Imprensa local e dos jornais de Lisboa e Porto, aos quais entregaram o texto da sua «Pro-

clamação ao Eleitorado», que publicamos noutro lugar. Durante o encontro, foram trocadas impressões e os candidatos responderam a algumas perguntas que lhes foram postas.

A C. D. E. de Setúbal vai fotocopiar os cadernos eleitorais

SETUBAL, 6 — Na sede da C. D. E. houve anteontem à noite uma sessão de trabalho ao nível distrital, que esteve muito concorrida e animada, prologando-se até pelo da madrugada de ontem. Presidiu o candidato dr. Tavares da Cruz.

Foram expostos e dis-

cutidos vários casos relacionados com a campanha em curso e ficou resolvido solicitar novas entrevistas ao chefe do distrito para fins da mesma campanha.

A C. D. E. local está em negociações com casas da especialidade para conseguir fotocópias des-

ses documentos fundamentais.

Por último foram marcadas algumas sessões de propaganda: para hoje no Barreiro, depois de amanhã em Almada, no dia 15 em Setúbal e em data a designar no Lavradio, Balxa da Banheira, Alhos Vedros e Moita.



Um aspecto da mesa que presidiu à sessão pública efectuada ontem pela C. E. U. D. no Coliseu do Porto

A C. D. E. DO PORTO COMEMOROU O 5 DE OUTUBRO

Os regimes não mudam com a substituição dos dirigentes»

— disse o dr. Armando de Castro

PORTO, 6 — Mais de mil pessoas estiveram na sessão realizada anteontem pela C. D. E. para comemorar a data de 5 de Outubro. Muitos jovens e senhoras associaram-se à reunião, que decorreu de forma entusiástica na sede principal do movimento, ao Largo Ferreira Lapa.

O amplo recinto de 900

metros quadrados encontrava-se vistosamente decorado. Nas paredes, servindo de pano de fundo, uma bandeira do extinto Centro Democrático de Instrução Dr. Alves da Veiga (1907), encimada por um retrato do antigo Presidente da República dr. Afonso Costa; e ainda outras do Centro Militão Barbedo e do Centro Ordem e Progresso, que tiveram existência legal nesta cidade até 1926. Viam-se igualmente cartazes com os seguintes disticos: «Comissão Democrática do Porto — frente de luta de todo o Povo», «A Democracia é conquista de todos», «O Povo unido vencerá» e «Votar é um direito e um dever».

A sessão foi presidida pelo eng.º Mem Verdial, ladeado pelos candidatos da C. D. E. e por três outros representantes oposicionistas: Domingos Gomes dos Santos, de Braga, eng.º Santos Pato, de Aveiro, e dr. José Luís Nunes, da C. E. U. D. do Porto.

Depois de o eng.º Mem Verdial ter aberto a sessão com palavras evocativas, falou o candidato Francisco Hortas, para afirmar a certa altura:

— A revolução de 5 de Outubro só pôde resultar vitoriosa pela unidade então estabelecida no Povo português, identificado numa luta comum contra a opressão e dominação duma minoria burguesa. Decorridos 59 anos sobre esta data histórica, o Povo português encontra-se de novo empenhado numa luta de unidade, que só pôde vencer pela consciencialização e tomada de posições.

Perante um dos mais graves problemas da sua História.

Substituição das estruturas

O orador seguinte foi: o dr. Armando de Castro, que terminou a sua intervenção declarando:

— Os regimes não mudam com a substituição dos seus dirigentes, mas sim com a substituição das suas estruturas. E é por isso, que nós não dizemos apenas que defendemos o progresso social,

Usaram ainda da palavra o eng.º Virínia Moura que leu uma mensagem de D. Maria José Ribeiro, da C. D. E., e dirigiu saudações aos delegados das comissões da Oposição presentes; o candidato Joaquim Felgueiras, que se referiu longamente ao 5 de Outubro; e o dr. Nuno Teixeira Neves candidato da C. D. E., por Bragança, que pôs em destaque algumas contradições do regime republicano e prestou homenagem aos revolucionários do 5 de Outubro.

Foi lida também uma mensagem da C. D. E., de Aveiro, (pelo eng.º Santos Pato) e por sua vez o candidato Zefirino Coelho leu a «Resposta-caria à U. N.» e o dr. Alberto Teixeira de Sousa procedeu à leitura de uma mensagem da C. D. E. de Braga.

Seguidamente entrou se num período de respostas às perguntas que alguns assistentes tinham formulado.

Encerrou a sessão, que decorreu dentro do maior civismo, o eng.º Mem Verdial, após o que os presentes entoaram com vibração o Hino Nacional.

EVOCACÃO DO 5 DE OUTUBRO PELA C. E. U. D. DO PORTO

Diversos oradores fizeram críticas à política governamental

PORTO, 6 — «Se nós possuímos a certeza das forças invencíveis da nossa esperança, das razões exactas da nossa justiça, das motivações reais do nosso direito, conquistaremos nas urnas a consagração dos nossos ideais, anseios e esperanças — afirmou o dr. António Macedo, no início da sessão comemorativa do 5 de Outubro realizada no Coliseu do Porto pela C. E. U. D.

A maior sala de espectáculos da cidade encheu-se de uma assistência entusiasta, que vibrou intensamente com as afirmações produzidas pelos oradores oficiais. Uma cortina, a toda a dimensão do «céu», com as cores da bandeira portuguesa, servia de pano de fundo. No centro destacava-se o escudo nacional, do qual pendia um cartaz com a fotografia do general Humberto Delgado e a legenda «O Homem Sem Medo».

Na mesa da presidência tomaram assento o dr. António Macedo, ladeado pelo coronel Hélder Ribeiro e eng.º Mem Verdial, e, ainda, os candidatos da C. E. U. D. e o dr. José Cardoso e jornalista João Arnaldo Maia, candidatos da C. D. E., além de representantes das Comissões Executiva e de Apoio da C. E. U. D.

A abrir, depois de entoadado o Hino Nacional, falou o dr. António Macedo, que disse da sua esperança e saudou todos os que se empenham na campanha eleitoral, incluindo nesse número todos os candidatos, aos quais admirava, «pela cora-

gem e devotamento ao serviço público». E apelou para o eleitorado no sentido de votar pela Oposição, isto é, pela democracia e pela liberdade política e económica.

O segundo orador dr. João Araújo Correia, evocou as figuras do general Humberto Delgado e do dr. Ramos de Almeida, e deteve-se nos problemas da fiscalização eleitoral e do recenseamento. Afirmando em certo passo:

— Se, na realidade, houvesse da parte do Governo uma vontade sincera de garantir a genuinidade do sufrágio até ao âmago das urnas, teria sido fácil ao legislador promulgar medidas que impedissem aos presidentes das mesas a ajuda sobre a decisão de tudo o que se passar, muito principalmente a contar os votos como é do vosso direito.

E acrescentou:

— Positivamente, o Governo não está interessado em recensear toda a população com direito a voto.

Seguiu-se no uso da palavra o dr. Olívio França, que se referiu à abolição das liberdades elementares dos cidadãos; e o dr. José Luís Nunes, que fez uma longa denúncia do estado policial e do clima de insegurança que foram as constantes do Governo de Salazar, constantes, aliás, vigentes, e produziu algumas considerações sobre o problema ultramarino.

O penúltimo orador, dr. Artur Santos Silva, focou problemas de ordem regional, lembrando a assistência que, durante estes últimos 43 anos, o Porto se viu ampu-

tado das muitas coisas que por justiça lhe eram devidas, pelo que esta cidade se poderia considerar como que uma «campeã do sacrifício». Referindo-se mais de perto ao momento eleitoral, sublinhou:

— As fraudes eleitorais sucessivas criaram no Povo um estado de ceticismo e desinteresse pela actividade política e pelo exercício dos direitos civis.

Quase no limite do tempo concedido pelas autoridades, falou o dr. Mário Cal Brandão, que se viu obrigado, por esse facto, a reduzir o seu discurso. O último orador abordou temas de ordem política, nomeadamente o próximo acto eleitoral.

No final, o dr. António Macedo leu uma mensagem da C. D. E. do Porto, de apoio à unidade democrática. Entoadado o Hino Nacional, a assistência dispersou em boa ordem.

A romagem ao cemitério do Prado do Repouso

Promovida pela C. D. E. e pela C. E. U. D., realizou-se, ontem, a já anunciada romagem ao cemitério do Prado do Repouso, a que se associaram representantes de to-

das «correntes democráticas». Mais de um milhar de pessoas tomou parte na manifestação.

Junto ao monumento «Aos vencidos do 31 de Janeiro» usou da palavra o dr. Carlos Cal Brandão, que fez o elogio da República, lembrando, porém, que as ideias do 5 de Outubro precisam de ser readaptadas.

A seguir falou o dr. Oscar Lopes, que fez uma análise histórica da República e se referiu ao momento político actual. Por fim, falou o dr. Armando Baceilar, que disse que «a democracia já está implantada no Povo».

O dr. António Macedo pediu um minuto de silêncio em homenagem aos mortos da República.

Seguiu-se uma romagem aos túmulos de António Luís Gomes, Abel Salazar, Duarte Leite, Henrique Cardoso e Eduardo Santos Silva, onde foram depositos ramos de flores.

Manifestação na Praça da Liberdade

Cerca das 12 e 30, numerosos grupos concentraram-se na Praça da Liberdade, junto à estátua do rei D. Pedro, dando vivas à República, à liberdade e à democracia. Aproveitaram, ainda, o ensejo de o trânsito se processar com certa morosidade para colocarem disticos nos automóveis, encimados com os dizeres «Votai no Povo». Cerca de 40 minutos demorou a concentração, até que alguns carros da P. S. P. começaram a parar nas imediações, levando os manifestantes a retirarem-se ordenadamente, mas continuando a gritar: «Liberdade», «República», «Democracia». Não se registaram quaisquer alterações na ordem pública, dado o elevado civismo dos manifestantes.

O almoço da C. E. U. D.

Centenas de democratas que dão o seu apoio às candidaturas da C. E. U. D. reuniram-se ontem na Casa do Ribatejo para um almoço de confraternização que decorreu por entre o maior civismo e fervores democrático e patriótico e teve a presidência do dr. José Magalhães Godinho.

Presidiu o dr. José Magalhães Godinho, que ti-

nha a sua direita a sra. D. Isabel de Vilhena, dr. Ramon de La Féria, sra. Manuela da Silva Magalhães Godinho e capitão Vilhena e à sua esquerda a sra. D. Marieta Ribeiro dos Santos, David Ferreira, escritora Etelvina Lopes de Almeida e dr. Ribeiro dos Santos.

No final falaram os drs. José Magalhães Godinho Adão e Silva, Armindo Rodrigues e Mário Soares. E ainda o nosso camarada de redacção dr. Raul Rego, Etelvina Lopes de Almeida, dr. Abílio Mendes, capitão Carlos Vilhena o dr. Ramon de La Féria que sublinharam a necessidade e os propósitos democráticos de conseguir um Portugal melhor, onde todos caibam e todos possam participar na solução dos graves problemas que o afectam.



MESA REDONDA

A SELECÇÃO DE FUTEBOL NA HORA DECISIVA

A equipa representativa de Portugal joga, no domingo próximo, em Bucareste, importante encontro com a Roménia. O desfecho desse desafio pode consti-

rio de Lisboa». Já anteriormente alardeara o mesmo saudável optimismo nos futebolistas que escolhera, a mesma confiança que agora denunciou: «Tínhamos uma

DR. JOSÉ MARIA ANTUNES, OPTIMISTA: «O que mais me impressionou foram os desaires de todas as equipas romenas nas provas europeias»

tuir o desabar de todas as ilusões portuguesas de participação na fase final do Campeonato Mundial de Futebol, no México. Mas uma vitória da turma de Portugal pode fortalecer, ainda mais, as esperanças numa presença, que muitos chegaram a considerar como inacessível.

O «responsável» pelo «onze» de Portugal, dr. José Maria Antunes, falou ao «Diá-

equipa já em boa forma, a do Sporting. Tínhamos a base, portanto. Era só esperar que os jogadores dos outros clubes a alcançassem também. Eles não tinham desaprendido de jogar o futebol—justificou-se.

(Entrevista de ENCARNÇÃO VIEGAS na página central)



QUEM É MOURA

...que, afinal, se chama Teixeira, é de Amaran-te, joga no Boavista e comanda a classificação de marcadores no «Nacional» de futebol (página central).



Lembram-se dele?

Jimmy Johnstone, o pequeno mas extraordinário extremo-direito do Celtic que entusiasmou Lisboa quando da final Celtic-Inter, está em grande «forma» e foi ontem, o «rei do jogo» em que a sua equipa venceu a do Raith por 7-1, para o campeonato da Escócia. O publico português não tardará a tê-lo de novo, no Estádio da Luz, na eliminatória que opõe o Benfica ao campeão da Escócia.



SPORTING EM PARIS —4-0 AO RED STAR

PARIS, 6 — Com quatro golos marcados na segunda parte, o Sporting Clube de Portugal venceu ontem o Red Star por 4-0, golos de Gonçalves (3) e Pedras.

Numerosa assistência, quase toda constituída por portugueses, presenciou o jogo, em que as equipas alinharam:

RED STAR — Laudu; Bacquet, Ferrié, Monnin e Garigue; Herbert e Ahach Gomez, Vergne, Fariasrias e Fauré.

SPORTING — Carvalho; Bastos, Armando, José Carlos e Ce-

lestino; Gonçalves e Pedras; José Morais, Lourenço, Marinho e Oliveira Duarte.

Depois do intervalo, Dani, Chico e Dinis entraram para os lugares de Morais, Lourenço e Marinho, e mais tarde Oliveira Duarte foi substituído por Orlando.

A equipa portuguesa teve dificuldades no primeiro tempo, mas no segundo dominou a seu bel-prazer. Gonçalves, Pedras, Armando e Dinis foram os melhores portugueses.



CONCURSO HÍPICO INTERNACIONAL DE LISBOA

Está a disputar-se o 58.º Concurso Hípico Internacional Oficial de Lisboa, o mais importante certame da modalidade jamais realizado em Portugal. As pri-

meiras jornadas decorreram com grande animação, mas as provas de maior interesse estão ainda para chegar.

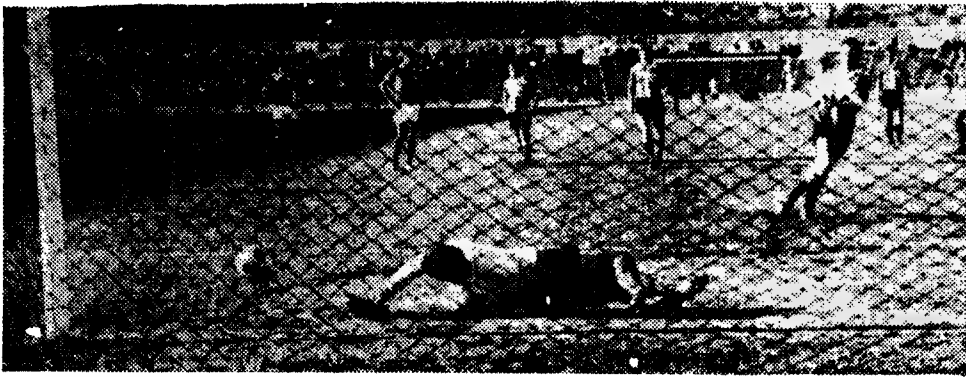
(PÁGINA 2)

III RALLYE INTERNACIONAL TAP —160 CONCORRENTES NA PROVA DE ESTRADA PORTUGUESA DE MAIOR PROJECCÃO

(página 8)



Tony Fall e o «Lancia Fulvia» venceram o «rallye» do ano passado, apesar da forte oposição de Paddy Hopkirk. Este ano voltam às estradas portuguesas. O conjunto irá «bisar»?



Começou o campeonato de reservas da A. F. L., com o jogo Belenenses-Benfica, no Restelo. Os benfiquistas venceram por 3-0, golos de Aguas (2) e Abel. Nesta foto: Nascimento defende um «penalty» apontado por Rodrigues

Taça de Portugal Seis empates

Disputaram-se ontem os encontros da segunda eliminatória da Taça de Portugal. Jogos em uma só «mão». Em número de trinta. Houve alguns que terminaram empatados, ainda que se tornasse necessário um prolongamento de trinta minutos. Terão, agora, para desempate, de repetir-se, mas nos campos dos clubes que ontem foram visitantes.

Entre clubes das II e III Divisões houve equipas que estiveram em evidência, como, por exemplo, as da A. D. Fafe, Chaves, Vianense, Desportivo de Beja, União de Leiria e S. C. Alba, que per-

tencem ao escalão menor. Publicamos a seguir os resultados:

Entre clubes das II e III Divisões

Penafiel-Marinhense ...	4-1
Famalicão-Gouveia	2-1
Leça-Tirsense	1-2
Vizela-Acad. de Viseu ...	2-3
Montijo-Peniche	3-0
Farense-Seixal	3-1
Lusitano Évora-Luso ...	0-2
Oriental-Tramagal	5-1

Entre clubes da II e III Divisões

Ala-Arriba-Torres Novas	4-5
Sanjoanense-Vila Real ..	3-0
A. D. Fafe-Sp. Espinho	1-0
G. D. Chaves-Salgueiros	1-1

Vianense-Beira Mar	0-0
Desp. Beja-Sesimbra ...	0-0
Sintrense-S. C. Estrela	1-0
C. Branco-U. Santarém	0-1
U. Leiria-Portimonense..	0-0
Torriense-Portalegrense.	5-1
Atlético-C. da Piedade...	3-0
U. de Lamas-S. C. Alba	1-1

Entre clubes da III Divisão

Desp. das Aves-Riopele	3-2
S. C. Régua-S. P. Cova	1-2
Sp. Covilhã-U. Coimbra.	0-1
Marialvas-Sp. de Lamego	1-2
Rio Ave-Avintes	2-0
Juventude-Olhavense ...	1-3
N. 1.º Maio-Sacavenense	2-1
Silves-Casa Pia	2-2
V. da Gama-Algés	2-1
Nazarenos-Odivelas	1-0

Tudo quanto tem sido dado presenciar até agora, aos desportistas portugueses (não queremos dizer aos adeptos do hipismo) terá sido um arremedo de concursos hípicos. Baralham-se espanhóis com italianos, belgas com suíços e portugueses com franceses e o público logo começa a sentir-se confundido para escolher um favorito, para descobrir qual será o melhor conjunto. Para o conseguir... a dificuldade é tremenda. E, agora, voltadas duas jornadas as dificuldades subsistem. Elas não bastaram para um juízo certo. E apontemos um exemplo em quem conhece o conjunto cor. Henrique Calado/«Lord» Robert foi simplesmente extraordinário; ontem nem se classificou. É evidente que só quem conhece o conjunto pode julgá-lo. Perante estas exibições ninguém mais o conseguiria.

Por isso não queremos arriscar juízos. Deixemos correr o Concurso. Que o cap. italiano Raimond d'Inzeo está a revelar boa regularidade, não oferece dúvidas; que Jean Marc Nicolas, ainda há dois ou três meses, actuando como junior, tem à sua frente largo futuro no

HIPISMO NO CAMPO GRANDE

Duas jornadas de invulgar interesse no C. H. I. O. de Lisboa

hipismo francês, é outra certeza; que a equipa espanhola é a melhor que desde há anos nos visita, é uma realidade. Mas, supor que outros conjuntos até agora em segundo plano, não serão capazes de vir ainda a dar melhor conta de si é que se nos afigura estultícia. Dos portugueses há muitos nomes a salientar: os do cr. Henrique Calado e do major Neto de Almeida.

LEONEL MIRANDA 7.º lugar em Fourmies

FOURMIES, 6 — O ciclista português Leonel Miranda disputou ontem o «Grande Prémio» desta cidade, na distância de 238 km e teve comportamento francamente satisfatório ao obter o 7.º lugar, integrado num grupo que cortou a meta apenas a escassos 25 segundos do vencedor, o belga Rony Dewitte, que fez o percurso em 5 h e 57 minutos.

A classificação final da prova, até ao 15.º, foi a seguinte:

1.º, Rony Dewitte (Bélgica), 5 h 57 m; 2.º, Krekels (Holanda), a 20 s; 3.º, Stevens (Holanda), a 22 s; 4.º, Melktnbecke (Bélgica); 5.º, Van Roosbroek (Bélgica); 6.º, Montfere (Bélgica); 7.º, Leonel Miranda (Portugal); 8.º, Schepers (Holanda); 9.º, Pintens (Bélgica); 10.º, Jansen (Holanda); 11.º, Houbrecht (Bélgica); 12.º, Van Katwyck (Holanda); 13.º, Van Cognisloo (Bélgica); 14.º, Dolman (Holanda); 15.º, Leblanc (França), todos a 25 s.

MOTONÁUTICA ALVES BARBOSA (Mercury) ganhou as «2 horas de Cascais»

Organizada pelo Clube Naval de Cascais realizou-se ontem uma prova de resistência de 2 horas, disputadas em duas regatas. Registou a prova um número de concorrentes relativamente pequeno conquanto as condições em que se disputou tivessem sido boas, sobre um percurso com três rondagens, duas frente ao Clube Naval e uma outra frente ao Tamiz.

A vitória absoluta á distância veio a pertencer a Manuel Alves Barbosa com um «Cormoran» de fabrico próprio equipado com um motor Mercury de 125 HP, sendo também o vencedor da classe SN. Na vitória de índice foi triunfador António Feu (81 voltas), vencedor também na classe SE, em que se lhe seguiu A. Sousa Pinto (66 voltas) e Sérgio Ribeiro Teles (58 voltas). Alfredo Baptista Rodrigues, desta vez com um motor menos potente (100 HP), teve que contentar-se com o 2.º posto da geral e a vitória da classe SI (83 voltas), em que lhe seguiu Luís Ramalho (66 voltas) e Mário Gonzaga Ribeiro (58 voltas).

A classe SD foi ganha pelo jovem José Figueiroa Rego (48 voltas), seguido de Arnaldo Vitória (32 voltas).
MARIA DO CÉU.

As classificações até ao 5.º nas quatro provas já disputadas foram as seguintes:

Prova «Banco Fonsecas & Burnay» — 1.º, Jean Marc Nicolas (Fr.) no Isola Bella; 2.º, Duque de Aveiro (Esp.) no «Triumphante»; 3.º, Alfonso Segovia (esp), no «Sunshires»; 4.º, maj. Piero d'Inzeo (It.), no «Fresciano»; 5.º, ten. Gama, no «Esporas».

Prova «Banco Pinto & Sotto Mayor» — 1.º, cor. Henrique Calado, no «Lord Robert»; 2.º, cap. Raimond d'Inzeo (It.), no «Bellevue»; 3.º, maj. Neto de Almeida no «Joc de L'Ille»; 4.º, Monica Bachmann (Suíça), no «Erback»; 5.º, J. Alvarcz Bohorques (Esp.), no «Sableuse».

Prova «Datsun» — 1.º, Marquês de Artasona, no «On Dit» e Duque de Aveiro, no «Vilaya»; 2.º, cap. Paul Weyer, no «Wildfeurs» e Monica Bachmann, no «Erback»; 3.º, Jean Damman, no «Vasco da Gama» e Hervé Daou, no «Inch Allah».

Prova «Tabaqueiras» — 1.º, Afonso Segovia (Esp.), no «Roquello»; 2.º, Jean Bauckert (Bélg.), no «Orient»; 3.º, cap. Raimond d'Inzeo (It.), no «Bellevue»; 4.º, maj. Neto de Almeida, no «Joc de L'Ille»; 5.º, Stefano Caril (It.) no «Friesenkönig».

DIAMANTINO DIAS

GRUNDIG

Oferece a todos os jovens, com o serviço militar cumprido e que tenham conhecimentos de electrónica, boas possibilidades de futuro, assegurando-lhes sólida formação profissional e excelentes remunerações.

A selecção dos candidatos far-se-á em Lisboa, Porto ou Braga, conforme os respectivos locais de residência.

A todos aqueles que porventura vivam fora de Braga e aí vierem a ser colocados, assegurar-se-á um subsídio mensal de deslocação, independente do ordenado que lhes fôr fixado com base nos conhecimentos demonstrados.

Salientam-se ainda as francas possibilidades de rápida promoção.

Enviar as respostas para as moradas mencionadas conforme os locais de residência:

— Nacional Rádio S. A. R. L.

Rua «A», à Rua Sacadura Cabral—Cruz Quebrada—Lisboa-3

— Soc. de Rep. Santos, Guimarães & Oliveira, S. A. R. L.

Rua do Casino da Ponte 189—Vila Nova de Gaia

— Grundig Electrónica Portugal, Lda.

Braga

The Antiquary

De Luxe
Old Scotch
Whisky



Sinal de
verdadeira
distinção

ALTERADAS AS REGRAS, INALTERÁVEL O «ESPÍRITO DO JOGO»

PERSPECTIVAS
DO «NOVO RÂGUEBI»

• Por JOSÉ BENTO DOS SANTOS

TREINADOR PORTUGUÊS DIPLOMADO EM FRANÇA

No remanso de um fim-de-semana, passado para as bandas do cabo Carvoeiro, em breve período de descanso, após os afoados meses de exames, pude rever, em memória, alguns factos curiosos para quem tiver o gosto da análise e o bom senso de não se deixar impressionar por ideias arcaicas e ultrapassadas, que tantas vezes fazem fé nesta nossa boa terra.

Aliás o clima fresco do «céu quase sempre nublado», imposto ao cabo Carvoeiro, propicia uma calma de espírito, difícil de encontrar em locais mais soalheiros do Sul do País, onde a intensidade dos raios solares, extraordinariamente benéficos ao bronzamento, conduzem por vezes a visões esquisitas ou até apagam imagens outrora fixadas na retina, o que é francamente prejudicial a quem, tendo o gosto da análise, pretende, honestamente, contribuir para um futuro melhor do nosso desporto, tendo sempre em vista, mas tanto dentro como fora do campo de jogo, «la beauté du jeu».

*

A quando da realização dos Campeonatos Nacionais Universitários, uma noite cultural foi preenchida com a peça «A esfera facetada», do Teatro Nacional D. Maria II, actuando no Capitólio. Embora muitos convites tivessem sido distribuídos, foram poucos os atletas participantes interessados na representação.

E pena foi que muitos perdessem esta peça do autor português Nuno Moniz Pereira, que, ao falar dela, diria que, para se tratar de um assunto, dois métodos há a seguir: ou se lê tudo o que há publicado sobre o dito assunto, ou se pensa muito nele.

Julgo ser possível conjugar um pouco os dois pontos. Esquecer os livros já amarelados, que apenas servem para aumentar o comprimento da lombada da biblioteca, e tomar atenção à bibliografia mais actual, ao mesmo tempo que se medita, cuidadosamente, no assunto.

Isto é, sobretudo, válido num desporto como o rãguebi, que há alguns anos a esta parte tem vindo a sofrer alterações constantes das regras, que, naturalmente, influenciam o padrão de jogo.

E, tendo em conta que nos países como a França ou a Grã-Bretanha, a África do Sul ou a Nova Zelândia, dezenas de entusiastas se dedicam ao estudo destes problemas, parecia que nos bastaria a leitura das suas conclusões para as aplicarmos às nossas equipas.

Surge aqui o verdadeiro trabalho do treinador, que não pode copiar aquilo que lá fora se faz, pois não tem bases para a sua aplicação entre nós, mas sim ADAPTAR ao caso português os mais diferentes problemas e novidades, pois, como em todas as coisas do mundo, também existem modas no próprio rãguebi.

Mas como seria descabido tentar impor a latinos, habituados ao sol quente do Algarve, «modas» originais na loira e frígida Albion!

Foi Pierre Conquet quem, no seu extraordinário livro «Contribution à l'étude technique du rugby», encimou o 2.º capítulo, «Espírito do jogo», com a máxima de Rabelais: «Science sans

conscience n'est que ruine de l'âme».

*

A nova época é uma época importante na história do rãguebi.

As regras, à parte algumas alterações que irão pesar, seriamente, no cariz do jogo, foram completamente refundidas, tornando-se mais acessíveis ao leitor.

Em todo o mundo se iniciam estudos, para que novas tácticas se adaptem com maior eficiência ao novo regulamento.

Teremos — e queremos — uma evolução constante pró-rãguebi, embora com princípios assentes numa verdade imutável: O ESPÍRITO DO JOGO.

Também nos anos anteriores (1967 e 1968) houve alterações importantes com intenção de favorecer o rãguebi de ataque. São elas, entre outras de somenos importância, as conhecidas «regras do maul» e do «pontapé à touche», que alteraram muito do que até àquela data tinha força de lei.

A lição é proveitosa, e vale a pena atentarmos um pouco nela.

Embora se pretendesse favorecer o rãguebi de ataque, verificou-se que nem sempre esse objectivo era atingido apenas com as modificações existentes.

Favorecendo as novas regras em princípio, o chamado «rugby à la française», constata-se que o «quinze» de França conheceu, este ano, uma das suas épocas mais difíceis, bem como o Lourdes, que, sendo campeão de França em 1968 e a equipa-padrão do rãguebi francês, não passou em 1969 dos dezasseis avos de final.

Por outro lado, foi Bélgica, o campeão de França em 1969, que, sob a orientação inteligente do grande Moga e do pequeno Marrens baseou o seu jogo no «contre», isto é, uma espécie de contra-ataque, mas desenvolvido já para lá da linha de defesa adversária.

Tecendo estes mesmos comentários, o semanário francês «Midi Olympique» (jornal exclusivamente dedicado ao rãguebi) fez um inquérito entre os «patrões» do jogo em França. Esse inquérito intitulava-se «Para revalorizar o rãguebi de ataque», e basea-

va-se nas seguintes perguntas:

- Má organização ou abuso dos «mauls»?
- Técnica insuficiente de atacantes?
- Trabalho do «arrière» insuficiente?

São, realmente, estes três pontos as razões fundamentais do fracasso de algumas equipas que, pomposamente, pretendem praticar rãguebi de ataque, com relevância para o primeiro. Na verdade, na final do Campeonato de França, o favorito Stade Toulousain, abusou tanto dos «mauls», que, no dizer de um dos entrevistados,

(Continua na 6.ª página)



Rãguebi: a beleza do esforço

NÃO VIAJE PELA
VARIG

É tão bom acordar às
seis da manhã!

E sair estremunhado com o dia ainda escuro. Ou precipitar-se para o aeroporto na hora de ponta matinal (onde foram parar os táxis?). Viajar mal disposto, dormir na poltrona, chegar entorpecido.



VIAJE PELA

VARIG

Linhas Aéreas Brasileiras

Mesmo que a festinha de despedida tenha prolongado, você tem a manhã para refazer-se e revisar sua bagagem, cuidar dos últimos detalhes, chegar com toda a calma ao aeroporto. Os horários da VARIG são cómodos (e sempre coincidem com as refeições). Viaje civilizadamente. Pela VARIG.

E aproveite um pouco
mais a sua cama.



Nelson chuta, Eusébio assiste — chuta Eusébio, assiste Nelson

O TREINO DAS SELECÇÕES

Máscara de tranquilidade sobre a face da preocupação

Domingo, dez horas, no Estádio Nacional — treino das selecções de futebol. «A» e de «Promessas». Manhã luminosa e quente. Um sorriso de Outubro, deste Outubro esperançoso para o futebol português. Ao nível de clubes não podia desejar-se melhor, com uma vitoriosa saída da primeira eliminatória das competições europeias.

Trinta jogadores presentes, o seleccionador dr. José Maria Antunes, os treinadores Juca e Peres Bandeira, e o coordenador federativo Silva Pereira.

Vinte e oito aptos para o trabalho. Dois incapacitados — o sportinguista Peres e o leixonense Barros, ambos lesionados.

Peres sofre de uma micro-rotura na coxa. Barros tem um entorse tibiotársica. As perspectivas de recuperação são animadoras. Já tomarão parte no treino individual de hoje e amanhã, à tarde (15 horas) no Jamor, no último treino de conjunto dos «A» serão submetidos a um teste definitivo.

Cada conjunto deslocará 16 jogadores. Portanto, se Peres não se recompuer da lesão, terá de ser chamado outro elemento. Gonçalves, Máximo e Jacinto João ainda têm hipóteses, já que o setubalense Carriço se lesionou na Roménia.

Depois das habituais palestras do responsável e dos exercícios de aquecimento, alinharam duas equipas no terreno.

A selecção «A», equipando de amarelo, formou inicialmente do seguinte modo: Damas; Pedro Gomes, Humberto Coelho, Caló e Hilário; Rolando e José Maria; Nelson, Torres, Eusébio e Simões.

Portanto ensaio da formação 4x2x4.

A selecção das «Promessas», envergando camisola «grenat», alinhou: Botelho; Tomé, Alinho, Cardoso e Murça; Rui Rodrigues e Arlindo; Vitor Baptista, Mário Campos, Guerreiro e Diamantino.

Na segunda metade do treino foram introduzidas algumas alterações nos dois grupos.

Na selecção «A», Armando e Conceição substituíram Damas e Pedro Gomes, respectivamente. Alexandre Baptista entrou para o lugar de Humberto e este foi preencher a vaga deixada por Caló que recolheu aos vestiários. Na linha média Toni entrou para o lugar de José Maria, o qual, por sua vez, passou a ocupar o lugar de Torres, que deixou o terreno.

No «onze» das «Promessas» duas substituições apenas: Aníbal entrou para o lugar de Botelho e Neca substituiu Mário Campos.

O treino teve a duração total de uma hora e seis minutos e terminou com dois golos para cada lado.

Na primeira parte, com 35 minutos, Eusébio e Torres marcaram aos 14 e 18 minutos, respectivamente.

Aos 20 minutos do «segundo tempo», na marcação de um «penalty» a punir falta de Alexandre Baptista sobre Vitor Baptista, Rui Rodrigues reduziu a diferença e aos 31 minutos Vitor Baptista com um remate bem colocado, estabeleceu a igualdade. E logo a seguir a este tento Juca deu o treino por findo...

A sessão de conjunto foi bastante agradável. A equipa «A» exerceu claro ascendente na primeira parte, principalmente porque as «promessas» lho consentiram.

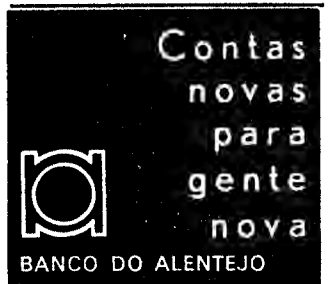
No segundo tempo, porém, as «promessas» passaram a oferecer melhor réplica e o treino tornou-se também mais movimentado.

Os aspectos mais marcantes do treino: confirmação da capacidade da defesa «leonina» reforçada com Humberto Coelho; regular nível de produtividade do «binário» Rolando-José Maria; a versatilidade do ataque, onde Nelson se encaixa muito bem nos movimentos do trio benfiquista Torres-Eusébio-Simões.

No que respeita às «Promessas», a defesa não decepcionou com Botelho mais seguro e aplicado que Aníbal e Tomé, Alinho, Cardoso e Murça, muito certos na colocação. A linha média oscilou, sobretudo pelas hesitações de Arlindo, e no ataque todos muito activos, mas Diamantino, sem dúvida, o mais ameaçador.

Já no final do treino as direcções tiveram a visita do director-geral dos Desportos, dr. Armando Rocha, o que deu oportunidade a uma breve troca de impressões entre aquele dirigente, o seleccionador e os jornalistas presentes.

GUITA JUNIOR



A CHAVE DO TOTOBOLA

Saragoça-R. Sociedade..	1
Maiorca-Sevilha	2
Elche-Pontevedra	1
Celta-At. Marid	X
Barcelona-At. Bilbao ...	1
Granada-Sabadel	1
Bolonha-Palermo	1
Brescia-Bari	X
Cagliari-Lazio	1
Lanerossi-Fiorentina ...	2
Roma-Inter	1
Sampdoria-Juventus ...	X
Torino-Nápoles	2



DR. JOSÉ MARIA ANTUNES:

«TEREI DE DIZER SIM SE ME CONVIDAREM A CONTINUAR»

... «Mas continuarei a pugnar para que dentro da Federação sejam profissionais a tratar dos assuntos do futebol»

«Não vale a pena sangrar-nos em meados de Setembro o dr. José Maria Antunes, seleccionador nacional de futebol quando o mau começo de época de quase todas as equipas portuguesas fazia tanger as campanhas da descrença.

Agora, porém, que todas as representações portuguesas nas competições europeias ultrapassaram, com indiscutível mérito, a primeira eliminatória das provas a que concorreram; agora que voltam a ecoar os cantos chilreantes da esperança sobretudo depois que o Vitória de Setúbal «esmagou», em Bucareste, o representante da Roménia, exatamente do país com quem a selecção de Portugal terá de «medir forças» no próximo domingo, em jogo decisivo (para a turma portuguesa) da fase preliminar do Campeonato Mundial; agora que começam a desfazer-se as nuvens ameaçadoras de borrasca que pareciam comprometer irremediavelmente os destinos do futebol português apeteceu-nos perguntar ao dr. José Maria Antunes o que então nos parecia despropositado: Porquê esse optimismo, doutor?

— Começa sempre tarde — respondeu-nos o seleccionador — a preparação das nossas equipas. E como os nossos jogadores não têm grande fundo físico tardam mais a entrar em forma.

E no ambiente de serenidade que se respira em Vale de Lobos onde se concentram as selecções «A» e de «Promessas» o dr. José Maria Antunes prosseguiu:

— Ora nós tínhamos uma equipa já em forma excelente para o que é habitual nesta altura da época: a do Sporting. Tínhamos portanto a base. Bastaria saber esperar que jogadores de certo nível e classe, de outros clubes, adquirissem a boa forma que poderíamos surgir de repente, até porque eles não tinham desaprendido de jogar o futebol. Podia-se, portanto, admitir ser possível constituir um «team» nacional capaz de satisfazer as nossas aspirações.

O comportamento do Vitória de Setúbal não contribuiu também para fortalecer o optimismo que o seleccionador, aliás, sempre tem demonstrado?

— Para além desse êxito — retorquiu o seleccionador — o que mais me impressionou foram os desaires de todas as equipas romenas nas provas europeias. Isso revela que o futebol romeno não atravessa um bom momento. É um facto concreto. Agora, o que eles poderão fazer, no capítulo de recuperação, até ao dia do jogo, já é uma incógnita.

E após uma pausa: — De qualquer modo penso que foi benéfico para a selecção portuguesa o desfecho do jogo dos setubalenses com o Rapid, de Bucareste, assim como os resultados de todos os outros

encontros, nos vieram transmitir a certeza de que subiu o rendimento de nossos jogadores.

Equipa já esboçada, doutor?

— «Temos um sector que nos dá plena garantia de coesão e eficiência.

O do Sporting, claro... — Sim, o do Sporting — confirmou o seleccionador — mas dadas as boas acções de Humberto Coelho temos de admitir a hipótese da sua integração no compartimento da retaguarda sportinguista.

(Aqui o dr. José Maria Antunes, apesar de todas as cautelas, ter-se-á traído: recordou-nos que o par Humberto Coelho-Caló já jogara lado a lado na selecção de juniores).

E continuando a expor o seu pensamento:

— É um problema do seleccionador. Mas um problema agradável, pois, para além da reconhecida eficiência do quarteto «leonino», o «responsável» conta com mais dois excelentes jogadores capazes de robustecê-lo: Humberto Coelho e Conceição.

E o meio-campo?

— Conto com quatro homens para formar um terço ou um binário, segundo as necessidades: Toni, José Maria, Rolando e Peres. E como podendo fazer substituições, as exigências do desafio ditarão aqueles que deverão ser utilizados. Para a linha dianteira... — A situação é a mesma — interrompeu o seleccionador. — Quatro homens para três posições: Simões, Nelson, Torres e Eusébio.

E suplentes?

— Jacinto João, Máximo, Gonçalves, Rui Rodrigues e Celestino para substituir Carriço que se apresentou lesionado.

Enquanto a selecção dos «consagrados» trava duelo de «vida ou de morte» pelo distante (mas latina) Roménia, a equipa de «Promessas» enfrentará no mesmo dia, idêntico agendamento, representante da França. O que pensa o seleccionador nacional deste encontro?

— Que ele, como aliás todos os encontros de ca-

racterísticas semelhantes, são altamente benéficos:

1.º — Porque é o processo de manter em actividade os jogadores, numa altura em que qualquer paragem pode ser-lhes prejudicial no caminho para a melhor forma;

2.º — Dá aos jogadores mais rotina de jogos internacionais constituindo mais um teste das suas aptidões.

3.º — Permite uma observação que possibilita qual-



Torres conduz o esférico — as v apoia o lance do companheiro

quer hipótese de chamada à equipa principal.

Esclarecendo:

— Neste jogo com a França que eu a princípio solicitara se realizasse ao nível de equipas «B», por sugestão dos nossos adversários poderemos utilizar futebolistas com mais de 23 anos. Daí a provável integração de jogadores considerados da turma «A» que eu prefiro utilizá-los a tê-los no banco dos suplentes.

Prolongara-se a «conversa» com o seleccionador que indiferente a críticas, se tem dedicado com o maior carinho à conquista do «visto» para o Mundial do México. Já a despedir-nos atirámos de chofo:

É hábito a função do seleccionador terminar com o mandato da direcção da F. P. F. Admitindo, doutor, que se mantém as nossas pretensões de disputar a fase final do «Mundial» e consi-



Hilário, Eusébio, Baptista, José Maria, Caló e Torres, no primeiro momento da concentração

O «LEADER» DOS MARCADORES DA 1.ª DIVISÃO

É DE AMARANTE CHAMA-SE TEIXEIRA MAS CHAMAM-LHE MOURA

Um sonho lindo conseguir algo melhor do que Eusébio e outros de reconhecida classe — diz Moura



Ninguém desdenharia, embora apenas com quatro jornadas disputadas, ocupar o primeiro lugar na lista dos marcadores do «Nacional» da I Divisão de futebol. Porque de uma proeza se trata, na razão directa de que o jogador e o clube não são nomes dos mais sonantes do nosso futebol (o jogador é um neófito em andanças da I Divisão e o clube recém-primodivisionário) registamos o depoimento de António de Carvalho Teixeira. Joga no Boavista. É ponta-de-lança. Presentemente é o «rei dos marcadores». Nome de «guerra»: «Moura» — familiar e futebolisticamente falando (diz-nos ele que lá na vila de Amarante de onde é natural a sua família é conhecida pelos «Mouras», sem que possam explicar a origem da alcunha).

Do Amarante ao Boavista
(via F. C. Porto, Sp. Espinho
e Sp. Luanda)

«Moura» iniciou-se no Amarante de onde transitou como junior para o F. C. do Porto. Foi transferido para o Sporting de Espinho e já como sénior regressou ao Amarante para depois ingressar no Boavista, sempre em regime de empréstimo pois estava vinculado ao F. C. do Porto. Veio a vida militar e foi destacado para Angola onde representou o Sporting de Luanda, impondo-se como «goleador». O contrato que liga presentemente «Moura» ao Boavista é pelo período de um ano findo o qual ficará livre, posto que na última época foi dispensado definitivamente pelo F. C. do Porto.

Atenção ao jogo e «ir a todas»
— segredo do «goleador»

— A que atribui o facto de ser presentemente o melhor marcador?
— Em primeiro lugar respondo ao entusiasmo com que me entrego à luta, o que aliado à minha pujança física e adiantado período de preparação, me permitem «ir a todas» mesmo quando os

adversários se convencem de que não tenho probabilidades de me apossar da bola. Luto até ao fim, procurando pôr em todos os meus esforços a máxima correcção. Outro aspecto que não desprezo, é uma atenção constante ao jogo e uma certa intuição para «adivinhar» os lances devolvidos pela defensiva contrária, mórmente quando cabeceados pelos defesas, ou defendidos para perto pelos guarda-redes. E continua: «Tirocinei» em vários clubes e já adquiri alguma experiência que me têm servido para conseguir alguns golos que «pedem» reflexos prontos para a concretização adequada. E denunciando seriedade nas suas palavras acrescenta:

— Não repare na imodéstia, mas é assim mesmo. Nos lances de ataque organizados claro que a colaboração dos companheiros é indispensável, e na nossa equipa tenho tido a felicidade de contar com companheiros também pujantes, como são o Lemos e o Osvaldo (Osvaldo vai fazer muita falta à equipa nos dois jogos que apanhou de castigo). O facto de distinguir estes dois, de modo nenhum pretendo subestimar o valor e utilidade dos restantes, pois todos trabalhamos para o bem comum, que é servir o Boavista o melhor possível.

Eusébio & Comp.^a
surgirão na altura própria...

A outra pergunta, «Moura» respondeu com euforia:

— Naturalmente que me sinto muito satisfeito pelo lugar que ocupo na lista dos marcadores. Vivo de momento esse sonho lindo, mas numa prova que, sobretudo, exige regularidade de actuações e confirmação de valor dos jogadores e equipas, os Eusébios, os Nelsons, os Pintos e outros consagrados, surgirão para se fixarem nos lugares da vanguarda dos marcadores, que, creio, que transitariamente, ocupo. Não me deslumbro com a posição actual, nem desanimarei logo que me veja ultrapassado nesta posição. Tenho 24 anos. Saberei lutar contra o infortúnio, e o que me interessa, acima de tudo, é trabalhar pelos interesses do clube. Eu e os meus colegas temos a rodear-nos uma massa associativa admirável e um treinador (António Gama) exigente, mas de uma compreensão que conta em cada atleta um verdadeiro amigo. Vivemos um ambiente saudável, o que também tem constituído um dos factores principais da nossa prometedora carreira.

Golos em todos os jogos

A uma outra pergunta obtemperou:
— Reconheço que não terei defrontado as melhores defesas, ou, por não ser um jogador famoso, tenho encontrado certas facilidades. E o facto é que tenho marcado golos em todos os desafios. É possível que, de futuro, reparem mais em mim e me sujeitem a uma marcação mais estreita.

Generalizando:

— A defensiva mais bem organizada que defrontei foi a do Vitória de Setúbal, e o adversário directo mais difícil o Almeida, do Barreirense.

A finalizar afirmou-nos:

— As nossas aspirações, como é de calcular, são limitadas. O nosso objectivo principal é o de evitar a descida de Divisão, mas estou firmemente convencido de que o Boavista conseguirá fixar-se entre o oitavo e o décimo lugar — concluiu.

O futuro dirá até que ponto se concretizarão os anseios do fogoso dianteiro «axadrezado», o melhor marcador do Nacional da I Divisão após quatro jornadas e seis golos no seu activo.

ANTÓNIO ABED



O CAMPO DE FUTEBOL DO FUTURO (SEM LAMA, NEM NEVE, NEM GELO)

GELSENKIRCHEN — O campo de futebol do futuro, utilizável em qualquer altura sem preocupações com as condições do tempo, acaba de ser apresentado por uma empresa de construções de Gelsenkirchen, no Ruhr. Os engenheiros desta firma, que se mantêm fiéis aos relevados naturais, concluíram a seguinte instalação: cerca de 700 cubas de 3,5 por 3,5 metros, atadas de pedra

britada e separadas por pequenos intervalos, constituem a camada inferior do terreno. O conjunto é coberto de terra, procedendo-se depois normalmente à implantação da relva. A água da chuva escoia automaticamente para as cubas, conservando-se ali uma parte para a irrigação subterrânea e sendo o restante evacuado através de canalizações. No caso de neve ou gelo, um

dispositivo de emissão de ar quente, posto a funcionar 24 horas antes de um encontro, permite «secar» o terreno e torná-lo praticável.

A firma assegura que as experiências efectuadas nos últimos dois anos em Gelsenkirchen foram concludentes. As despesas suplementares que tal instalação implica são calculadas em 600 000 marcos (4300 contos).

«...CONTINUAR»

Federação
de futebol»

derando que em breve terminará o mandato dos actuais órgãos sociais da Federação, o que pensa quanto ao futuro, se lhe solicitarem que continue, no seu posto?

O dr. José Maria Antunes não espera o ataque. Deixa-se. Depois, quase sem necessidade de reflectir, retorquiu:

— «Quando me convidaram, foi para a campanha do México. Portanto terei



As vistas de Rolando que
companheiro de selecção

que responder «sim». Mas continuarei a pugnar pelo que disse quando tomei posse: conseguir que dentro da Federação sejam profissionais a tratar dos assuntos do futebol. Este, ao actual nível internacional tem exigências que se não compatibilizam com amadorismos.

E a finalizar:

— Na Federação há já dois técnicos profissionais. Bom seria que houvessem mais para se dedicarem a campanhas de divulgação nos clubes da província e ultramarinos; a efectuar colóquios com outros treinadores. Enfim, a contribuir para a melhoria do futebol nacional. A isto é que eu chamaria «tomento do futebol» e não à oferta de meia dúzia de bolas e equipamentos. Para que servem estes se os praticantes não tiverem quem lhes ensine?

E. V.



no primeiro plano, parecem pensar já no jogo com a Roménia. Ou será apenas consciência das responsabilidades?

PERSPECTIVAS DO «NOVO RÂGUEBI»

(Continuação da 3.ª página)

Maurice Savy (tesoureiro-geral da F. I. R. A. e da F. F. R.). «Stade Toulousain trabalha de tal maneira as suas bolas que se pergunta o que é que pretenderá fazer delas...»

Por isto que aconteceu no último jogo da época, a final da Taça de Portugal, pleno de ilações, para quem, como se disse no princípio, tiver o gosto da análise.

O C. D. U. L. apresentou-nos, mais uma vez, o seu jogo carregado de «mauls», absolutamente inofensivos, dada a facilidade de defesa deixada ao adversário. O «maul» só em casos excepcionais, como seja, por exemplo, após perfuração profunda de avançados, poderá servir de arma de ataque pelas linhas atra-

sadas. Antes será, normalmente, uma fachada protectora dos médios para um «dégagement en touche», ou, quando muito, para uma tentativa de «pontapé de ressalto».

Técnica insuficiente de atacantes (2.ª pergunta do inquérito) e trabalho do inquérito insuficiente (3.ª pergunta) completam o quadro de uma equipa teoricamente favorita, por ser mais experiente e de melhor valia técnica individual.

Mas uma equipa é uma equipa, e há mais que contar do que o trabalho individual de cada jogador. Existe, ainda, a mentalização, o modo de jogo, o jogo de conjunto, em suma, a estratégia, que pode ser superior à do adversário e suficiente para eliminar a diferença técnica.

Pois de outro modo ser-nos-á impossível compreender que uma equipa como o C. D. U. L., valendo em campo uma vintena de pontos mais que o seu antagonista (segundo o pensamento de alguns responsáveis do nosso râguebi) possa ter sido batida, a menos que a orientação dada fora do terreno a ambas as equipas compense a diferença dos vinte pontos, isto é, ter-se-á de acreditar que a tática ensinada ao Técnico valia, pelo menos, vinte e um pontos mais que a ministrada ao adversário.

No entanto, a explicação do facto é, sumamente, fácil.

Observando que um jogador do Técnico, Luís Lynce, tinha qualidades excepcionais para um determinado tipo de jogo, o

Técnico não hesitou em fazer modificações na estrutura da sua equipa, passando o seu médio de abertura para segundo centro. De acordo com as formas mais modernas de jogo, este passou a ser um lugar-chave, desde que se disponha de um jogador indicado para o lugar. É o caso do Bégles, campeão de França, com o extraordinário Trillo, o melhor jogador francês do «contre» e um fabuloso marcador de ensaios.

Luís Lynce tem todas as possibilidades para ser um Trillo português. E bem as demonstrou.

Actuando, portanto, segundo uma orientação perfeitamente «à la page», foi fácil ao Técnico superar um adversário que lhe é normalmente superior.

Poder-se-ia apontar que ainda havia as jogadas à volta da «melée» (normalmente denominadas jogadas da 3.ª linha) nas quais o C. D. U. L. é exímio. Mas é o nosso bom amigo Marcel Batigne (presidente da F. I. R. A. e vice-presidente da F. F. R.) quem observa, na entrevista dada ao inquérito do «Midi Olympique», que, «equipas com jogo monocórdico à volta e ao nível da «melée», sujeitam-se a que um observador astuto venha a descortinar o sistema, pelo que ver-se-á, assim, uma equipa perfeitamente desamparada».

E, mesmo com o grande «handicap» de os exames no I. S. T. começarem a 2 de Junho e a final da Taça ter sido no dia 1 desse mês, precedida de uma viagem a Coimbra extenuante no domingo anterior, o Técnico apresentou-se em campo com a tática indicada para este tipo de jogo e disposição suficiente para a aplicar.

Na verdade, nós estamos habituados, por comodismo mental, a deixar que as coisas evoluam lá fora, para depois as aplicarmos às nossas equipas.

Andamos atrasados um ano ou dois, mas, como o meio é diminuto, esses pequenos modernismos importados têm foros de grandes inovações.

É, realmente, raro encontrar alguém que se dedique ao estudo completo dos problemas de tal maneira que possa ver a aplicação simultânea das mesmas soluções entre nós e em países onde o râguebi está, infinitamente, mais desenvolvido.

É raro, mas, sobretudo, é encorajador, crer que assim o râguebi português caminhará sempre para a frente, numa aproximação cada vez maior aos outros países.

Como diz Marcel Batigne, «il faudrait donc aussi penser à développer la matière cérébrale autant que le muscle».

Seja-me permitido apenas um reparo ao jogo do C. D. U. L.: a sua utilização abusiva de «mauls», fazendo parte de uma tática preconcebida e quase invariável de jogo para jogo, repetindo, ultimamente, exibições contínuas deste estilo, esquecendo que só se poderá falar de tática em relação a determinado jogo, que variará consoante a equipa a defrontar, sendo, realmente, pena pelo

passado que ostenta e pelo que revela de atitude mental errada, perante um jogo que o maior dos maiores estrategos de todos os tempos definiria lapidariamente: «rugby is an intelligent game».

É esta filosofia, aliás, que tem permitido a equipas como a A. E. I. S. Técnico a ascensão prodigiosa de ano para ano, melhorando continuamente o seu padrão de jogo e contribuindo decisivamente para o progresso do râguebi nacional.

Quem, há seis anos, afirmava ser uma loucura a formação de uma equipa de râguebi no I. S. T. terá, com certeza, a maior satisfação em ver esta jovem equipa bater-se com outras equipas muito mais antigas e, sobretudo, reparar na preocupação constante de actualização, fim principal da orientação que sempre lhe tem sido ministrada.

Vai começar a nova época. Deixemos o passado e reparemos melhor no presente.

Um novo livro de regras, completamente refundidas, vai ser publicado.

Teremos de nos adaptar da melhor maneira. Não podemos ficar à espera das conclusões emanadas do estrangeiro.

O râguebi português precisa de evoluir por si. Temos de criar o nosso próprio râguebi. Com personalidade.

Temos de pensar para vencer. Para juntarmos à alegria da vitória a satisfação de vencermos por nós próprios.

Vão, também, surgir novas equipas. Equipas que surgirão do nada. Nem recursos materiais, nem, também, adeptos a quem tenham de justificar ou negar a possibilidade de tentativas de conquistas de novos títulos.

Jogadores. Só jogadores que pretendem divertir-se, praticando um salutar desporto.

Jogadores com «spirit», sobre os quais vingam as grandes equipas.

Equipas que pensem e trabalhem, dando um pouco ao râguebi, em paga do que tanto ele nos dá!

JOSÉ BENTO DOS SANTOS

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL

COMPAE 69/DSM

Faz-se publico que na Secretaria da Comissão do Plano de Aquisições do Exército da Direcção do Serviço de Material, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 180, 3.ª, em Lisboa, se encontra aberto o Concurso Publico seguinte:

CONCURSO N.º	CAUÇÃO PROVISÓRIA	AQUISIÇÃO DE	ABERTURA DE PROPOSTAS	
			DATA	HORA
22PAE/69	100 000\$00	Viaturas Auto TG Urbano Comercial de 4 a 5 ton. (4x2) c/ duplo comando e sobressalentes.	19DEZ69	15.30 h.

O respectivo Caderno de Encargo pode ser consultado todos os dias úteis das 14 às 18 horas e aos sábados das 10 às 12 horas.

As propostas devem ser entregues até às 15 horas do dia acima marcado para a abertura das mesmas.

Lisboa, 2 de Outubro de 1969.

Pelo Presidente da COMPAE69/DSM,
JOSÉ MANUEL TOJEIRO QUINTÃO
Ten-Cor. Eng.º SM

AUTO-MONUMENTAL DO AREIRO, SARL

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREIRO)TELEFS.727654-727665-713057

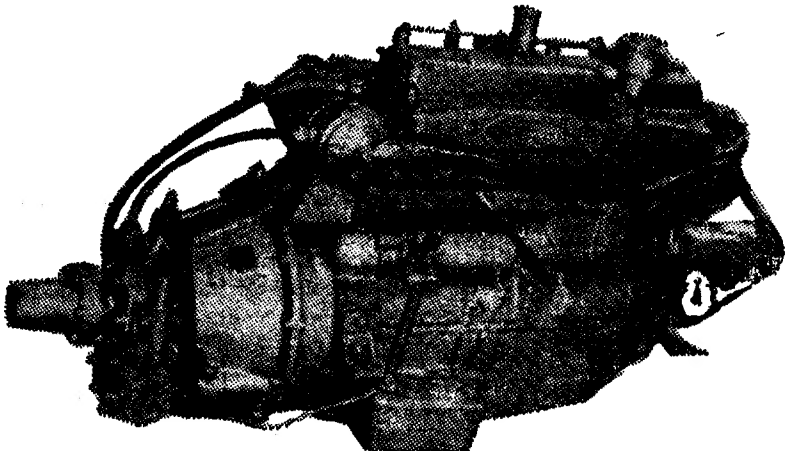


estação de serviço
peças legítimas
e oficinas
carros novos e usados
com garantia
facilidades
de pagamento,

PERKINS DIESEL

A MARCA QUE CRIA UM AMIGO EM CADA CLIENTE
MOTORES MARÍTIMOS de 3, 4 e 6 cilindros ★ 21 a 124 S. H. P.

★ Grande stock de peças para estes motores



Consultem os DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL:



AUTO-INDUSTRIAL

S. A. R. L.
LISBOA — AV. DUQUE DE LOULÉ, 93 — TEL. 562551 — COIMBRA — LEIRIA — PORTO
ESTORIL — AV. DE NICE, 4 — TEL. 263396 — CALDAS DA RAÍNSHA — SANTAREM
— TORRES VEDRAS

PASSAPORTES

Obtenha seu passaporte por intermédio da
AGÊNCIA TURALGARVE
Rua Luciano Cordeiro, 6-C
Tel. 53 82 40 — LISBOA

MAIOR PERFEIÇÃO
MAIOR BELEZA

RELÓGIO SUIÇO
CAUNY

NIVICO
(RCA — VICTOR DO JAPÃO)

QUALIDADE DESDE 1927
ELECTRÓNICA
HI-FI • STEREO • GRAVADORES
RÁDIOS • TV • DISCOS • CASSETES

Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



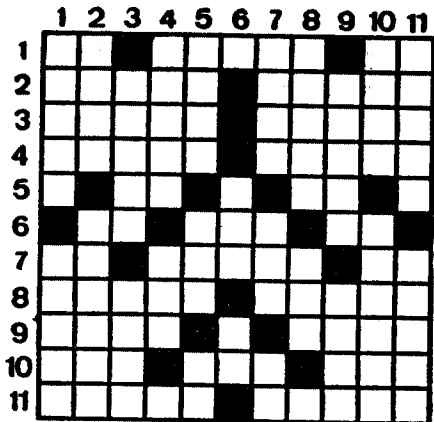
Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 5319

HORIZONTAIS: 1 — Apelido. Tenro. Nota musical. 2 — Cominho. Pedagos de febra de bacalhau. 3 — Rua estreita Safo. 4 — Escar-neceram. Aceno. 5 — Conjunção. Artigo definido. Campeão. Artigo definido. 6 — Amónio (s. q.). Pronome relativo. Atoma (abrev.). 7 — Viroção. Polira. Reis. 8 — Cubra com qualquer substân-cia mole. Imão de Moisés. 9 — Transfira para outro dia. Artigo definido. Fogueira. 10 — Ne-gotiva. Dois mil e cinco em romano. Oceano. 11 — Tostes Prendera com as gavinhas.

VERTICAIS: 1 — Rio de França e da Alema-nha. Sacode. 2 — Consente. Lavradas. 3 — Ofereceram. Cursos de água natural e abundante. 4 — Planícies entre montes. O vencimento diário de um soldado. 5 — Estavam. Pronome relativo. Monuscrito (abrev.). 6 — Muito. Grande ribeira da Ásia russa (7). 7 — Muito. Grande ribeira da Ásia russa (7). 8 — Muito. Grande ribeira da Ásia russa (7). 9 — Enfiastia. Pilha. 10 — Tripa de sardinha que serve de isca. Urdir. 11 — Separo. Costumara.

Resolva completamente este problema?
Procure agora em segundo posstempo o PRO-
VERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5318

HORIZONTAIS: 1 — Fonas. Salis. 2 — Alapa. Ature. 3 — Lesar. Ruais. 4 — Aa. Salda. SS. 5 — A. Uma. 6 — Aida. Boca. 7 — Reli. Moça. 8 — Restelo. 9 — Ru. Acera. Sô. 10 — Uma. Arc. Gap. 11 — Zelos. Adela.

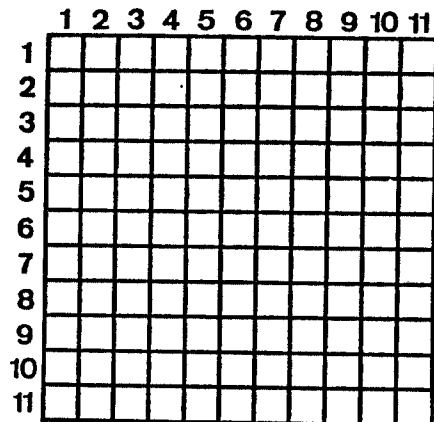
VERTICAIS: 1 — Palada. Cruz. 2 — Alea Ir. Ume. 3 — Nas. Ader. Al. 4 — Apas. Alea. 5 — Sarau. Iscas. 6 — Imã. Ter. 7 — Sarda. Merca. 8 — Atua. Bola. 9 — Lua Toco. Ge. 10 — Iris. Cã. Sol. 11 — Ressoa. Sopa.

Provérbio: A UMA BOCA, UMA SOPA.

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 9162

HORIZONTAIS: 1 — Apelido. Capital da Suíça. 2 — Escamecem. Dar mios. 3 — Apelido. Textualmente. Medida de superfície. 4 — Medida japonesa igual a dois decilitros. Limparia com água. Batrãquio. 5 — Queimar. Relativo aos rins. 6 — Encoleriza. Dão pios. 7 — Espaço de trinta dias. Rio da Suíça. 8 — Mulheres de baixa esta-tura. Espécie de dança muito variada e agitada, usada pelos Samoanos. 9 — Curso de água na-tural e abundante. Freguesia do concelho de Es-posende. Interjeição que imita pancada. 10 — Compaixão. Torna pior. Apelido. 11 — Corpo celeste. Naípe das cartas de jogar.

VERTICAIS: 1 — Brenha. Pregro miúdo para calçado. 2 — Elegante. Ninhos. 3 — Monarca. Nome de homem. 4 — Prefixo de negação. Deu-tes protectores do lar doméstico, entre os Ro-manos e os Etruscos. Prasiódimo (s. q.). 5 — Curas. Gume de instrumento cortante. 6 — Mil e quatro em romano. Animal doméstico. 7 — Na-me de peixe. Rezo. 8 — Preposição. Medida de capacidade usadas em determinadas localidades (ant.). Nesse lugar. 9 — Braço de mar. Eminên-cia em forma de pirâmide triangular, que se encontra no rosto e é a sede do olfacto. 10 — Contam. Navio. 11 — Pra'a. Unes por casa-mento.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9161

HORIZONTAIS: 1 — Farós. Prato. 2 — Afago. Eurós. 3 — Ritor. Romãs. 4 — Dai. Ter. Aro. 5 — Arabi. Assas. 6 — Ar. Si. 7 — It. Na. 8 — Canal Colmo. 9 — Ela. Ido. Aue. 10 — Sotão. Migar. 11 — Arais. Amora.

VERTICAIS: 1 — Fardo. Aceso. 2 — Atiara. Alar. 3 — Ráfia. Inata. 4 — Agã. Baia. Ad. 5 — Sotir. Lios. 7 — Perras. Coma. 8 — Rio. Sino. 11 — Ossos. Doera.

Provas da A.F.L.

Com os jogos correspon-dentes à 2.ª jornada pros-seguiu o «Distrital» de Re-servas das 1.ª e 2.ª Divisões, da A. F. L., apurando-se os seguintes resultados:

Casa Pia-Alhandra, 1-2; Atlético-Sintrense, 1-0; Oriental-Algés, 1-0; Tor-riense-Sacavenense, 1-0; Odivelas-Estoril, 2-1.

Como facto saliente da jornada, as primeiras der-rotas do Estoril, Sintrense e União, de Algés, assim co-mo as estreias a «vencer» do Atlético, Oriental e Tor-riense.

Classificação: 1.º Odivel-las (4-1), 6 pontos; 2.º, Alhandra (4-2), 6; 3.º, Sin-trense (6-2), 4; 4.º, Estoril (4-3), 4; 5.º, Algés (2-2), 4; 6.º, Torriense (2-2), 4; 7.º, Oriental (2-2), 4; 8.º, Atlé-tico (2-3), 4; 9.º, Casa Pia (2-8), 2; 10.º, Sacavenense (0-3), 2.

Nas partidas correspon-dentes à 4.ª jornada do «Distrital» de Juniores da 1.ª Divisão, efectuadas on-tem de manhã, registaram-se os seguintes resultados:

Série A — Algés-Sintren-se, 0-2; 1.º Dezembro-Cas-cais, 2-1; Casa Pia-S. Ama-dora, 1-0; Atlético-Oeiras, 10-0; Casalense-Belenenses 0-5; Estoril-Sporting, 0-4.

Classificação: 1.º Sporting (20-1), 12 pontos; 2.º, Be-lenenses (11-2), 10; 3.º, Atlé-tico (14-6), 9; 4.º, E. Ama-dora (8-4), 9; 5.º, Sintrense (6-7), 9; 6.º, Cascais (10-8), 8; 7.º, 1.º Dezembro (3-5), 8; 8.º, Casa Pia (4-9), 8; 9.º, Es-toril (5-8), 7; 10.º, Oeiras (2-4), 7, 11.º, Oeiras (0-14), 5; 12.º, Casalense (1-16), 4.

Série B — Vitoria-Malvei-

ra, 3-0; Alhandra-Sacave-nense, 1-0; Oriental-Loures, 0-1; Bucelenses - Benfica, 0-4; D. Olivais-Alverca, 0-1; Torriense-Odivelas, 2-1.

Classificação: 1.º Loures (7-1), 12 pontos; 2.º Tor-riense (7-2), 11; 3.º Odivel-las (14-3), 10; 4.º Benfica (10-1), 9; 5.º Alverca (4-2), 9; 6.º Vitoria (5-4), 7; 7.º Alhandra (1-1), 7; 8.º Sa-cavenense (4-6), 6; 9.º Mal-veira (3-7), 6; 10.º Oriental (4-9), 6; 11.º D. Olivais (1-10), 5; 12.º Bucelenses (0-14), 4.

Na jornada inaugural do «Distrital» de Juvenis, apu-raram-se os seguintes re-sultados:

Série A — Oeiras-Bele-nenses, 1-8; Cascais-Algés, 2-1; Dafundo - Carcavelos, 0-6; Vitoria-S. L. Aguias, 2-1.

Série B — Sintrense-Ope-rário, 2-0; Aguias-Sporting, 0-7; E. Amadora-Boa Hora, 3-0.

Série C — Torriense-Vi-lafrancense, 2-1; Vialon-ga-Prior Velho, 3-0; Benfi-ca-Azambuja, 10-0; Alver-ca-Alhandra, 2-2.

Série D — Casa Pia-Bela Vista (adiado); Palmense-Atlético, 1-2; D. Olivais-Cascalheira, 6-0; Loures-Fut. Benfica, 1-0.

Jornada fértil de golos (64) com relevo para as sé-ries A e B onde se regista-ram os resultados mais vo-lumosos.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua destocação utilize os combolos eléctricos.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa», de 6 de Outubro de 1939 pu-blicava:

«Passou ontem o 29.º aniversário da implantação da República, movimento idealista que marca uma fase decisiva na nossa His-tória. Há que reconhecer que a vida nacional em to-dos os aspectos desde essa data se tem desenvolvido, progressivamente. Sem esquecer as figuras que con-tribuíram para a fundação do regime, e lhe deram de-pois o melhor do seu es-forço e patriotismo, nos ul-timos anos o País tem conhecido uma segurança e uma prosperidade e uma grandeza que muito contri-buíram para o robusteci-mento da ideia republicana. Embora devido às circuns-tâncias não se tivessem fei-to festas comemorativas, o 5 de Outubro foi assinalado por manifestações de re-levo.»

NATAÇÃO

A época fechou... e as provas continuam

Na piscina de Algés dispu-tou-se ontem um torneio pa-ra nadadores de 8-9 anos, cuja realização suscitou sur-presa, pela simples razão de a época de 1969 ter sido en-cerrada oito dias antes.

Praticantes da modalidade no Algés e Dafundo, Benfica, Pedrouços e União Piedense acorreram á chamada e com eles se disputaram doze ani-madas provas, cujos vence-dores pertencem ao Algés, com 8 vitórias, Benfica, com 3 e Pedrouços, com uma.

Nas provas femininas, triunfaram.

33 m bruços — Ana Pau-la Borrego, (Algés) 39,2 s; 66 m livres — Alda Pedroso (Ped.), 1 m 6,1 s; 33 m, cos-tas — Sinda Neves, (Algés), 37,2 s; 66 m bruços — Suzana Serra (Algés), 1 m 20,5 s; 33 m livres — Maria João Candelas (Algés), 35,2 s; 66 m costas — Maria José Lamas (Algés), 1 m 12,1 s.

E nas competições mas-culinhas:

33 m costas — Paulo Fi-gueiredo Lopes (Bf), 32,6 s; 66 m bruços — Paulo Heitor e Silva (Bf), 1 m 21,5 s; 33 m livres — José Luís An-tunes (Algés), 27,9 s; 66 m costas — Paulo Frischk-recht (Algés), 1 m 18,4 s; 33 m bruços — Carlos Ba-nha (Algés), 34,7; 66 m li-vres — Paulo Heitor e Silva (Bf), 1 m 4,4 s.

Golfe

Com regularidade verdadei-ramente notável, de há vá-rios anos que as épocas de golfe, no Estoril, se inaugu-ram nos primeiros dias de Outubro.

Ontem disputou-se o pri-meiro torneio mensal da nova época. Em singulares-homens, por pancadas, com e sem abono. Baixa no nú-mero de concorrentes (em relação á prova da véspera), pois só 38 jogadores estive-ram em acção.

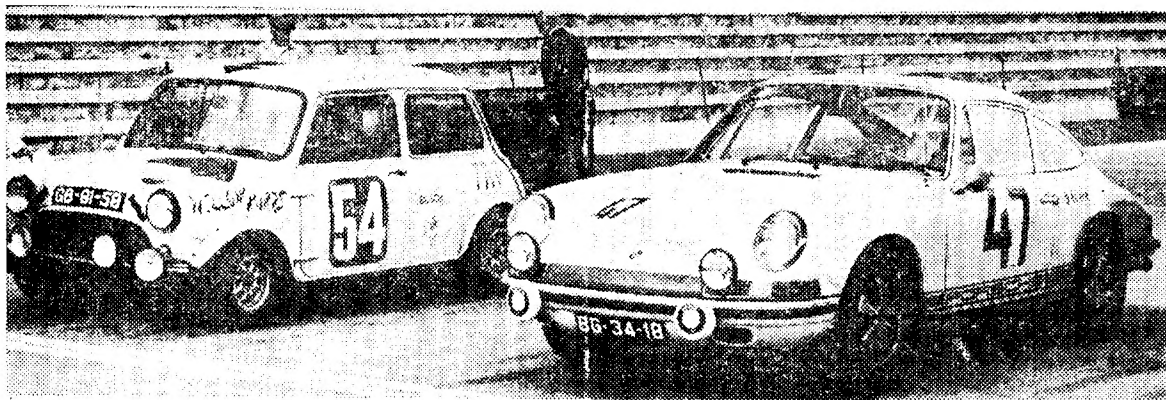
Classificação:

Com abono — 1.º F. C. Van Der Vyver, 64 pontos (78-14); 2.º, M. Azevedo Rua, 66 (79-13); 3.º, J. Salazar Sou-sa, 68 (78-10); 4.º, José Lara de Sousa e Melo (73-3); T. Hallerstaom (19-20) e Duarte Espírito Santo (76-6), todos com 70 pontos.

Sem abono — 1.º José L. Sousa e Melo, 76; 2.º, Duarte Espírito Santo, 73; 3.º, F. C. Van Der Vyver e J. Salazar Sousa, 78; 5.º M. Azevedo Rua 79.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

III «RALLYE» INTERNACIONAL TAP



No ano passado, em Alvalade, Colaço Marques (a esquerda), no «Cooper», amarelo, que fez um dos melhores tempos do circuito de Jarama, e viria a abandonar por despiste no troço da Lousã. A direita Américo Nunes que nas «volutinhas» do Estádio do Lima quebrou o semi-eixo do seu «Porsche». Reparado por ele próprio na pista, acabou por ceder durante a etapa seguinte

CENTO E SESSENTA CONCORRENTES NA PROVA DE ESTRADA PORTUGUESA DE MAIOR PROJECCÃO INTERNACIONAL

Um cheque de oitenta contos espera no próximo domingo um dos 160 concorrentes ao III «Rallye» Internacional TAP. Será, evidentemente, para o menos penalizado na prova de estrada e quem o ganhar merece-o bem.

E dizemos «menos penalizado» porque nenhum escapará «limpo»: o traçado da prova é de uma dureza tal que a grande maioria dos concorrentes que não desistirem por avaria mecânica ou erro de percurso irá ultrapassar o limite de tempo concedido para penalizações e mesmo para os melhores haverá certamente no fim do «rallye» pelo menos uma boa dose de tempo perdido.

Com algumas ausências (Ernesto Neves, por exemplo, que vai correr na Alemanha em Fórmula V) a «fina-llor» dos especialistas portugueses do «rallye» está inscrita: Américo Nunes e Colaço Marques em «Porsche», António Peixinho em «Alfa Romeo», José Lampreia em «Datsun», Francisco Romãozinho em «Citroen», Fernando Baptista e Luís Netto em «BLMC Cooper», Carpineiro Albino em «Saab», etc.

César Torres não corre: é o director da prova desde a sua primeira edição.

Há um numeroso grupo de estrangeiros inscritos. Muitos, desconhecidos, poderão deixar de o ser depois do III TAP. Mas outros há de cartaz: Tony Fall (o vencedor do ano passado) pilotará de novo um «Lancia».

J. Bourdon (3.º classificado no I TAP) em «Renault», Staepelaere («Ford»), Lucette Pointel («Citroen»), Hennerici (2.º classificado na recente Maratona da Estrada) em «BMW», Davenport em «Lancia», etc.

De Angola e Moçambique veio uma numerosa representação que, beneficiando da experiência colhida em 1968, vai certamente marcar boa posição. Os Açores e a Madeira têm também pilotos seus na prova.

Tudo se conjuga pois para que o III «Rallye» Internacional TAP registre o êxito do ano passado, em

que o dueto Hopkirk-Fall manteve até final o interesse e o «suspense».

É difícil um vaticínio em relação a este «rallye» embora, no que se refere aos concorrentes portugueses, a melhor classificação deva vir a sair do grupo Peixinho-Amaral. A verdade porém é que na estrada tudo pode acontecer (para além da chuva e nevoeiro, que todos esperam) e da assistência prestada e também da sorte dependem muito a classificação final.

A prova começa amanhã,

com partidas de vários pontos da Europa. Os concorrentes que partem de Lisboa saem às 10 horas de quarta-feira, fazem o itinerário da concentração até S. Sebastian, e o itinerário comum a partir desta cidade. A primeira etapa deste «rallye», S. Sebastian-Lisboa, tal como o itinerário de concentração, destina-se principalmente a «gastar» as equipas. O primeiro concorrente deverá chegar a Lisboa (ou melhor ao Casal do Marco, a 12 km a sul da ponte sobre o Tejo) às 2 e 56 do dia 9, faz a primeira prova de classificação em Alvalade às 14 e 30, e sai do Parque Eduardo VII para a 2.ª etapa às 20 horas desse mesmo dia.

Começa então a estrada «a sério»: Sintra, Gradil, Montejunto, Belver, Mesão Frio, Arganil, Tábua, Aguiar da Beira, etc.

No Porto, onde termina a 2.ª etapa e começa a terceira e última, há também «voltas» ao Estádio das Antas (10 e 30 do dia 11). A partida para a estrada será às 15 horas do dia 11 (das Antas), e as preocupações recomeçam (Alife, Soajo, Gerez, Caniçada, Baião, Arouca, Buçaco, Poiares, Arganil de novo, Lousã, Miranda do Corvo, Coimbra, etc.) e terminam, para a meia duzia que chegar, no Estoril, onde o 1.º concorrente é esperado às 10 e 55 de domingo. Nesse mesmo dia, ao meio-dia, realiza-se junto ao Casino a Prova Complementar.

As provas de classificação

São os seguintes os locais e horas (para o concorrente n.º 1) das provas de classificação:

PROENÇA-A-NOVA (na estrada municipal que vai do km 3,900 da E. N. 241-1 até ao km 21,200 da E. N. 241) 1 e 02 do dia 11.

CABRIL (na estrada florestal que vai do km 24,500 da E. N. 112 até ao km 7,500 da mesma E. N. 112) 3 e 08 do dia 11.

AGUIAR DA BEIRA (na estrada que vai do km 49,300 da E. N. 229 até ao km 61,400 da E. N. 226) 6 e 24 do dia 11.

ORBACEM (na estrada florestal que vai do km 7,400 da E. N. 305 até a km 1,100 da E. N. 301) 16 e 58 do dia 11.

GEREZ (depois de Covide, na estrada sem marcos que termina no km 4,400 da E. N. 308-1) 20 e 12 do dia 11.

CABREIRA (na estrada florestal que vai do km 89,200 da E. N. 304 até ao km 98,700 da mesma E. N. 304) 20 e 46 do dia 11.

ALVARENGA-AROUCA (na estrada que vai do km 18,000 ao km 2,000 da E. N. 326-1) 00 e 24 do dia 12.

LOUSA (depois do km 27,000 da E. N. 236) 5 e 37 do dia 12.

PALESTRA DO DR. SILVA ROCHA ESTA NOITE, NO SPORTING



O dr. João da Silva Rocha, médico do Belenenses e da selecção nacional de futebol, estará esta noite, a partir das 21 e 30, na sede do Sporting (na Rua do Passadiço) onde profere uma palestra subordinada ao título «Estado, Nação, Educação e Desporto perante a revolução científico-técnica».

Esta palestra integra-se na sessão de abertura da temporada de ginástica do Sporting e proporcionará certamente

te uteis ensinamentos a quantos se interessam, em profundidade, pela causa desportiva pois o conferente além de médico de grande prestígio é um atento e lucido observador dos problemas em causa.



o lapis do Pargana
COMENTA...



O Benfica não precisou de correr, apenas foi escrever... autógrafos.



Melhor a «lição» lá...



do que cá?...



O Sporting, mais fera, cá...



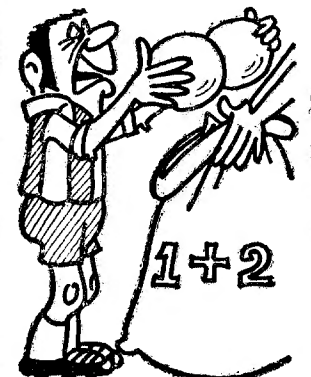
e mais manso. lá...



O Setúbal, lá como cá...



...«deu de comer à dor»... Assim a selecção faça o mesmo!



O Porto confirmou...



O Guimarães... «fechou»!



...e, agora, selecção, põe os olhos nos teus clubes!...